



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CARLOS EDUARDO MUNIZ BORGES

ATRAVESSANDO PARALELAS: uma análise da cosmovisão conservadora no
Programa *Red Pill* da Brasil Paralelo

Recife

2026

CARLOS EDUARDO MUNIZ BORGES

ATRAVESSANDO PARALELAS: uma análise da cosmovisão conservadora no
Programa *Red Pill* da Brasil Paralelo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Processos sociais, desigualdades e diversidades culturais.

Orientadora: Giuseppa Maria Daniel
Spenillo

Recife
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

B732a Borges, Carlos Eduardo Muniz.
Atravessando paralelas: uma análise da cosmovisão conservadora no Programa *Red Pill* da Brasil Paralelo / Carlos Eduardo Muniz Borges. — Recife, 2026.
106 f.

Orientador(a): Giuseppa Maria Daniel Spenillo.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Política identitária - Aspectos sociais. 2. Conservadorismo. 3. Colonialismo . 4. Extremistas ideológicos 5. Conflito cultural. I. Spenillo, Giuseppa Maria Daniel, orient. II. Título

CDD 300

CARLOS EDUARDO MUNIZ BORGES

ATRAVESSANDO PARALELAS: uma análise da cosmovisão conservadora no
Programa *Red Pill* da Brasil Paralelo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovado (a) em: 23 / 02 / 2026.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Giuseppa Maria Daniel Spenillo (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Aristeu Portela Júnior (Examinador Interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Carolina Dantas de Figueiredo (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos de modo que fizesse justiça a todas as pessoas que contribuíram com a minha formação resultaria em um texto quase tão extenso quanto a dissertação. Superar os desafios do processo de formação é sempre uma realização coletiva, e mesmo correndo o risco de esquecer alguém, vou arriscar.

Agradeço à minha família, que sempre foi minha principal incentivadora. Tudo o que eu sou devo a vocês. Aos meus pais, que sempre acreditaram na educação e que com muito esforço e sacrifício me possibilitaram viver o que lhes foi negado. À Nayara, minha companheira, obrigado por todo o carinho, cuidado e paciência. És uma inesgotável fonte de encantamento. Tenho muita sorte de poder dividir a vida com você, e muito orgulho de ti e da família que estamos construindo.

Gostaria de agradecer a Universidade Federal Rural de Pernambuco, que tão bem me acolheu. Gratidão ao corpo docente da Universidade, em especial às professoras Grazia Cardoso e Giuseppa Spenillo. À Grazia, agradeço pelas divertidas conversas, dicas e conselhos. O trajeto era bastante agradável. À Giuseppa, agradeço a parceria e incentivo. Mais que uma orientadora, a professora se tornou uma referência intelectual, profissional e humanitária.

Também agradeço aos membros da banca, Aristeu Portela Júnior e Carolina Dantas de Figueiredo, que gentilmente aceitaram o convite e forneceram valiosas contribuições ao trabalho.

A Universidade também me deu amigos incríveis. A todos e todas do grupo *Gadolândia*, vocês têm minha total admiração. É muito legal ver vocês conquistando o mundo. À Carina, muito obrigado pela companhia ao longo do percurso. À Mylena, agradeço o companheirismo e amizade. Eu admiro muito a sua inteligência. A vocês, é muito bom ter com quem dividir as alegrias e ansiedades.

Também agradeço à “maior biblioteca virtual do mundo” por facilitar o acesso ao conhecimento e a cultura. Agradeço à CAPES por financiar esta pesquisa.

RESUMO

Como, por meio do Programa *Red Pill*, a produtora Brasil Paralelo utiliza o entretenimento como estratégia de difusão de conteúdo ideológico? Na busca por responder esta questão, a presente dissertação tem o objetivo de apresentar uma análise das formas que o *Red Pill* utiliza do entretenimento enquanto estratégia de difusão de uma cosmovisão conservadora. A hipótese afirma que a produtora, ao trazer convidados que compartilham dessa mesma cosmovisão para discutir as temáticas do Programa, utiliza de táticas de guerra cultural e metapolítica. Partindo de uma perspectiva crítica, a investigação apoia-se na técnica da observação, adaptando-a ao campo digital, e na análise hermenêutica para interpretar as mensagens proferidas nos episódios do Programa, categorizado em três eixos analíticos: gênero e sexualidade; política, ideologia e guerra cultural; ciência e produção do conhecimento. Os resultados confirmam a hipótese, demonstrando que há, ao longo dos episódios, uma profunda influência do conservadorismo na interpretação dada às obras cinematográficas abordadas. A pesquisa visa contribuir às Ciências Sociais ao oferecer uma análise de como novos atores políticos articulam entretenimento e propaganda ideológica nas plataformas de comunicação na era do colonialismo digital.

Palavras-chave: Política identitária – aspectos sociais; conservadorismo; colonialismo; extremistas ideológicos; conflito cultural.

ABSTRACT

How does the producer Brasil Paralelo use entertainment as a strategy for disseminating ideological content through the Red Pill Program? In seeking to answer this question, this dissertation aims to present an analysis of the ways in which *Red Pill* utilizes entertainment as a strategy for disseminating a conservative worldview. The hypothesis posits that the producer, by inviting guests who share this same worldview to discuss the Program's themes, employs tactics of cultural war and metapolitics. Starting from a critical perspective, the investigation relies on the technique of observation, adapted to the digital field, and on hermeneutic analysis to interpret the messages presented in the Program's episodes, categorized into three analytical axes: gender and sexuality; politics, ideology, and cultural war; and science and the production of knowledge. The results confirm the hypothesis, demonstrating that throughout the episodes there is a profound influence of conservatism on the interpretation given to the cinematic works discussed. The research aims to contribute to the Social Sciences by offering an analysis of how new political actors articulate entertainment and ideological propaganda on communication platforms in the era of digital colonialism.

Keywords: Identity politics – social aspects; conservatism; colonialism; ideological extremists; cultural conflict.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Caracterização dos episódios do Red Pill	26
Quadro 2	Participantes do Red Pill, por episódio	28-29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Frequência de menções aos temas	61-62
----------	---------------------------------	-------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing
PT	Partido dos Trabalhadores
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Science</i>
UFMG	Universidade Federal De Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO	19
1.1 Apresentação dos métodos	19
1.1.1 Apreensão do digital: a observação na coleta	19
1.1.2 Compreensão do digital: a hermenêutica na interpretação	22
1.2 Apresentação do <i>corpus</i> : o Programa <i>Red Pill</i>	25
2 CONSTRUINDO O CENÁRIO: O COLONIALISMO DIGITAL COMO PARADIGMA ATUAL DA INTERNET	30
2.1 <i>A world wide web</i> : da disputa pelos rumos da tecnologia à formação das <i>big techs</i>	30
2.2 A consolidação das <i>big techs</i> e o surgimento do colonialismo digital	34
2.3 <i>A big-tech YouTube</i> : entre o repositório de vídeos <i>online</i> e o monopólio de mídia	41
2.3.1 O <i>YouTube</i> como ferramenta do colonialismo digital: usos políticos e guerra cultural	44
3 TRAÇANDO PARALELOS: AS BASES DA COSMOVISÃO CONSERVADORA E A CONSTRUÇÃO DA BRASIL PARALELO	47
3.1 As fundações ideológicas: o pensamento conservador e a lógica da guerra cultural	47
3.2 A criação da Brasil Paralelo: a ambivalência entre a empresa de mídia e a militância política	53
3.3 <i>Entretenimento que educa</i> : A <i>BP Select</i> como exemplo de propaganda metapolítica	58
4 “QUAL A RED PILL DA NOITE?”: DISSECANDO OS EIXOS TEMÁTICOS DA ESTRATÉGIA DISCURSIVA DO <i>PODCAST</i>	61
4.1 Apresentação e sistematização do conteúdo coletado	61
4.2 Ideologia, política e guerra cultural	63
4.2.1 Novos inimigos: o globalismo	63
4.2.2 Antigos inimigos, novas roupagens: o progressismo como atualização do comunismo	69
4.2.3 Outras questões: nacionalismo pró-ocidente e críticas à democracia	75
4.3 Gênero e sexualidade	77
4.3.1 O feminismo como ideologia a ser combatida	77
4.3.2 Papéis tradicionais de gênero como algo a ser preservado	84
4.3.3 A agenda LGBT	89
4.4 Ciência e produção do conhecimento	93
4.4.1 Negacionismo científico	93
4.4.2 Padrão colonial de cultura	98
Considerações finais	102
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

Desde criança sou fascinado por histórias de fantasia. Adorava o desenho “A Caverna do Dragão”. Algum tempo depois descobri o *RPG*¹, um tipo de jogo em que você e outros jogadores coletivamente criavam uma história, e isso expandiu meus horizontes de uma maneira inacreditável. Era possível ser um poderoso mago que soltava bolas de fogo, um druida que poderia se transformar em um gigantesco urso, um ladino capaz de se esconder e ficar praticamente invisível em plena luz do dia. Tudo o que precisava era de alguma sorte nos dados e muita imaginação.

Se tive acesso a isso, foi principalmente graças a popularização da *internet*. Também pela *internet*, dessa vez um pouco mais velho, pude observar a construção de um discurso que me lembrava uma campanha de *RPG*. Ele se referia a coisas como *uma luta do bem contra o mal* que buscava *defender os princípios da civilização ocidental*, fazia menção às cruzadas medievais e tinha como objetivo *salvar a nação da decadência cultural*. Era uma narrativa que combinava obscurantismo religioso com conservadorismo político. O que parecia atrativo a *nerds* iguais a mim, de repente ganhou tração e, impulsionado pelas plataformas digitais, passou a pautar a disputa política na qual o Brasil estava imerso.

Uma vez que o intuito deste trabalho é analisar estratégias de difusão ideológica por meio do entretenimento, decidi iniciá-lo com um relato pessoal. A escolha se deu pois, como um jovem usuário da *internet*, estive exposto e consegui acompanhar a popularização desta narrativa. E, dentre as várias figuras que a replicavam, a Brasil Paralelo ganhou destaque e relevância.

Criada na cidade de Porto Alegre no ano de 2016 e atualmente sediada em São Paulo, a Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A se apresenta como “uma empresa privada de jornalismo, entretenimento e educação”. Seus fundadores, homens jovens e especializados na área de *marketing*, publicidade e propaganda, se inspiraram no filme *Interestelar* na escolha do nome e do logotipo. Ambos fazem alusão ao buraco negro Gargântua, apresentado no filme, mesclado a elementos da bandeira do Brasil. Apesar de manter um *site* que publica notícias e colunas de opinião, o foco é no conteúdo audiovisual, com “[...] mais de 100 produções originais que alcançaram milhões de espectadores” (Brasil Paralelo, 2022a).

¹ Sigla em inglês para *role-playing game*, ou jogo de interpretações de papéis.

Por esse motivo, a unidade referencial deste estudo é o Programa *Red Pill*, da referida produtora, que consiste em uma *playlist*² no canal de *YouTube* e é composto por 11 vídeos, totalizando aproximadamente 16 horas. Exibido entre outubro de 2021 e dezembro de 2022, o *Red Pill* era apresentado como um *cinecast*, ou seja, um *podcast*³ destinado a discutir e interpretar filmes. O nome faz referência ao filme *Matrix*, onde é oferecida ao protagonista uma pílula vermelha, que o possibilita ver como o mundo realmente funciona. No cinema, o mundo que a *Red Pill* apresentou foi um cenário pós-apocalíptico de escravização dos humanos pelas máquinas; na *internet*, essa noção foi apropriada por grupos masculinistas (Amato, Fuchs, 2022) e constitui uma narrativa de dominação masculina ameaçada pelo feminismo. Entendo que a escolha do título se dá em razão de *marketing*, o que será discutido mais adiante, na terceira seção.

À primeira vista, pode parecer curioso empenhar esforços para investigar um canal no *YouTube*. Porém, um olhar mais atencioso justifica a validade desse trabalho, uma vez que a partir do *YouTube* foram criadas grandes empresas de mídia e entretenimento, sendo a Brasil Paralelo um dos melhores exemplos. Os números ostentados pela empresa demonstram uma trajetória de grande êxito comercial, alcançando a marca de 9,5 milhões de seguidores nas redes sociais (Brasil Paralelo, 2025) e chegando a faturar R\$ 150 milhões em assinaturas, apenas no ano de 2022 (Amorim, 2023). Isso porque, conforme será aprofundado posteriormente, a empresa mescla dois modelos de *streaming*⁴ e possui, além do canal, uma plataforma de vídeos própria, chamada de *BP Select*. Este amplo alcance concede à companhia uma posição de destaque no debate público.

Devido a essa crescente influência na *internet*, há uma crescente bibliografia sobre a chamada “nova direita brasileira” no geral e sobre a Brasil Paralelo em particular. No entanto, grande parte dos estudos são dedicados a realizar um debate historiográfico sobre as produções da empresa, onde o empenho está mais voltado para refutar inverdades, questionar fontes, contextualizar questões e esclarecer equívocos.

² Como são conhecidos conjuntos de vídeos organizados em uma lista de reprodução no *YouTube*.

³ *Podcast* é um programa em áudio ou vídeo, geralmente em formato episódico, que trata de temas específicos. Bastante comparado a programas de rádio.

⁴ A transmissão de conteúdo em tempo real pela *internet*, sem a necessidade de hospedar o arquivo no dispositivo.

Trago como exemplo a dissertação de Mayara Balestro (2021), defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, intitulada *Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil Paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020)*. Nela, a autora aciona o conceito de aparelhos privados de hegemonia, para investigar a articulação da empresa com outros institutos da nova direita, discutindo a disputa da ciência história por esses atores, apontando como o revisionismo histórico ocupa lugar central na disputa de narrativas. Outra pesquisa, o trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina da Universidade Federal de Integração Latino-Americana, por Bianca de Albuquerque (2022) e nomeada de *A produtora Brasil Paralelo na guerra cultural da extrema direita: “1964: o Brasil entre armas e livros”*, também examina as batalhas pela memória desenvolvidas nas produções audiovisuais da empresa. Nas ciências sociais, uma obra de destaque é o livro *Tecnoconservadorismo e o Brasil Paralelo* (Rosa et al., 2024). Nele, os autores elaboram o conceito de tecnoconservadorismo, entendido como um certo conservadorismo fabricado a partir do uso das tecnologias da informação. Esse tipo de conservadorismo foi articulado através do escritor Olavo de Carvalho, sendo a Brasil Paralelo parte da difusão desse conteúdo.

Partindo desses trabalhos, vejo como lacuna o fato de que todos eles se dedicaram ao debate historiográfico. Isto fica explícito no material que as obras analisaram, sendo principalmente duas séries documentais: *1964: o Brasil entre armas e livros*; e *Brasil: A última cruzada*, ambos de conteúdo revisionista sobre a história do país, principalmente sobre ditadura civil-militar e o período colonial. Assim, a importância deste estudo reside em utilizar as ferramentas analíticas das Ciências Sociais e, na medida em que se afasta do debate historiográfico conduzido por eles, focar no discurso emitido no Programa *Red Pill* para entender o papel desempenhado pela interpretação de obras de entretenimento na guerra cultural conduzida pela produtora, mergulhar nas referências que fundamentam a cosmovisão⁵ conservadora e explicitar como essas ideias aparecem nos vídeos.

⁵ Conjunto de crenças e valores pelos quais um indivíduo, grupo ou sociedade interpretam a realidade, a vida ou o mundo que os cerca.

Por esse motivo, a problemática norteadora dessa pesquisa é a seguinte: como, por meio do Programa *Red Pill*, a produtora Brasil Paralelo utiliza o entretenimento como estratégia de difusão de conteúdo ideológico? Para respondê-la, levanto a hipótese de que os mecanismos de metapolítica e guerra cultural são utilizados quando os convidados e as temáticas abordadas no programa compartilham de uma cosmovisão conservadora, configurando uma forma de difusão de conteúdo ideológico por meio do entretenimento.

Ao me referir a guerra cultural, sigo a definição de que se trata de “um conjunto de conflitos ideológicos que emergem em sociedades marcadas por divisões profundas sobre questões de identidade, moralidade e valores” (Gerônimo, Santana, 2024, p. 594), enquanto metapolítica é o entendimento de que os valores são forjados no terreno da cultura e não através da política eleitoral (Teitelbaum, 2020). Ou seja, guerra cultural é uma ferramenta retórica de mobilização, conforme apontado por Frederico Santos (2021), enquanto a metapolítica é uma estratégia política.

Deste modo, o principal objetivo desta dissertação é apresentar uma análise de como o programa *Red Pill*, da produtora Brasil Paralelo, no contexto da guerra cultural, utiliza do entretenimento enquanto estratégia de difusão de uma cosmovisão conservadora.

Para realizar os objetivos propostos, uma vez que esta pesquisa é de natureza explicativa, é utilizada uma metodologia qualitativa. Como a unidade referencial deste estudo são vídeos disponibilizados publicamente na *internet*, disponível a todo usuário do *YouTube*, a interação é restrita a assistir o conteúdo. Por esse motivo, a técnica mais apropriada para a coleta de dados é a da observação não participante (Lakatos, Marconi, 2003). O processo de interpretação dos dados obtidos ocorreu a partir da hermenêutica, que permitiu explorar conceitos e interpretar com maior profundidade o discurso emitido ao longo dos episódios (Sidi, Conte, 2017).

Assim, esta dissertação está dividida em quatro seções, refletindo objetivos mais específicos. No início do percurso, a seção 1 traz a abordagem metodológica de uma maneira mais aprofundada. Nela, apresento os desafios da coleta de dados no campo digital e o uso da observação não participante como técnica de coleta. Também relato como a hermenêutica possibilitou a profunda compreensão das falas emitidas ao longo dos episódios. Após a discussão metodológica, há uma caracterização do sujeito da pesquisa, trazendo detalhes do Programa *Red Pill*, identificando os episódios, apresentadores, convidados, temas e filmes abordados.

Após esse momento, propus um debate sobre a plataforma digital que hospeda o programa, visando discutir de que modo o campo digital impacta o consumo de entretenimento e favorece a estratégia de guerra cultural. Por isso, a segunda seção foi dedicada a entender como o paradigma atual da *internet* se consolidou. Para isso, mobilizo o conceito de colonialismo digital para compreender como o *YouTube* se transformou em um monopólio e impactou os modos de consumo de entretenimento.

Na terceira seção, busquei contextualizar o papel da Brasil Paralelo e do Programa *Red Pill* nas disputas ideológicas do Brasil contemporâneo e mapear o referencial teórico que fundamentam a cosmovisão veiculada pela produtora. Para isso, investiguei a relação entre o conservadorismo pensado pela Brasil Paralelo e a tradição conservadora brasileira. Depois, discorro sobre o caldo cultural ao qual a produtora foi criada e as estratégias de propaganda que a transformaram em um dos principais veículos de comunicação da *internet* brasileira.

Por fim, a quarta seção se encarrega de identificar os padrões discursivos e temáticos dos episódios do *Red Pill* e interpretar a articulação entre as referências teóricas da produtora e as ideias apresentadas no Programa. A partir da sistematização do material coletado, exponho como as ideias conservadoras aparecem, indicando como a guerra cultural costura episódios com diferentes temas e articula entretenimento e projeto político. Desse modo, interpretei a forma que questões caras às Ciências Sociais aparecem nos vídeos, a partir de três eixos principais: ideologia, política e guerra cultural; gênero e sexualidade; ciência e produção do conhecimento.

1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Esta seção dedica-se a expor e justificar os procedimentos de investigação que fundamentam este estudo. Inicialmente, há a apresentação e discussão dos métodos escolhidos para a coleta e a interpretação dos dados. Em seguida, realizo uma caracterização detalhada do *corpus*, descrevendo a estrutura do Programa *Red Pill*, os temas abordados e os participantes, de modo a preparar o terreno para, em conjunto com o percurso teórico, fundamentar a leitura analítica.

1.1 Apresentação dos métodos

Para a realização deste estudo, recorri a uma abordagem qualitativa, combinando o uso de duas ferramentas: a observação simples e a análise hermenêutica. Em primeiro lugar, detalho as vantagens e desafios da adaptação da observação como principal técnica de coleta de material audiovisual publicado na *internet*. Depois, justifico a opção pelo uso da hermenêutica como ferramenta central de interpretação do material coletado.

1.1.1 Apreensão do digital: a observação na coleta

Com a crescente importância do âmbito digital nas vidas humanas, crescem também os estudos cujo *corpus* encontram-se neste campo. Por esse motivo, há um progressivo desenvolvimento de métodos de coleta, análise e interpretação de dados focados na compreensão do digital, além da adaptação no uso de ferramentas mais convencionais para tal compreensão. Algumas destas técnicas são formas de automatização de processos outrora analógicos, como a Análise de Conteúdo Computacional e as entrevistas realizadas por meios *online*, além das ferramentas estatísticas. Há, ainda, formas de observação participante, a exemplo da netnografia (Kozinets, 2014) ou etnografia virtual.

Sobre a netnografia, considere o emprego desta, uma vez que a seção de comentários no *YouTube* poderia fornecer um tipo de interação direta com a comunidade agrupada em torno do Programa, possibilitando *insights* sobre o nível de aceitação das ideias veiculadas ali, a receptividade do público em relação aos

participantes do vídeo, dentre outros fatores. Contudo, Robert Zozinets (2014, p. 93) afirma que

Coleta de dados em netnografia significa comunicar-se com membros de uma cultura ou comunidade. Essa comunicação pode assumir muitas formas. Mas, qualquer forma que ela assuma implica envolvimento, engajamento, contato, interação, comunhão, relação, colaboração e conexão com membros da comunidade – não com um website da rede, servidor ou teclado, mas com as pessoas no outro extremo (Kozinets, 2014, p. 93).

A opção pela não utilização da netnografia deu-se, principalmente, por dois fatores mais ou menos correlacionados: a lógica de funcionamento do *YouTube* e a postura reativa dessas comunidades. Os vídeos foram publicados entre os anos de 2021 e 2022. A dinâmica do *YouTube* exige que os produtores atualizem constantemente seu conteúdo, produzindo e publicando diariamente novos vídeos. Isso faz com que conteúdos “antigos” percam popularidade no *site*, conseqüentemente perdendo o potencial de engajamento, de tal modo que resgatar esses vídeos e tentar interações através de comentários acaba por demonstrar-se uma tarefa complexa. Outro fator é a impessoalidade das contas do *YouTube*. A não ser que seja uma conta de um criador de conteúdo, dificilmente aquele usuário terá um perfil desenvolvido, ou um uso contínuo, ao menos no que se refere a interações.

Deste modo, a opção para a realização deste estudo foi adequar, durante a fase da coleta de dados, a técnica da observação não participante (Lakatos, Marconi, 2017) ou simples (Gil, 1987). Segundo Augusto Triviños (1987, p. 140), “é indispensável que o pesquisador tenha claro, ao iniciar uma pesquisa, que dados será aquilo que procurará, fundamentalmente, em torno do fenômeno que pensa estudar”. Além disso, Triviños (1987) também aponta que o pesquisador sempre atua como observador. No mesmo sentido, Antônio Carlos Gil (1987, p. 104) afirma que “a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa”. Gil (1987) também defende que

É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada na coleta de dados; ou conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. Por ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação (Gil, 1987, p. 104).

Para Marina Marconi e Eva Lakatos (2017),

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar (Lakatos, Marconi, 2017, p. 320).

Gil (1987, p. 105) sugere ainda que “por observação simples entende-se aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que ali ocorrem”, e isso pode aparentar uma possível limitação, uma vez que a espontaneidade é dificultada nos vídeos, já que há toda uma produção por detrás deles. A alteração na espontaneidade, inclusive, é apontada como uma deficiência da observação (Brasil, 2023), seja ela presencial ou virtual. No entanto, além do fato de que o que é espontâneo, nesta pesquisa, é a observação, e não o fenômeno, o foco neste trabalho está no que é dito e seus contextos, em como a cosmovisão conservadora é propagada.

Mas, ao mesmo tempo, esse foi um dos motivos pela escolha da observação, uma vez que se trata de vídeos publicamente disponíveis, pois, segundo Gil (1987, p. 106), “a observação simples é muito útil quando é dirigida ao conhecimento de fatos ou situações que tenham certo caráter público, ou que pelo menos não se situem estritamente no âmbito das condutas privadas”.

Lakatos e Marconi (2017), apesar de usarem a nomenclatura de observação não participante, apontam que o pesquisador, nesse caso, “faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático” (Lakatos, Marconi, 2017, p. 324).

No que se refere ao caráter sistemático, Lakatos e Marconi (2017) afirmam que “na observação sistemática, o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe” (Lakatos, Marconi, 2017, p. 323).

Por fim, Gil (1987) destaca que a observação

[...] Vai além da simples constatação dos fatos. Em qualquer circunstância, exige um mínimo de controle na obtenção dos dados. Além disso, a coleta de dados por observação é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requerido dos procedimentos científicos (Gil, 1987, p. 106).

Além de que,

Como já foi indicado, na observação sistemática o pesquisador, antes da coleta de dados, elabora um plano específico para a organização e o registro de informações. Isto implica estabelecer, antecipadamente, as categorias necessárias à análise da situação (Gil, 1987, p. 109).

Apoiado nesta base teórica, o procedimento adotado foi assistir aos vídeos em diferentes etapas da pesquisa, com diferentes finalidades. Em um primeiro momento o fiz como um usuário comum da *internet*. Esta etapa foi curiosa, pois eu sou e não sou o público-alvo do *podcast*. Na mesma medida em que tenho interesse em temas abordados em alguns dos episódios, um vídeo da Brasil Paralelo jamais seria uma opção que eu consideraria para eventuais análises, explicações ou mesmo entretenimento. Inicialmente achei que tal afastamento se daria apenas por questões políticas ou ideológicas. Depois, vi que era principalmente por uma questão de gosto. Devo confessar que achei os vídeos extremamente entediantes e assisti-los como um fã de ficção científica, por exemplo, foi extremamente desafiador.

Em um segundo momento os vídeos foram vistos sob uma ótica diferente. De certa forma havia uma maturidade maior na pesquisa, a maior parte da bibliografia já havia sido definida, uma boa parte das leituras realizadas e eu estava mais familiarizado com as produções da Brasil Paralelo. Aqui, o Programa passou a ser encarado como elemento da pesquisa, de maneira que a observação sistemática demandou assistir aos episódios mais de uma vez. Nesta etapa, adotei o procedimento⁶ de ver os vídeos e anotar os temas abordados em cada um dos episódios, a minutagem em que as discussões mudam, algumas falas que se destacavam, as vezes que ocasionalmente citavam algum autor ou autora e principalmente, as vezes em que alguma fala reproduzia alguma noção encontrada nas leituras de pensadores conservadores.

Junto a coleta desse material, iniciei o processo de interpretação das informações através da hermenêutica, sendo esta ferramenta escolhida justamente por permitir interpretar os significados presentes no discurso e no contexto social no qual os vídeos foram produzidos.

1.1.2 Compreensão do digital: a hermenêutica na interpretação

Apesar de, por motivos de melhor organização textual e estruturação de ideias, as etapas de coleta e análise de dados, neste texto, parecerem momentos distintos,

⁶ Pode ser entendido como uma forma de decupagem, ou seja, de divisão do roteiro dos vídeos em cenas e falas. Diferentemente da decupagem no cinema, voltada ao planejamento da produção, aqui o uso foi estritamente documental, uma técnica de registro e apreensão dos conteúdos para posterior análise.

em pesquisa qualitativa estes são processos intimamente correlacionados. Augusto Triviños (1987, p. 170) afirma que esse tipo de pesquisa “não estabelece separações marcadas entre a coleta de informações e a interpretação das mesmas”.

Cabe destacar que há uma diferença entre as ideias de análise e interpretação. Sobre essa distinção, Romeu Gomes (2009) aponta que

Na análise o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas e, por último, na interpretação – que pode ser feita após a análise ou após a descrição – buscam-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado (Gomes, 2009, p. 80).

Apesar disso, Antônio Carlos Gil (1987, p. 188) explica que “[...] a análise e a interpretação dos dados da pesquisa constituem processos estreitamente relacionados. Por essa razão, não é muito fácil definir onde termina a análise e começa a interpretação”, e que

A análise da pesquisa pode ser feita mediante determinadas regras, ao passo que a interpretação não está submetida a qualquer cânone. Não existem, pois, normas que indiquem os procedimentos a serem adotados no processo de interpretação dos dados. O que existe na literatura especializada são recomendações para que a interpretação não comprometa a pesquisa.

Desse modo, a escolha foi realizar a interpretação através da hermenêutica. Mais do que uma técnica analítica, a hermenêutica, definida por Lawrence Schmidt (2012) como a arte da compreensão, possui uma sólida tradição filosófica. Nas palavras de Pilar Sidi e Elaine Conte (2017, p. 2),

Vale enfatizar que ao voltarmos nosso olhar para a palavra hermenêutica, encontramos diversos significados, que são ilustrados e definidos historicamente, e vão desde a arte de interpretar os livros sagrados, os textos antigos, os sinais e os símbolos da cultura. Na verdade, a hermenêutica reconfigura a interdependência linguística, que reconhece a voz do outro e implica reconstrução aberta à interpretação contextualizada, privilegiando os discursos dos sujeitos, de onde brotam novos sentidos expressivos à apropriação dos estudos históricos.

Schmidt, no mesmo sentido, entende que “o objetivo da prática hermenêutica é compreender corretamente aquilo que foi expressado por outra pessoa, especialmente na forma escrita” (Schmidt, 2012, p. 27). Com isso, é possível notar que esta é uma abordagem que possibilita uma interpretação aberta das posições e visões de mundo do outro, possibilitando um diálogo com as diferenças. Assim, Sidi e Conte (2017, p. 3) afirmam que “a hermenêutica busca uma reflexão e uma compreensão sobre aquilo que vemos, lemos, vivenciamos, criando uma cultura imersa em diferentes tradições e experiências.

Na medida em que lemos o mundo, uma vez que todas as produções humanas podem ser consideradas como texto (Sidi, Conte, 2017), nos reconhecemos a partir da experiência da interpretação e relacionamos o outro com a nossa própria visão de mundo, além de articular aspectos visíveis e invisíveis da comunicação. Em um contexto como o da presente pesquisa, essa é uma questão fundamental, pois o objeto de interpretação são discursos emitidos por indivíduos que, associados a uma posição ideológica específica, nomeadamente o conservadorismo, afirmam tratar-se de um conteúdo isento de ideologia.

Partindo desta premissa, recorro a definição de ideologia traçada por Umberto Eco (1972, p. 84), que a entende como “o universo do saber do destinatário e do grupo a que pertence, os seus sistemas de expectativas psicológicas, suas atitudes mentais, a experiência por ele adquirida, os seus princípios morais”. Eco (1972) ainda afirma que a ideologia de um indivíduo só pode ser reconhecida quando seu pensamento é socializado, compartilhado com seus semelhantes.

Nesse sentido, a partir da perspectiva hermenêutica, entendo as falas emitidas no programa *Red Pill* como um discurso que transmite uma posição ideológica, uma vez que são mais que ideias compartilhadas entre semelhantes. Elas desfrutam de intencionalidade e buscam, sobretudo, integrar o possível espectador à cosmovisão conservadora defendida pela produtora, atuando como um instrumento estratégico de persuasão ideológica e ampliação do alcance do projeto político e social. Por isso a hermenêutica é de grande utilidade, uma vez que ela possibilita a interpretação do que é dito, relacionando-o com o contexto em que foi pronunciado.

Em relação aos aspectos mais operacionais da interpretação, a escolha foi a de agrupar os tópicos não por episódio, mas por categorias que expressam conceitos, pois foi observado que algumas temáticas correlacionam os vídeos. Esta categorização permitiu que a análise não se restringisse aos episódios isoladamente, mas que apreendesse o subtexto comum entre esses materiais, revelando como eles dialogam, mesmo que indiretamente, com ideias de autores conservadores e com as disputas políticas do período, na qual alguns dos integrantes do *podcast* participavam ativamente.

A primeira categoria analisa os discursos agrupados sob o eixo ideologia, política e guerra cultural, entendido como o núcleo central que estrutura e conecta a narrativa ao longo dos episódios que compõem o *corpus*. A escolha por esta associação de diferentes conceitos ocorreu devido a correlação entre eles.

A segunda categoria investiga a construção e representação das noções de gênero e sexualidade, que aparecem, principalmente, sob a forma de antifeminismo e na denúncia de uma suposta agenda LGBT+ e uma correlação entre uns tais papéis tradicionais de gênero e a defesa de uma visão específica de família, onde cada um dos gêneros teria funções naturais a desempenhar. A decisão por esta categoria se deve à importância do tema para o Programa. Isso fica explícito já no nome, onde o *Red Pill* funciona como uma espécie de *clickbait*⁷ direcionado ao movimento masculinista, que preza por questões de gênero sob esta perspectiva. Além disso, o título de episódios como o *03. Feminismo e as princesas da Disney*, e o *09. O que seus filhos estão assistindo?*, indica que o vídeo debate questões de gênero.

Por fim, a terceira categoria examina as concepções sobre ciência e produção do conhecimento, abordando as manifestações de ceticismo e negacionismos dirigidos a consensos científicos estabelecidos. A escolha se deu pois o referencial teórico demonstra como a instrumentalização da ciência é um mecanismo da colonialidade, mas a descredibilização da ciência, neste caso, passa por uma abordagem obscurantista que visa não a emancipação, mas o aprofundamento da colonialidade.

1.2 Apresentação do corpus: o Programa *Red Pill*

O Programa *Red Pill* surgiu como parte de uma estratégia maior de propaganda, e tinha como um de seus objetivos centrais a apresentação da *BP Select*, a plataforma própria de *streaming* da Brasil Paralelo, ao público do *YouTube*. A análise pormenorizada da *BP Select* foi realizada na seção 3.3, por isso o foco, aqui, é metodológico, ou seja, busca apresentar o *corpus* da investigação, avirdando aspectos como as temáticas dos episódios e quem são os participantes.

Para prosseguir na apresentação, confeccionei o Quadro 1 com a lista dos onze episódios que ainda estão disponíveis, a data de lançamento, tempo de duração e o número de visualizações quando da última consulta, realizada em 28 de novembro de 2025:

Quadro 1 – Caracterização dos episódios do Programa *Red Pill*

⁷ Termo utilizado na *internet* para se referir a títulos sensacionalistas e enganosos para atrair cliques para um conteúdo, explorando a curiosidade do usuário. Não necessariamente o assunto da chamada é abordado.

Título	Data de lançamento	Tempo de duração	Número de visualizações
01. Literatura x cinema	2 de outubro de 2021	2:07:47	212.914
02. Os melhores filmes de guerra	16 de outubro de 2021	1:57:12	258.582
03. Feminismo e as princesas da Disney	23 de outubro de 2021	1:19:00	695.872
04. Duna é conservador?	6 de novembro de 2021	1:24:00	105.448
05. Globalismo e distopia no cinema	13 de novembro de 2021	1:32:32	388.942
06. O cinema é uma arma política?	20 de novembro de 2021	1:11:11	118.498
07. Sentimentalismo tóxico no cinema	4 de dezembro de 2021	1:31:57	407.904
08. Os 5 melhores filmes de Natal	11 de dezembro de 2021	1:14:05	78.688
09. O que seus filhos estão assistindo?	18 de dezembro de 2021	1:11:16	311.730
10. Live: Especial Frank Capra	11 de fevereiro de 2022	1:11:59	22.699
11. A história e importância de Rocky Balboa	28 de dezembro de 2022	1:18:54	29.755

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Há, ainda, dois episódios que foram excluídos do *YouTube*. Um era intitulado “Harry Potter é Progressista?”, publicado em 09 de outubro de 2021 e o outro “O

cinema nacional é ruim?”⁸, publicado em 27 de novembro de 2021. Através de buscas na *internet* encontrei uma lista⁹ de episódios publicados para além dos treze originalmente disponibilizados no *YouTube*.

O Programa foi definido como um *cinecast*, um neologismo para denominar um *podcast* sobre cinema, onde cada vídeo funcionava como um cartão de visitas para algum filme no catálogo da *BP Select*, seja algum já presente, seja uma estreia. Outros episódios são especiais de datas comemorativas, tal como o Especial de Natal. A trajetória do Programa permite a identificação de uma periodização em três diferentes fases. Os dois primeiros episódios constituem uma fase inicial, na qual a fórmula ainda não estava consolidada. Com a consolidação do Programa, a partir do terceiro episódio, há uma notável intensificação política, perceptível já através dos títulos. Esse período se estendeu até o nono episódio, após o qual as festividades de fim de ano interromperam a publicação de novos vídeos. Por fim, houve uma falha tentativa de retomada após esse hiato. Um dos motivos pela não continuidade do Programa foi o afastamento do principal apresentador, Guilherme Freire.

Já no primeiro episódio, Guilherme Freire se apresenta como o idealizador e apresentador do Programa, sendo também o responsável pela criação da *BP Select*. Acumulando mais de 600 mil seguidores nas redes digitais, Freire se identificava como “filósofo, educador e apaixonado por cinema”. Segundo reportagem publicada no portal Pública (Audi, 2024), o período que Freire conduziu o Programa coincidiu com práticas que, posteriormente, foram denunciadas por colegas de trabalho como assédio sexual. Não houve, por parte da Brasil Paralelo, um pronunciamento oficial sobre o desligamento. A cronologia dos fatos, no entanto, sugere uma coincidência temporal entre as alegações de assédio, a denúncia feita e o afastamento do Programa.

Há apenas um vídeo público da fase de retomada, intitulado “A história e importância de Rocky Balboa”, com o novo apresentador afirmando que o Programa era exclusivo para membros da *BP Select*. O acesso à plataforma não é barato, e há uma dificuldade para acessá-la em período de teste, impossibilitando que fosse verificado se o *podcast* continua.

⁸ O acesso a este episódio encontra-se disponível em: <<https://omny.fm/shows/brasil-paralelo-podcast/o-cinema-nacional-ruim-red-pill-com-fl-vio-morgens#description>>

⁹ Disponível em: https://www.imdb.com/pt/title/tt18482128/episodes/?ref_=tt_eps

A partir das informações do Quadro 1 (p. 26), é possível perceber que os vídeos ligados a questão de gênero possuem um engajamento mais alto. Essa preferência pode ser explicada por dois motivos: a relação entre o tema do vídeo em questão e a ideologia *Red Pill*, que na época tinha grande apelo no *YouTube*; e o papel de influenciadores convidados, figuras já consolidadas no meio conservador, que atraíam audiência própria. Diante dessa constatação, torna-se pertinente examinar com maior detalhe o perfil dos principais participantes, apresentados no Quadro 2:

Quadro 2 – Participantes do *Red Pill*, por episódio

Título do episódio	Participantes
1. Literatura x Cinema.	Guilherme Freire, Lucas Ferrugem, Clístenes Hafner, Rafael Nogueira.
2. Os melhores filmes de guerra.	Guilherme Freire, Victor Lucio, Henrique Zingano, Luiz Philippe de Orleans e Bragança.
3. Feminismo e as princesas da Disney.	Guilherme Freire, Marcos Ruppelt, Mariana Brit, Pietra Bertolazzi.
4. Duna é conservador?	Guilherme Freire, Marcos Ruppelt, Guilherme Rizzo, Antônia Levy.
5. Globalismo e distopia no cinema.	Guilherme Freire, Marcos Ruppelt, Paulo Kogos, Flávio Morgenstern.
6. O cinema é uma arma política?	Guilherme Freire, Marcos Ruppelt, Ana Paula Henkel, Rafael Nogueira.
7. Sentimentalismo tóxico no cinema.	Guilherme Freire, Marcos Ruppelt, Maria Tereza Bordini, Danilo Cavalcanti, Victor Sales.
8. Os cinco melhores filmes de Natal.	Guilherme Freire, Marcos Ruppelt, Flávio Morgenstern, Sílvio Medeiros.
9. O que os seus filhos estão assistindo?	Guilherme Freire, Marcos Ruppelt, Flávio Morgenstern, Thais Schmitt.
10. (LIVE) Especial Frank Capra.	Guilherme Freire, Marcos Ruppelt, Júlia Fonseca, Lucas Ferrugem.
11. A história e a importância de Rocky Balboa.	Henrique Galvão, Paulo Azevedo, André Brandão, Fábio Gurgel.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Os participantes selecionados para o Programa compartilham um claro perfil ideológico, relacionados à direita política. Enquanto Luiz Phillipe de Orleans e

Bragança representa essa vertente a partir de um mandato parlamentar, outros compõem o quadro de funcionários da Brasil Paralelo. Há ainda aqueles com uma imagem bastante consolidada no cenário conservador, com forte atuação nas mídias digitais, acumulando milhares de seguidores, caso de Pietra Bertolazzi, Danilo Cavalcanti, Thais Schmitt, Flávio Morgenstern e Paulo Kogos. Com exceção de Danilo Cavalcanti, a trajetória desses influenciadores é marcada pela produção de conteúdo de temática católica, em torno da conversão religiosa e da defesa de valores tradicionais. No caso específico das mulheres, essa atuação é articulada com um discurso sobre os papéis de gênero, promovendo uma feminilidade centrada na vida familiar.

Dessa forma, o delineamento dos procedimentos metodológicos, tanto da coleta quanto da análise e interpretação dos dados, permite avançar para o percurso teórico que guiou esta investigação até culminar na análise hermenêutica do *corpus*.

2 CONSTRUINDO O CENÁRIO: O COLONIALISMO DIGITAL COMO PARADIGMA ATUAL DA INTERNET

Esta seção inicia o percurso teórico desta dissertação, construindo o cenário digital no qual a cosmovisão conservadora é apresentada como uma paralela ao senso comum. Analisando como o atual paradigma da internet foi consolidado, expõe como o desenvolvimento tecnológico culminou na formação de grandes conglomerados empresariais, transformando-as no principal agente de um novo tipo de colonialismo, o colonialismo digital. Demonstra ainda como essa situação possibilitou o surgimento de um modelo de negócios que favorece a exibição de conteúdos polêmicos, servindo aos propósitos de comunicação de uma nova direita que erguia-se tendo na internet o principal polo de atuação.

2.1 *A world wide web*: da disputa pelos rumos da tecnologia à formação das *big techs*

Na obra *Formação do império americano*, Luiz Alberto Moniz Bandeira (2017, p. 38) defende que “o capitalismo, ao longo da história, foi a única formação econômica com capacidade de expansão mundial”. Na esteira desse expansionismo, a chamada revolução tecnológica (Castells, 2019), conduzida pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação a partir de meados do século XX, desempenhou um papel fundamental. Essa conjuntura foi marcada pelo fim da Guerra Fria e a consolidação dos Estados Unidos, tido enquanto baluarte do capitalismo, como a potência hegemônica.

No esforço para compreender a junção entre o capitalismo e as tecnologias da informação, diferentes autores e autoras sugeriram termos como “capitalismo de plataformas” (Srnicek, 2018), “capitalismo tecnológico” (Morozov, 2018), “capitalismo de vigilância” (Zuboff, 2021), dentre outros. No entanto, é válido investigar se essa foi a dinâmica que predominou desde o princípio desta fase do desenvolvimento tecnológico. Para isso, se faz necessária uma breve digressão sobre a história da *internet*¹⁰.

¹⁰ Cabe destacar a diferença entre a *internet* e a *World Wide Web*, abreviada como *WWW*. Enquanto a *internet* é a infraestrutura de redes de computadores interconectados, a *WWW* é uma aplicação construída sobre ela. Os termos acabaram se confundindo pois foi a *WWW* que popularizou o uso da *internet* para o público geral, com as páginas e *hiperlinks* tornando-a intuitiva e interativa. Uma analogia

Inicialmente, a informática no geral possuía usos bastante restritos, voltados principalmente ao setor militar. Kurose e Ross (2013) demonstram, e será apresentado a seguir, como se deu a mudança entre a tecnologia militar, passando pela apropriação pela comunidade científica e finalmente se tornando uma ferramenta doméstica por meio do uso comercial.

Kurose e Ross (2013) ainda apontam que os trabalhos desenvolvidos em três institutos de pesquisa na década de 1960, nomeadamente o *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), o *Rand Institute* e o *National Physical Laboratory* (NPL), os dois primeiros nos Estados Unidos e o último no Reino Unido, e suas investigações focavam em transmitir mensagens militares por meios seguros através da comutação¹¹ de pacotes, diferentemente do que se tinha até então nas linhas telefônicas, que era realizada pela comutação de circuitos.

Concomitantemente, foi desenvolvida, dentro da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), a primeira rede de computadores que se comunicavam através da comutação de pacotes, denominada como *ARPAnet*. Essa rede é vista como uma ancestral da *internet* atual, dado que, no final da década de 1970, a *ARPAnet* possuía 200 máquinas interconectadas, porém esta era uma rede fechada. A década seguinte foi de um crescimento exponencial, não só porque houve uma confederação de redes que chegou a interligar cem mil máquinas, permitindo novas conexões e tendo grande participação das universidades neste processo, mas também porque, nessa mesma época, foram desenvolvidos alguns dos protocolos que regem a arquitetura da *internet*. Já na década de 1990, a *ARPAnet* foi descontinuada e as restrições para o uso comercial da *internet* foram extintas. Na Europa, pesquisadores criaram os quatro componentes fundamentais da *Web*¹²: o protocolo *HTTP*, as versões iniciais do *HTML*, um servidor *Web* e um navegador. Finalmente, a partir dessa abertura, cresceram os

é bastante utilizada para explicar essa diferença, onde a *internet* seria uma estrada, os dados os carros que a trafegam e a *WWW* seriam lojas e serviços oferecidos ao longo dela.

¹¹ Comutação é um termo utilizado na telefonia para denominar o processo de interligação entre dois ou mais pontos entre si. A comutação de circuitos é realizada pelas linhas telefônicas e estabelece a conexão por meio de uma ligação física entre dois pontos. A de pacotes, por sua vez, divide os dados em pequenos pacotes que navegam de forma independente pela rede, sendo remontados na máquina de destino.

¹² *HTTP* é o protocolo que define como cliente e servidor trocam informações; *HTML* é a linguagem de marcação que estrutura o conteúdo das páginas *Web*; servidor é o dispositivo que armazena as páginas e arquivos que serão acessados; navegador é o programa que relaciona essas diferentes tecnologias quando exibe os *sites*. Ele interpreta o *HTML* e, por meio do protocolo *HTTP*, faz requisições ao servidor.

serviços oferecidos com base na *internet*, progredindo e paulatinamente tomando a forma que tem hoje.

Com esse mergulho foi possível perceber que a história da *internet* está intrinsecamente ligada aos Estados Unidos e à Europa, o chamado Ocidente. Mas não só, pois também é possível perceber uma forte influência do Estado nesse processo, principalmente por meio do Exército e das universidades. Ainda assim, mesmo em textos técnicos, ao tratar do desenvolvimento histórico desta tecnologia, repete-se um mantra bem conhecido de que tal desenvolvimento foi possível graças a inovação e ao espírito empreendedor. Assim, surgem histórias de pessoas que, a partir de suas garagens, transformaram boas ideias em megacorporações milionárias ou, no mínimo, diminuem o papel do financiamento estatal.

Apesar de ser esta a narrativa predominante na *internet* atual, há uma consolidada bibliografia de estudos críticos que trazem novas perspectivas questionadoras desta versão. Manoel Castells (2019), por exemplo, defende que o advento da *internet* possibilitou a criação das comunidades virtuais, uma nova forma de comunidade, e que o avanço tecnológico se deu graças à “fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural” (Castells, 2019, p. 82).

O pesquisador bielorrusso Evgeny Morozov (2018), por sua vez, aprofunda esse aspecto contracultural e demonstra que houve uma disputa sobre os rumos da tecnologia nascente. Assim como apontado anteriormente, o desenvolvimento da *internet* se deu principalmente nos Estados Unidos e na Europa, e esses dois locais experimentaram contraculturas informáticas radicalmente diferentes. Por um lado, havia a contracultura *hacker* europeia, que, devido à diversidade de países e culturas envolvidas, vivenciou experimentos de mídias centralizadas e independentes, que eram bastante próximas do movimento *punk*, das lutas políticas e movimentos estudantis que estavam ligados às diversas formas de luta social de esquerda. Por adotarem uma postura de confronto, de clara oposição ao Estado, aos militares e ao capitalismo, foram muito combatidos, e o autor aponta que este foi um dos principais motivos para o seu desaparecimento. Assim, restou a contracultura estadunidense que, tendo o Vale do Silício como expressão máxima, colonizou o imaginário popular.

Ainda segundo Morozov (2018, p. 16) “tudo o que resta na imaginação pública mundial é a contracultura tecnológica dos Estados Unidos – com seu individualismo, consumismo e celebração de Ayn Rand”. Ele expõe que, neste caso, o setor militar

patrocinou grande parte da tecnocultura, de forma que a subversão foi direcionada, nos ecos do movimento *hippie*, à burocracia estatal. Dessa maneira, a forma encontrada para manter a crítica nos limites do capitalismo foi desenvolver o que se chamou de “ideologia californiana”, que, devido à falta de um movimento de trabalhadores organizados, preconizava que o capitalismo resolveria tudo. Além disso, tal ideologia defendia que o enfraquecimento das burocráticas instituições estatais traria melhorias nas condições de vida, pois os burocratas frios e impessoais seriam substituídos por gestores capitalistas mais inteligentes e consumidores mais bem informados. Morozov (2018, p. 18) também afirma que o individualismo na cultura *hacker* surgiu quando “para escapar à opressão, era preciso comprar a emancipação no próprio mercado”.

É, portanto, no bojo desta efervescência cultural que os criadores das chamadas *big techs* se estabelecem. São esses, graças à já citada valorização do individualismo, os responsáveis por consolidar a imagem do *hacker* solitário que, a partir de sua garagem, cria poderosos impérios através da internet. Faustino e Lippold (2023) denominam os que assumem esse retrato estereotipado de Robinson Crusóe capitalista. Isto é visível quando essas empresas possuem seus próprios mitos fundadores, tendo donos que geralmente personalizam essa imagem. Para entender um pouco mais sobre isso, é preciso tratar das próprias *big techs*.

As *big techs* são as grandes empresas que criaram o lucrativo modelo de negócios vigente na *internet* atual, baseado, principalmente, na captura massiva de dados dos usuários e na venda destes para outras empresas que, em posse dessas informações, produzem propaganda direcionada para esses usuários. Assim, é possível perceber um ecossistema que se retroalimenta, pois essas propagandas são veiculadas nas próprias plataformas digitais.

Geralmente essas companhias são reunidas sob o acrônimo *GAFAM*¹³ – *Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft*. Apesar de não serem as únicas, elas pavimentaram o caminho para a predominância do citado modelo de negócios, cujo processo de transformação em megacorporações foi feito através dessa construção. Por esse motivo, elas são as principais representantes da chamada *Web 2.0*, entendida como uma fase que trouxe interatividade à *internet*. Através dela

¹³ Podendo ser atualizado para *GAMAM* – *Google, Amazon, Meta, Apple e Microsoft*, uma vez que o *Facebook* atualmente integra o conglomerado Meta.

desenvolveram-se *softwares*¹⁴ que se atualizam e são aperfeiçoados à medida em que personalizam o conteúdo através do contato com os usuários, sendo os consumidores, as figuras centrais desse período.

Dessa maneira, percebe-se que o que é apontado como o modelo de negócios das *big techs* é um sofisticado esquema produtivo, em que os usuários da *internet* passam a ser consumidores, se afastando ainda mais da lógica de formação de comunidades (Castells 2019), e se aproximando do que Morozov (2018) denomina de “capitalismo tecnológico”. Em suas palavras, “tal como o Vale do Silício, cujo futuro só existe sob o capitalismo contemporâneo, também o capitalismo só tem futuro à sombra do Vale do Silício” (Morozov, 2018, p. 25).

2.2 A consolidação das *big techs* e o surgimento do colonialismo digital

Note-se que, assim como se deu no período inicial de desenvolvimento da *internet*, a maior parte das *big techs* estão sediadas nos Estados Unidos. Esse fenômeno tem raízes históricas: o Estado americano fomentou a tecnocultura por meio de investimentos militares e acadêmicos, integrando-a rapidamente ao capitalismo (Faustino, Lippold, 2023). Outro dado a enfatizar é o contexto em que, nos Estados Unidos, criou-se uma cultura *hacker* baseada em consumismo e individualismo, em detrimento da europeia, que era aliada às lutas populares e setores combativos (Morozov, 2018).

Ecos da disputa sobre os rumos das tecnologias da informação existem ainda hoje, com uma larga vantagem das *big techs*. Esta batalha pode ser vista no desenvolvimento dos *softwares*, em que duas lógicas se destacam: os códigos livres, também conhecidos como *open source* e os códigos proprietários. Os programas de código livre são aqueles em que o usuário tem total liberdade de uso, modificação e distribuição, dado que o código fonte¹⁵ é de livre acesso e, dessa maneira, qualquer um pode acessar as instruções que o *software* dá ao dispositivo, entender seu funcionamento e até adaptá-lo às diferentes necessidades. Nesses modelos, geralmente, há uma comunidade de programadores ativa, que pensa e executa

¹⁴ *Software* é a parte lógica do computador, a parte digital, enquanto o *hardware* é a parte física. Há uma piada que afirma que, quando o computador trava, o *software* é o que você xinga, enquanto o *hardware* é o que você chuta.

¹⁵ São as instruções básicas para o funcionamento de um *software*. Escrita em uma linguagem de programação, é o intermediário entre a linguagem humana e a linguagem de máquina.

melhorias. Os *softwares* proprietários, por sua vez, possuem lógica oposta: são altamente restritos, e o código-fonte é mantido em segredo pelas empresas detentoras. Assim, o entendimento e acesso completo das funções do *software* só é possível aos seus desenvolvedores. Não é nenhuma surpresa constar que, no ecossistema das *big techs*, este é o modelo predominante.

Com isso em mente, é possível imaginar a divergência existente nas comunidades virtuais de programadores e entusiastas de tecnologia acerca dessas duas lógicas diametralmente opostas. Chama a atenção o fato de que, para cada *software* proprietário, há uma alternativa de código livre, e isso se aplica desde aplicações mais simples, como, por exemplo, o *VLC Media Player* como alternativa ao reprodutor multimídia padrão do *Windows*, até sistemas operacionais inteiros, como o *Linux* enquanto opção a sistemas como o *Windows* e o *Mac*.

Há um caso emblemático que expõe um dos modos que as *big techs* têm para combater a difusão de programas independentes, assim como os desafios enfrentados pelos desenvolvedores e mantenedores de tais aplicações. De propriedade da *IBM*, o *SPSS (Statistical Package for the Social Science)* é um programa de análise de dados bastante utilizado em estudos quantitativos em Ciências Sociais. O seu uso necessita de uma licença paga, cujos valores anuais ultrapassam a quantia de R\$ 7.000,00. Como alternativa, programadores independentes desenvolveram o *PSPP*, um substituto, com funcionalidades semelhantes, mas gratuito e de código livre. Inicialmente, era uma aplicação exclusiva para *Linux*, mas depois ganhou uma portabilidade para *Windows*, feita por um estudante brasileiro (Brasil, 2009) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Ao tomar conhecimento desta portabilidade, a *IBM*, um conglomerado estadunidense de tecnologia, realizou uma parceria com a UFMG, disponibilizando o *SPSS* para pesquisadores e estudantes vinculados à instituição, sem custos para o usuário final. Pode-se observar, neste exemplo, uma prática predatória comum das *big techs*, que visa sufocar o avanço da alternativa e reproduz, com isso, a relação colonizador-colonizado. Com essa parceria, há, por parte da *IBM*, uma tentativa de conter a popularização do *PSPP* e refrear a formação de mentes autônomas e profissionais, assegurando não apenas o retorno financeiro devido ao alto custo da licença, mas, principalmente, o boicote à principal alternativa ao *SPSS*, mantendo, assim, o monopólio.

Longe de ser algo exclusivo no desenvolvimento de *software*, essa lógica de restrição de acesso é própria da sociedade de classes. O discurso da possibilidade de emancipação por meio da tecnologia elaborada pela “ideologia californiana” lembra, em muito, a discussão de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1999, p. 17 e 19, respectivamente), sobre o Iluminismo. O texto aponta que “desde sempre o iluminismo, no sentido mais abrangente de um pensar que faz progressos, perseguiu o objetivo de livrar os homens do medo e de fazer deles senhores”. Uma vez que “poder e conhecimento são sinônimos”:

O saber que é poder não conhece limites. Esse saber serve aos empreendimentos de qualquer um, sem distinção de origem, assim como, na fábrica e no campo de batalha, está a serviço de todos os fins da economia burguesa. Os reis não dispõem sobre a técnica de maneira mais direta do que os comerciantes: o saber é tão democrático quanto o sistema econômico juntamente com o qual se desenvolve. A técnica é a essência desse saber (Adorno, 1999, p. 18).

Portanto, o controle do conhecimento age como uma ferramenta de dominação. Dessa maneira, o desconhecimento generalizado acerca dos mecanismos que regem as tecnologias digitais, ocultados pela natureza proprietária dos *softwares*, desempenhou um papel central na naturalização da presença massiva dessas ferramentas no cotidiano. Isso ocasionou o que Morozov (2018) denomina de “utopismo digital”, entendido como a crença de que as *big techs* são neutras e que cada mudança tecnológica é necessariamente benéfica, facilitando, por parte dos usuários, uma adoção acrítica. Nesse sentido, a função dos chamados algoritmos é fundamental, uma vez que, com o advento da *Web 2.0*, grande parte da interação nas plataformas digitais é mediada por eles. Em resumo, “um algoritmo é um conjunto de instruções que realizam uma tarefa” (Bargava, 2017, p. 19). No que se refere à computação, algoritmos são trechos do código-fonte que desempenham funções específicas e, no caso das grandes plataformas digitais, seguem a lógica restritiva dos *softwares* proprietários. Ou seja, um fator fundamental nas interações humanas em ambientes virtuais, hoje, tem o entendimento de seu funcionamento completamente desconhecido pelo público geral.

Em síntese, a expansão tecnológica conduzida pelas *big techs* e seus *softwares* proprietários afasta-se completamente da possibilidade de emancipação, e se aproxima do que, nos termos de Adorno e Horkheimer (1999), é a ciência usada para a dominação. Essa dinâmica de controle e hegemonia, longe de ser um fenômeno neutro, é a expressão do que, a partir do pensamento elaborado no

chamado “Sul Global”, convencionou-se denominar de “colonialismo digital”. Esta é uma categoria analítica fortemente baseada na crítica radical ao epistemicídio eurocêntrico, e aponta que, no campo digital são reproduzidas e atualizadas as dependências do colonialismo histórico. Como esses estudos críticos demonstram, com o fim do colonialismo político, conquistado através das lutas de libertação nacional, surge um regime mais sofisticado de controle, a colonialidade (Cassino, 2021). Nas palavras do sociólogo peruano Aníbal Quijano,

Por outro lado, foi estabelecida uma relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os [povos] conquistados de todos os continentes. Essa dominação é conhecida como colonialismo. Em seu aspecto político, sobretudo formal e explícito, a dominação colonial foi derrotada na ampla maioria dos casos. A América foi o primeiro cenário dessa derrota. Posteriormente, desde a Segunda Guerra Mundial, África e Ásia. Assim, o colonialismo, no sentido de um sistema de cominação política e formal de umas sociedades sobre outras, parece então um assunto do passado. Seu sucessor, o imperialismo, é uma associação de interesses sociais entre os grupos dominantes (classes sociais e/ou ‘etnias’) de países desigualmente colocados em uma articulação de poder, mais que uma imposição exterior (Quijano, 1992, p. 11, tradução nossa¹⁶).

Ainda segundo Quijano (1992, p. 12, tradução nossa¹⁷), “da mesma maneira, embora o colonialismo político tenha sido eliminado, a relação entre a cultura europeia, chamada também de ‘ocidental’, e as demais culturas continua sendo uma relação de dominação colonial”. Por fim, Quijano (1992, p. 14, tradução nossa¹⁸) aponta que “a colonialidade, em consequência, ainda é o modo mais geral de dominação no mundo atual, uma vez que o colonialismo como ordem política explícita foi destruído”. No mesmo sentido, Ailton Krenak (2019) afirma que o colonialismo se sustentou na premissa de que uma humanidade esclarecida, a europeia, precisava impor a sua civilização e seu modo de ver o mundo aos povos obscurecidos, aos camponeses, indígenas e demais povos da floresta.

¹⁶ Do original: De otra parte, fue establecida una relación de dominación directa, política, social y cultural de los europeos sobre los conquistados de todos los continentes. Esa dominación se conoce como colonialismo. En su aspecto político, sobre todo formal y explícito, la dominación colonial ha sido derrotada en la amplia mayoría de los casos. América fue el primer escenario de esa derrota. Posteriormente, desde la II Guerra Mundial, África y Asia. Así, el sentido de un sistema de dominación política formal de unas sociedades sobre otras, parece pues asunto del pasado. El sucesor, el imperialismo, es una asociación de intereses sociales entre los grupos dominantes (clases sociales y/o “etnias”) de países desigualmente colocados en una articulación de poder, más que una imposición desde el exterior.

¹⁷ Do original: de la misma manera, no obstante que el colonialismo político fue eliminado, la relación entre la cultura europea, llamada también de “occidental”, y las otras sigue siendo una relación de dominación colonial.

¹⁸ Do original: La colonialidad, em consecuencia, es aún el modo más general de dominación en el mundo actual, una vez que el colonialismo como orden político explícito fue destruído.

Com base nisso, foi articulado o conceito de “colonialismo de dados” enquanto elemento constitutivo do “colonialismo digital”, sendo este mais amplo. Enquanto Michael Kwet (2021, n.p, tradução nossa¹⁹) afirma que “o colonialismo digital é o uso da tecnologia digital para dominação política, econômica e social de outra nação ou território”, João Cassino (2021) aponta que

O colonialismo de dados combinaria as mesmas práticas predatórias do colonialismo histórico com a quantificação abstrata de métodos computacionais. Trata-se de um novo tipo de apropriação no qual as pessoas ou as coisas passam a fazer parte de infraestruturas de conexões informacionais. A apropriação da vida humana (por meio da captura em massa de dados) passa a ser central. Nada deve ser excluído nem apagado. Nenhum dado pode ser perdido (Cassino, 2021, p. 27).

Cassino (2021, p. 27) ainda afirma que “nossa vida social tornou-se um recurso que pode ser extraído e utilizado pelo capital como forma de acumulação de riquezas. Tanto populações do Norte Global quanto do Sul passaram a ser fontes de informações que alicerçam o capitalismo”. Contudo, é crucial destacar que esse processo ocorre dentro de uma estrutura profundamente assimétrica e, como não pode ser uma surpresa, as relações de domínio colonial continuam a ser reproduzidas. Essa afirmação encontra validade quando o faturamento anual dessas empresas é comparado à produção anual de países inteiros, tanto colonizadores quanto colonizados. Conforme demonstrado por Sérgio Amadeu da Silveira (2021),

Em 2019, o faturamento das cinco grandes *big techs* – Google/Alphabet, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft – atingiram a estratosférica quantia de 899 bilhões de dólares. Um número que, comparado ao PIB de diversos países no mesmo período, demonstra o poder dessas empresas: 48,8% do PIB do Brasil (1,8 trilhão de dólares), 70% do PIB do México (1,2 trilhão de dólares), 64% do PIB da Espanha (1,3 trilhão de dólares), duas vezes o PIB da Argentina (445 bilhões de dólares) (Silveira 2021, p. 44).

Outro fator que corrobora com a desigualdade dos países perante o colonialismo de dados reside nas relações de trabalho. Débora Machado (2021) expõe que as funções de maior prestígio e remuneração, tais como o desenvolvimento de algoritmos, são desempenhadas, principalmente, nos Estados Unidos (sobretudo no Vale do Silício). Por outro lado, atividades como a moderação de conteúdo são feitas, em sua grande maioria, por empresas terceirizadas em países do Sul Global, a exemplo da Índia e das Filipinas. Segundo Machado (2021),

Os moderadores de conteúdo são responsáveis pela função de analisar e remover, juntamente aos sistemas algorítmicos, qualquer conteúdo que viole

¹⁹ Do original: Digital colonialism is the use of digital technology for political, economic and social domination of another nation or territory.

as políticas dessas plataformas. Isso inclui desde violações a direitos autorais até vídeos de teor sexual ou conteúdo envolvendo violência explícita (Machado, 2021, p. 56).

Nesse sentido, a relação entre a colonialidade, em sua faceta do colonialismo de dados, e o neoliberalismo se apresenta de maneira escancarada. O caso emblemático trazido por Débora Machado (2021) apresenta que mais de 10 mil norte-americanos que trabalharam na moderação de conteúdo entraram com uma representação trabalhista contra o *Facebook*, alegando que os conteúdos aos quais foram expostos causaram-lhes prejuízos na saúde mental. A ação levou a empresa a um acordo de 52 milhões de dólares de indenização. Por outro lado, trabalhadores indianos e filipinos, que tiveram os mesmos problemas, obtiveram resultados diametralmente opostos. Enquanto na Índia questões de saúde mental não são consideradas como risco ocupacional, nas Filipinas, as empresas estrangeiras de tecnologias são as únicas que não possuem responsabilidades pelos funcionários de suas terceirizadas.

Em suma, o colonialismo de dados se refere ao extrativismo de todos os dados possíveis das pessoas pelas *big techs*, visando, além de lucro com a venda de tais informações como mercadoria, a modulação do comportamento, uma vez que, além dos aspectos materiais que compõem o colonialismo de dados, também existem fatores subjetivos. Débora Machado (2021, p. 52) também aponta que um dos componentes-chave do colonialismo histórico que tem correlação direta com o colonialismo de dados é “a propagação de visões de mundo que façam com que a lógica colonialista tenha sentido (por exemplo, o conceito de povos que precisam ser civilizados)”. Essa característica aparece em elementos como a “ideologia californiana” e o “utopismo digital”. A união entre esses componentes ideológicos incentiva que os indivíduos compartilhem cada vez mais suas informações pessoais, de todas as camadas de sua vida. Nos termos de Deivison Faustino e Walter Lippold (2023),

Não se trata, aqui, de uma simples alteração dos ritmos de vida ou mesmo da percepção humana sobre a introdução de novas tecnologias, como poderia se presumir, mas, sim, da manipulação intencional da cognição humana por grandes corporações empresariais a partir dessas tecnologias, com vistas à ampliação da acumulação de capitais (Faustino; Lippold, 2023, p. 25).

Contudo, por mais que a venda de dados seja central na atual etapa do capitalismo mediado por algoritmos, ele não é o único. Enquanto o colonialismo de

dados é uma das facetas do capitalismo digital (Faustino; Lippold, 2023), há uma outra, relacionada aos *hardwares*, uma vez que não existe *software* sem *hardware*. Quando declaram que “ao contrário do que se pode intuir, o virtual não é o contrário do real nem pode ser confundido com o digital” (Faustino; Lippold, 2023, p. 38), os autores defendem que o digital, em última instância, depende do real (ou do físico). Por mais abstrato que os *softwares* se pareçam, eles necessitam de processamento computacional para funcionar. Mesmo um robô digital (*bot*) ou uma inteligência artificial que eventualmente possua a capacidade de reprogramar seu modo de funcionamento a partir de parâmetros padronizados e definidos, precisa de uma programação inicial desenvolvida e supervisionada por humanos e, também, das propriedades físicas.

Portanto, a dimensão digital, embora frequentemente percebido como imaterial, está profundamente enraizada no universo material, pois ele precisa respeitar as leis da física, caso contrário, não haveria limite de espaço de armazenamento, por exemplo. Além disso,

Um sistema virtual aberto, ainda que em forma de código, depende de pulsos binários e dispositivos em estado sólido (circuitos integrados = *chips*) que trabalham por ações eletromagnéticas. O famoso *bit* (o 0 e o 1) é uma espécie de código operado pela liga e desliga de eletricidade em um conjunto complexo e cada vez menor de circuitos integrados (Faustino; Lippold, 2023, p. 41-42).

Isto posto, Michael Kwet (2021) define que

De forma mais ampla, o colonialismo digital consiste em consolidar uma divisão desigual do trabalho, na qual as potências dominantes têm usado sua propriedade de infraestrutura digital, do conhecimento e do controle dos meios de computação para manter o Sul em uma situação de dependência permanente. Essa divisão desigual do trabalho evoluiu. Economicamente, a indústria desceu na hierarquia de valor, sendo substituída por uma economia avançada de alta tecnologia, na qual as grandes empresas de tecnologia estão firmemente no comando (Kwet 2021, n.p, tradução nossa²⁰).

Por fim, Faustino e Lippold (2023, p. 40) destacam que “a existência do universo digital somente é possível a partir da interação de pessoas em determinados meios físicos de comunicação codificada”. Ou seja, são as interações dos usuários humanos que dão sentido ao universo digital.

²⁰ Do original: More broadly, digital colonialism is about entrenching an unequal division of labor, where the dominant powers have used their ownership of digital infrastructure, knowledge, and their control of the means of computation to keep the South in a situation of permanent dependency. This unequal division of labor has evolved. Economically, manufacturing has moved down the hierarchy of value, displaced by an advanced high-tech economy in which the Big Tech firms are firmly in charge.

2.3 A *big-tech YouTube*: entre o repositório de vídeos *online* e o monopólio de mídia

Enquanto as décadas de 1960 e 1970, consolidaram as bases da infraestrutura de redes que possibilitaram o surgimento da *internet*, a década de 1990 moldou a *internet* ao abri-la para uso comercial. O advento da *Web 2.0*, durante os anos 2000, representou uma transformação significativa nos paradigmas de interação e de produção de conteúdo. Por fim, a década de 2010 testemunhou a consolidação global do modelo de *streaming*, através da ampliação do acesso aos países do Sul Global, modificando profundamente o padrão de consumo cultural nesses locais. Nessa mesma direção, é possível afirmar que a década de 2020 está sendo marcada pelo avanço das Inteligências Artificiais generativas.

Dentro deste panorama, a trajetória do *YouTube* destaca-se como um caso paradigmático da dinâmica apresentada até aqui. Criado em 2005, o *site* atravessou uma fase de repositório de vídeos durante a *Web 2.0* e se estabeleceu, durante a década de 2010, como a principal plataforma de *streaming* de vídeos. Dados coletados pela agência de *marketing Comscore* (2023) indicam que, no ano de 2022, o *YouTube* era uma das plataformas mais utilizadas pelos brasileiros, com uma média de 742,3 minutos por usuários no mês. O relatório da agência também aponta que o Brasil é o país da América Latina com o maior número de usuários de plataformas de redes sociais, sendo o terceiro país com mais usuários no mundo, considerando o tempo médio de uso por usuário. O *Google* (2023), em seu “Relatório de impacto econômico no Brasil” afirmou que apenas o *YouTube* movimentou a quantia de R\$ 16 bilhões.

Esse montante serve para demonstrar o poderio da plataforma, e remete, inevitavelmente, a toda a discussão sobre capitalismo tecnológico e colonialismo digital. Por esse motivo, para aprofundar o papel desempenhado pelo *YouTube* nesta lógica produtiva, recorreremos ao trabalho de José Van Dijck (2016), que traz uma abordagem bastante interessante desta plataforma.

Na obra “*The Culture of Connectivity: a critical story of social media*”²¹, a autora (Van Dijck, 2016) cita que a versão oficial da criação da empresa é um conto de fadas,

²¹ O livro em questão não possui edição traduzida para português, por isso foi consultada a versão em espanhol, denominada “La cultura de la conectividad: una historia crítica de las redes sociales”.

e constrói uma analogia com as fases da vida humana, da infância à maturidade, para representar o desenvolvimento do *YouTube*. Ela aponta que, no conto de fadas, “desde a sua criação, em uma garagem no Vale do Silício, em 2005, o *YouTube* foi concebido como uma plataforma de compartilhamento de vídeos amadores, uma alternativa à televisão” (Van Dijck, 2016, p. 118, tradução nossa²²). E que, após a aquisição deste pelo *Google*, teve sua imagem juvenil e rebelde fomentada através de uma rivalidade com as redes televisivas, num primeiro momento. Contudo, com o passar do tempo, o espírito adolescente foi amadurecendo para um comportamento adulto, racional. Essa fase foi marcada pela parceria entre o YouTube e sua antiga inimiga, as redes de TV, com acordos judiciais sobre propriedade intelectual firmados, mudanças no modelo de negócios e a formação de um saudável ecossistema de cooperação entre dois antigos rivais, abençoados com a aceitação do público.

Essa versão, inclusive, encontra-se presente na noção de *streampunk*, sugerida por Robert Kyncl (2019). A abordagem chama a atenção pois, conforme o *punk* no título confere, considera que os criadores de vídeo para esta plataforma são rebeldes que transformaram o consumo de mídias e entretenimento. Com uma narrativa bastante corporativa, ele afirma que, a partir do YouTube, qualquer pessoa tem a liberdade de publicar seus vídeos, que podem ser vistos por qualquer usuário da internet. Nas palavras do autor,

Em menos de uma geração, chegamos a um ponto no qual aquilo a que assistimos, lemos e ouvimos não é mais determinado apenas pelo Estado ou por monopólios corporativos, e sim por *nós*. Com a criação do YouTube, pela primeira vez as pessoas tiveram acesso à distribuição de vídeos gratuita, instantânea e global (Kyncl, 2019, p. 10).

A expressão “*nós*” foi destacada porque seu uso pode sugerir, no mínimo, uma dupla interpretação, uma vez que Kyncl não é apenas um usuário comum do YouTube ou um entusiasta da tecnologia. No seu livro, ele se apresenta da seguinte maneira,

Minha vida hoje não poderia estar mais distante da minha juventude atrás da Cortina de Ferro. Cresci sonhando com o Ocidente, mas apenas em dar uma espiada nele. Hoje, como diretor de negócios do YouTube, minha função é ajudar a levar informações e entretenimento para mais de 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo, muitas delas, inclusive, em países cujos governos tentam limitar esse acesso (Kyncl, 2019, p. 10).

Ou seja, o “*nós*” pode se referir tanto a uma visão romântica de que são os usuários que definem o que assistir, quanto a uma visão mais crítica, que defende que os

²² Do original: Desde su creación en un garaje de Silicon Valley en 2005, YouTube fue concebida como una plataforma para “compartir” videos amateurs “alternativa” a la televisión.

algoritmos influenciam essa escolha. Indicativos dessa influência são encontrados no próprio livro, quando o autor apresenta uma pesquisa interna que aponta que “colossais 60% [dos entrevistados] nos disseram que um criador havia mudado sua vida ou visão do mundo” (Kyncl, 2019, p. 23).

Para contrastar com a narrativa corporativa reproduzida por Kyncl, recorreremos à Van Dijck (2016, p. 119, tradução nossa²³) pois a autora afirma que “um conto de fadas não é história; se converte em história, no entanto, quando se remove dele tudo o que tem de maravilhoso”. Nesse sentido, Van Dijck (2016) alega ainda que as diferenças surgem a partir da integração da plataforma ao *Google*, que trouxe investimentos massivos, gerando, com isso, uma popularização exponencial da plataforma. Se, no início de tudo, o “compartilhar vídeos” envolvia um senso de comunidade, presente na criação amadora e intensa interação por meio de comentários, além de edição e combinação de diferentes vídeos, o aumento de usuários trouxe pessoas que não tinham interesse ou meios para carregar novos conteúdos. Assim, incentivado pelos novos investidores, a prática de “compartilhar vídeos” passou a significar cada vez mais o ato de assistir aos vídeos produzidos por terceiros.

Criou-se, com isso, uma situação em que os usuários mais antigos que continuavam criando conteúdo foram se destacando. Essa maior visibilidade não se deve apenas a uma diferença de competência ou talento dos usuários, mas, principalmente, a uma adaptação nas diretrizes de recomendação do *YouTube*, que beneficiaram produtores que já eram os mais populares, o que levou a uma profissionalização desses usuários. Van Djick, (2016, p. 123, tradução nossa²⁴) expõe ainda que

A ordem hierárquica que o YouTube impõe aos usuários, classificando-os em produtores e consumidores, estrelas e seguidores - inscrita nas características de sua interface e nos algoritmos subjacentes - inclina-se cada vez mais para princípios relacionados à lógica do espectador, afastando-se assim da ideia de rede social orientada para a comunidade.

A partir desse cenário de grande movimentação financeira, colonialidade e favorecimento de uns em detrimento de outros, os vídeos passaram de materiais com

²³ Do original: Un cuento de hadas no es historia; se convierte en historia, sin embargo, si se le quita todo lo que tiene de maravilloso.

²⁴ Do original: El orden jerárquico que YouTube impone a los usuarios, clasificándolos en productores y consumidores, estrellas y seguidores –inscripto en las características de su interface y en los algoritmos subyacentes– se inclina cada vez más hacia principios relacionados con la lógica del espectador, alejándose así de la idea de red social orientada a la comunidad.

edições simples e amadoras para produções altamente sofisticadas. De modo que não é exagero afirmar que grandes empresas de mídia foram construídas a partir do *YouTube*. E, dentre estas empresas, a Brasil Paralelo destacou-se a ponto de ser o objeto de investigação deste trabalho. No entanto, antes de adentrar na análise específica da produtora, nas ideias defendidas, as estratégias de *marketing* utilizadas e a conjuntura de sua fundação, cabe examinar como o *YouTube*, enquanto instrumento do colonialismo digital, tem seu uso instrumentalizado por projetos políticos.

2.3.1 O *YouTube* como ferramenta do colonialismo digital: usos políticos e guerra cultural

Se, no debate entre colonialidade e colonialismo, há uma diferenciação entre as novas dinâmicas de dominação e o chamado colonialismo histórico, de modo que este foi superado (Cassino, 2021), pesquisadores como Ilan Pappé (2022) defendem que o Estado de Israel é ainda um projeto colonial. O autor argumenta que “o sionismo era um movimento colonialista de povoamento, semelhante aos movimentos europeus que tinham colonizado as Américas, a África do Sul, a Austrália e a Nova Zelândia” (Pappé, 2022, p. 81).

Retomando um dos aspectos do colonialismo histórico, apontados por Débora Machado (2021), está a difusão de visões de mundo que colocam os povos colonizados como menos civilizados. Em “Laboratório Palestina: como Israel exporta tecnologia de ocupação para o mundo”, Antony Loewenstein (2024) demonstra que, além do uso de palestinos em experimentos bélicos através do teste de armamento em civis e técnicas de vigilância, há uma tremenda aproximação entre as *big techs* e o Estado israelense, numa relação assimétrica de poder e usos da tecnologia, calando as vozes palestinas.

Loewenstein (2024, p. 313) expõe que “o *YouTube*, de propriedade do *Google*, é um *site* popular na Palestina, mas sua moderação opaca de conteúdo é uma frustração constante: muitos vídeos são removidos sem explicação”. Moderação opaca de conteúdo pode ser entendido como a falta de transparência com que o algoritmo das plataformas digitais pode remover, restringir ou promover postagens. Ele aponta que as diretrizes do *YouTube*, como um exemplo perfeito da comunicação mediada por algoritmos proprietários, não são claras, e que não há nenhuma

informação sobre como o *YouTube* define o conteúdo. Loewenstein traz relatos de como essa opacidade é prejudicial aos usuários palestinos.

Em seu abrangente relatório de 2020 sobre o YouTube para a think tank palestino Al-Shabaka, Nazzal descobriu uma longa lista de vídeos não violentos enviados por palestinos e que foram excluídos por serem supostamente “violentos”. Vídeos de soldados agredindo brutalmente palestinos foram considerados inapropriados e removidos, mas Nazzal observa que inúmeros vídeos das IDF comemorando suas agressões com orgulho permaneceram intocados (2024, p. 313).

Ele ainda demonstra que “Nazzal descobriu que a taxa de pareceres desfavoráveis do *YouTube* a reclamações de suas páginas é de 90%. A maioria recebe respostas automáticas, dizendo que o conteúdo contraria os padrões da comunidade” (Loewenstein, 2024, p. 314). E que, por fim, os dois filtros de discriminação da plataforma com os usuários palestinos se davam sob duas diretrizes: localização e idioma. A essa forma de racismo ele denominou de “orientalismo digital”, definindo como

a nova forma de controle usada pelas empresas ocidentais de redes sociais, uma agenda que atualiza o velho olhar ocidental discriminatório sobre os povos do Oriente Médio e do Norte da África. Os árabes são mais uma vez tratados como suspeitos por definição (Loewenstein, 2024, p. 316).

Além dessa violência colonial de silenciamento e opressão, dentro do *YouTube* também há verdadeiros ecossistemas de violência organizada e monetizada. Um relatório produzido pela Netlab – Laboratório de estudos de *internet* e redes sociais, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), detalha uma indústria de desinformação e violência de gênero. Dois fatores chamam a atenção: as estratégias comunicativas e a monetização desses canais. Os dados indicam que este é um tipo de conteúdo feito por homens (78% dos 137 canais consultados são administrados por homens), para ser consumido por homens (52% dos canais declaram expressamente que o público-alvo é masculino). Cabe destacar que esses canais, apesar do conteúdo expressamente misógino, apresentam-se com eufemismos como “desenvolvimento pessoal masculino”. O relatório ainda aponta que são três as principais estratégias de disseminação de conteúdo misógino: culpabilização e relativização da violência contra a mulher; inferiorização e submissão feminina; antifeminismo e ataques aos direitos das mulheres.

Esse cenário está diretamente relacionado com o movimento *Red Pill*, que atualmente enfrenta uma crise de reputação, com seus principais representantes sofrendo intensa ridicularização na *internet*, mas teve um relativo destaque no

YouTube no início da década de 2020. A narrativa do *Red Pill* se baseia na ideia de que, ao adotar essa visão de mundo, os homens seriam “despertados” para uma realidade oculta, a de que eles são os verdadeiros oprimidos, vítimas de um sistema que esconde sua superioridade natural sobre as mulheres. Caroline Cougo (2025) demonstra a popularidade dessa ideologia em plataformas de vídeos curtos, atingindo potencialmente adolescentes. Esse método compõe uma visão de longo prazo, voltada para influenciar o público jovem desde a sua formação. Trata-se de um dos objetivos fundamentais do conservadorismo ao qual a Brasil Paralela é partidária, uma ideia que será retomada e aprofundada em momento oportuno.

No que se refere à monetização, chama à atenção o fato de que “em 80% dos canais com conteúdo misógino, há pelo menos um recurso de monetização ativo” (Santini *et al*, 2024, p. 54). A pesquisa do Netlab indica que

Recursos nativos do YouTube são as principais formas de monetização utilizadas em canais classificados como misóginos. Anúncios são a forma de monetização mais frequentes. Entre os canais sinalizados como misóginos, mais da metade (52%) possuem pelo menos um vídeo com anúncios. O segundo recurso mais comum são assinaturas por meio do programa de membros do YouTube. Esta modalidade está em 28% dos canais misóginos. Considerando todos os canais revisados, independente de presença de discursos misóginos, a proporção daqueles que usam programas de membresia é maior (40%), porém a frequência de monetização por anúncios é menor (40%). Essa proporção considerável de formas nativas de monetização pode indicar uma leniência dos termos de uso para o discurso e comportamento misógino ou a ineficácia dos métodos de moderação e detecção de conteúdos problemáticos, caso a empresa não repudie formalmente estes comportamentos (Santini *et al*, 2024, p. 55).

Além disso, o relatório conclui que “o *YouTube* também participa dessa monetização, já que lucra com conteúdo polêmico e com alto engajamento por meio de seus recursos nativos, como anúncios, sistemas de assinaturas, doações em transmissões ao vivo, entre outros” (Santini *et al*, 2024, p. 59). Nesse sentido o *YouTube* não apenas tolera, mas lucra com a misoginia e outros conteúdos de caráter violento, prática que, como veremos a seguir, se insere na lógica mais ampla de guerra cultural. Essa dinâmica cria uma espiral onde a polêmica gera engajamento, o engajamento gera receita e a receita estimula a produção de mais conteúdo extremista, tudo isso favorecido pelo modelo de negócios das *big techs*, elemento integrante do colonialismo digital. É nesse contexto que, a seguir, analisaremos o surgimento de um novo tipo de conservadorismo, cuja atuação é fortemente apoiada nessa lógica.

3 TRAÇANDO PARALELOS: AS BASES DA COSMOVISÃO CONSERVADORA E A CONSTRUÇÃO DA BRASIL PARALELO

Esta seção se aprofunda no sujeito desta pesquisa. Inicia detalhando as bases ideológicas do conservadorismo, realizando um apanhado histórico dessa tradição no Brasil, suas rupturas e os elementos constitutivos do novo conservadorismo, surgido operando na lógica das redes digitais. Depois, aborda o cenário de surgimento da Brasil Paralelo, demonstrando as estratégias comerciais que transformaram um empreendimento político em uma das principais produtoras de conteúdo audiovisual brasileira nas mídias sociais, tendo a *BP Select*, a plataforma de *streaming* própria, como o principal produto da empresa.

3.1 As fundações ideológicas: o pensamento conservador e a lógica da guerra cultural

Para compreender a cosmovisão veiculada pela Brasil Paralelo e a própria noção de guerra cultural faz-se essencial reconstruir, de modo breve, a trajetória do conservadorismo no país. Esta síntese não pretende ser exaustiva, nem abordar os pormenores das correntes e pensadores associados a essa tradição, mas destacar os fios condutores que, entrelaçados, compõem o tecido ideológico do setor da direita política no qual a produtora Brasil Paralelo se insere.

Ideologia, demonstra Terry Eagleton (2019), é uma questão amplamente abordada por diversas áreas do conhecimento, de modo que não existe uma única definição, sendo, pois, um termo que carrega consigo uma miríade de significados. Alguns, inclusive, incompatíveis entre si. Eagleton (2019) constrói uma lista de definições usadas por diferentes autores, autoras e escolas teóricas. Enquanto algumas apontam para uma perspectiva de poder, entendendo ideologia como “ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante” (Eagleton, 2019, p. 19), outras têm uma abordagem menos crítica, vendo-a simplesmente como “um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social” (Eagleton, 2019, p. 19). No entanto, dentre as várias definições, uma chama a atenção no estudo do conservadorismo, sobretudo no que se refere à busca por naturalizar esta forma de entender o mundo. Na lista, aparece como “o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural” (Eagleton, 2019, p. 19).

Assim sendo, a retórica conservadora aspira a uma posição supraideológica, isto é, não se compreende como um lado do debate, como uma vertente ideológica. É vista, por parte de seus adeptos, como a mera representação da ordem natural, como o espelho que revela as posições ideológicas dos outros.

Nesse sentido, István Mészáros realiza uma leitura que dialoga com duas das noções apresentadas por Eagleton. Para Mészáros (2004), uma das formas de legitimar o poder exercido pela classe dominante é justamente quando se transforma aspectos sociais em fatos naturais, gerando, assim, o chamado mito da neutralidade ideológica, o que impõe um estado de ideologia única. Mészáros (2004), então, identifica no consenso neoliberal essa ideologia única. Para demonstrar como “a verdade é que em nossas sociedades tudo está ‘impregnado de ideologia’, quer a percebamos, quer não”, Mészáros (2004, p. 57) recorre a um dicionário de sinônimos e verifica como as palavras liberal, conservador e revolucionário são definidos. Enquanto as primeiras são carregadas de características positivas, onde Mészáros, de forma jocosa, questiona se os adjetivos heroico e santo não teriam sido esquecidos por engano, a última, além de uma curta definição é constituído de adjetivos negativos, sendo caracterizado como “enfurecido, extremista, fanático, radical, ultra”.

Liberal na economia, conservador nos costumes. Esse foi um bordão bastante difundido no debate político brasileiro ao longo da década de 2010, tendo suas origens na *internet* e utilizado por figuras de destaque do bolsonarismo, a principal corrente política que resgatou a reivindicação da tradição conservadora no Brasil. Curiosamente, Liana Trindade (1978) aponta que liberalismo e conservadorismo são expressões ideológicas de grupos sociais distintos, respectivamente a burguesia e a aristocracia, classes cuja disputa culminou na modernidade.

É justamente nesse espaço histórico de conflito que pensadores conservadores como Roger Scruton (2019) e Russel Kirk (2021), duas das principais referências teóricas da Brasil Paralelo, localizam o nascimento de sua doutrina. Portanto, se é possível haver um consenso entre o estudo crítico de Trindade (1978) e a defesa de Scruton e Kirk, é precisamente no cenário de ruptura entre estas duas correntes representativas de diferentes frações sociais: a Revolução Francesa, no século XVIII.

No bojo do processo revolucionário francês, enquanto o liberalismo preconizava trazer consigo o futuro, “o conservadorismo surgiu mais como hesitação no interior do liberalismo que como doutrina e filosofia em si” (Scruton, 2019, p. 28). Nas lisonjeiras palavras de Scruton (2019), o escritor que melhor expressou essa

desconfiança em torno dos progressos prometidos pela Revolução foi “o incomparável Edmund Burke” (Scruton, 2019, p. 35). Para o nascente conservadorismo político, sobretudo sob a perspectiva burkeana, o principal defeito da Revolução Francesa e, por conseguinte, do liberalismo que a defendia, era “o fato de que fora imposta de cima para baixo por uma ‘cabala literária’” (Scruton, 2019, p. 37). A proposta conservadora apontava para uma prevalência das tradições sobre as novidades da modernidade. Para Scruton (2019, p. 37), “seu argumento faz uma defesa detalhada e sutil da herança social que possibilita a soberania popular, contra os intelectuais que, em nome do povo, desejavam destruir todas as leis e instituições estabelecidas”.

É notável, portanto, o apego ao passado como base da doutrina conservadora. Trindade (1978) argumenta que

Os conservadores compreendem o presente como um momento do passado e sentem o passado unificado ao presente. Desta maneira, o seu conceito de história tende a ser mais espacial que temporal, predominando a noção de coexistência e não de sucessão (Trindade, 1978, p. 47).

Quase que ilustrando essa afirmação, Russel Kirk (2021, p. 15) afirma que, “o passado é o grande armazém da sabedoria”, e, “o conservador acredita que é necessário ser guiado pelas tradições morais, pela experiência social e pelo complexo e completo conjunto de conhecimento legado por nossos antepassados”.

Liana Trindade (1978) aponta que, na medida em que a modernidade avançava, o liberalismo ganhava força, forma e a racionalidade capitalista subjugava outras formas de vida, o conservadorismo surge como reação lógica a este sistema ideológico que se tornava dominante. Representando a classe que perdia poder, “o conservadorismo, como estilo de pensamento, surge no Ocidente como a consciência tardia na história de uma classe que pretende deter o poder ante a ameaça da própria história” (Trindade, 1978, p. 19).

Enquanto a Europa enfrentava essa ruptura entre classes e ideias, o Brasil, esse “rebento mutante, ultramarino, da Civilização Ocidental Europeia, na sua versão ibero-americana” (Ribeiro, 2016, p. 14), sofria as chagas da colonização. Esse foi o processo fundador da sociedade brasileira, nascida a partir da tentativa de assimilação e reprodução do padrão civilizatório europeu (Fernandes, 1976), porém com fortes especificidades. Conforme Florestan Fernandes (1976, p. 20) indica, “não tivemos todo o passado da Europa, mas reproduzimos de forma peculiar o seu passado recente, pois este era parte do próprio processo de implementação e desenvolvimento da civilização ocidental moderna no Brasil”.

Se na Europa o debate sobre a liberdade dava-se em relação a homens vistos como iguais entre si, aqui, havia a institucionalidade da escravidão, o que influenciou, em muito, o conservadorismo nascente. Não por acaso, Juremir Machado da Silva (2017) localiza na experiência escravocrata as raízes do conservadorismo brasileiro.

No período imperial, o conservadorismo já existia enquanto expressão política. Nelson Werneck Sodré demonstra como, no segundo reinado, a situação política era polarizada em torno do Partido Conservador e do Partido Liberal. A base social do conservadorismo localizava-se com as elites agrárias, interioranas, em oposição à população litorânea, que caminhava no sentido da urbanização. A elites agrárias, para Sodré (1998, p. 148-149),

trazem aquela inércia do interior ao advento e à percepção das coisas importas, das coisas extravagantes, das coisas estrangeiras. Nos seus espíritos o traço principal é a aversão ao sonho, à teoria às soluções esquemáticas. A mentalidade dessa elite é a mesma que tanto favoreceu a unidade brasileira, pela oposição que sempre representou aos ímpetus e crises revolucionárias do litoral árdego e sempre apto a aceitar aquilo que lhe aparecia com a sanção da aplicação em alheias terras.

Se a base social do conservadorismo no Império estava na elite agrária, era inevitável que sua visão de mundo fosse profundamente marcada pela escravidão, instituição que sustentava seu poder e riqueza. Longe de ser um mero fato econômico, a escravidão exigia uma complexa estrutura de justificação. Nas palavras de Juremir Silva (2017, p. 10), “a riqueza do Brasil foi construída pelo braço escravo”, de modo que “a acumulação primitiva do capital das classes dominantes brasileira foi produto da barbárie legalizada”. Na legitimação da “barbárie legalizada”,

os ideólogos do escravismo trabalharam duro para tentar limpá-lo, legitimá-lo e valorizá-lo. Grotescas categorias como a de resgate, seriam inventadas e propagadas em nome da fé, da razão, da cultura, do bem contra o mal e da civilização. Os brancos bons – racionais, civilizados e cristãos – agiriam pela recuperação de seus irmãos aprisionados e também em benefício da África e dos selvagens africanos necessitados de salvação e de proteção contra os seus.

Dentre as especificidades brasileiras na formação da racionalidade capitalista, Fernandes (1976) aponta que a burguesia, neste país, surge com profundas ligações com as oligarquias rurais. É dentro do horizonte cultural rural que a burguesia brasileira é formada, tendo por característica não o liberalismo revolucionário visível na Europa. Aqui, as mudanças são conduzidas gradualmente, de modo que “repousa o que se poderia chamar de consolidação conservadora da dominação burguesa no Brasil” (Fernandes, 1976, p. 209). Em síntese,

Estamos diante de uma burguesia dotada de moderado espírito modernizador e que, além do mais, tendia a circunscrever a modernização ao âmbito empresarial e às condições imediatas da atividade econômica ou do crescimento econômico. [...] O eixo dessa evolução, como se sabe, estava no esquema de exportação e de importação, montado sob a égide da economia neocolonial. A influência modernizadora externa se ampliara e se aprofundara; mas ela morria dentro das fronteiras da difusão de valores, técnicas e instituições instrumentais para a criação de uma economia capitalista competitiva satélite (Fernandes, 1976, p. 206).

Apesar do longo legado e da estreita ligação entre capitalismo, burguesia e conservadorismo, a tradição conservadora no Brasil passou por diversas transformações e rupturas, de modo que não é possível traçar uma linha de continuidade entre esse conservadorismo histórico, cujas raízes remontam desde o Brasil Império, e o conservadorismo propagado pela Brasil Paralelo. Este é um fenômeno político distinto, forjado no contexto digital, a partir da rearticulação das direitas no século XXI. Representa menos uma herança histórica orgânica de uma tradição e mais uma reinvenção estratégica.

É precisamente nesse contexto de reinvenção que setores da direita brasileira importam e adaptam aspectos do neoconservadorismo estadunidense. Esse novo tipo de conservadorismo surge, inicialmente, como um movimento intelectual que precede um movimento político que se torna a força hegemônica nos Estados Unidos. Conforme sintetizado por Marina Lacerda (2019, p. 21),

o primeiro se refere à produção de acadêmicos defensores do liberalismo econômico e anticomunistas, a partir dos anos 1950. O segundo se refere à coalização neoconservadora que possibilitou a eleição de Ronald Reagan para presidente dos EUA em 1980.

Ainda segundo Lacerda (2019, p. 21), “a intelectualidade neoconservadora se organizou a partir do começo da Guerra Fria para construir um movimento baseado no libertarismo econômico, no tradicionalismo moral e no anticomunismo”. Foi a luta contra o socialismo que tornou o liberalismo e o conservadorismo, outrora adversários, em aliados (Scruton, 2019), de modo que no aspecto econômico, o neoliberalismo passou a ser consenso entre os diferentes setores conservadores, havendo, ainda, eventuais discordâncias secundárias sobre o papel do Estado na economia. Contudo, essa corrente majoritariamente

apregoa o livre mercado e a intervenção mínima do Estado na esfera econômica, apenas para garantia da propriedade. Nos países de centro, implica a privatização e o desmantelamento do Estado de bem-estar social; nos países da periferia, solapa a soberania. (Lacerda, 2019, p. 165).

Em suma, a relação entre o conservadorismo e o neoconservadorismo é explicado por Rosa (*et al.* 2024, pp. 218-229)

Assim, enquanto o conservadorismo recorrentemente se coloca em defesa das tradições, da naturalização das hierarquias, do nacionalismo, do cristianismo, dos valores exclusivamente ocidentais, da proteção da família patriarcal, da heteronormatividade, da heterossexualidade como condição natural para a humanidade, das bases religiosas e institucionais, etc, rejeitando veementemente mudanças sociais bruscas, o neoconservadorismo latente tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos se posicionará, além da defesa destas pautas, na defesa do liberalismo econômico concorrencial e da menor intervenção do Estado na economia, porém intervindo em questões de cunho moral.

Embora existam distinções entre diferentes correntes de base conservadora, nesta dissertação o termo conservadorismo é adotado como uma acepção mais abrangente, por entender que a lógica da guerra cultural constitui um eixo comum e fundamental de unificação entre elas. Desse modo, é no terreno da moral e dos costumes que a coalização conservadora encontra sua unidade discursiva. Enquanto a esfera econômica pode conter discordâncias entre projetos distintos, a retórica da guerra cultural pode desviar o foco das pautas econômicas frequentemente impopulares, desempenhando o papel de conciliar diferentes setores em torno de um projeto de poder partilhado entre eles.

Um fato curioso é que um dos formuladores da retórica da guerra cultural, Patrick Buchanan, era um ferrenho crítico dos políticos neoconservadores (Santos, 2021). Buchanan propunha uma guerra cultural pela alma americana, onde os conservadores e religiosos lutariam uma cruzada moral contra os liberais e seculares. O léxico e os temas propagados por Buchanan até hoje influenciam setores da direita política que atuam sob a lógica da guerra cultural. O combate ao globalismo, às ações afirmativas, ao aborto, à doutrinação ideológica na escola, dentre outros. Frederico Santos (2021, p. 188) argumenta que

a retórica da guerra cultural parece ser aquela que, de certo modo, procura anular a leitura de mundo adversária, apagar da sociedade os valores que ela carrega, silenciar vozes que defendem suas razões e introduzir outros elementos relacionados à sua própria pauta ideológica.

Historicamente o anticomunismo tem sido um aspecto central na guerra cultural, para o qual são atribuídos os mais diversos tipos de conspiração. Um exemplo é o *best-seller* estadunidense *O comunista exposto*, onde Cleon Skousen afirma que “alguns confundiram a missão de Karl Marx e seus seguidores com algo de natureza puramente econômica, mas, como todos os outros materialistas, sua missão era

conquistar o poder através da guerra ideológica” (Skousen, 2018, p. 433). Olavo de Carvalho (2013), no mesmo sentido, defende que as transformações culturais às quais a sociedade brasileira se defronta são planejadas por atores estratégicos, que, imbuídos de uma *mentalidade revolucionária*, reorganizam a sociedade de acordo com seus interesses. Para Carvalho (2013, p. 140-141)

A guerra cultural não é, evidentemente, uma conspiração, mas a sutileza das suas operações, raiando a invisibilidade, faz com que a impressão confusa suscitada pelo conceito em quem ouça falar dela pela primeira vez seja exatamente essa, produzindo quase infalivelmente aquele tipo de resposta que mereceria o nome de suspicácia ingênua.

Em proximidade com as formulações de Scruton (2019) sobre a revolução francesa ter sido obra de uma cabala literária, Carvalho recorre à retórica da guerra cultural para atribuir um tom conspiracionista a essas mudanças conduzidas pelas elites culturais. Nessa leitura,

As armas usadas na guerra cultural são, por definição, uma propriedade quase monopolística da classe dos intelectuais e estudiosos, escapando não só a compreensão como aos interesses do cidadão comum, mesmo de elite, não envolvido em complexos estudos de história literária e cultural, filosofia, linguística, semiologia, arte retórica, psicologia e até mesmo sociologia da arte (Carvalho, 2013, p. 141).

Na medida em que Carvalho tenta dar profundidade analítica para se afastar do rótulo de teoria da conspiração, o teor de suas afirmações se assemelha a essa estrutura narrativa, devido a negação de fatos e a aproximação com narrativas fantásticas sobre a realidade, escondida dos comuns e acessível a poucos eleitos. No fundo, a retórica conspiracionista é presente em diversos aspectos da coalização conservadora, que busca convencer menos pelos argumentos e mais pelo fascínio que provoca (Demuru, 2024). É nesse sentido que a cosmovisão da Brasil Paralelo é construída, oferecendo a *Red Pill* como uma lente para *enxergar o mundo como ele realmente é*.

3.2 A criação da Brasil Paralelo: a ambivalência entre a empresa de mídia e a militância política

Seguindo a trilha do combate ao marxismo cultural e à hegemonia na cultura, a Brasil Paralelo foi fundada no ano de 2016. Essa foi uma década turbulenta na vida política do país, iniciando-se com a chamada Jornadas de Junho de 2013, passando pela ascensão dos novos movimentos de direita responsáveis pela deposição da

então presidenta Dilma Rousseff e culminando com a eleição presidencial de Jair Bolsonaro, que conseguiu se tornar o polo aglutinador dessa movimentação.

Marina Lacerda (2019, p. 22) aponta que “o neoconservadorismo se revelou, então, propriamente conservador por apostar na visão de ameaça e não de oportunidade, cultivando pessimismo sobre a democracia e a mudança social”. No Brasil, essa ameaça à qual o conservadorismo emergente reagiu foi personificada, em grande medida, no projeto político do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 2013, às vésperas da eclosão das grandes manifestações de rua, João Sicsú publicou *Dez anos que abalaram o Brasil. E o futuro?*, um livro que simboliza o ideário que orientava a cúpula do PT, comandando a Presidência da República.

Na obra, Sicsú (2013) sintetizou dados que comprovavam a melhoria econômica experimentada pelas classes mais baixas, concluindo que tal situação deu aos pobres emprego, renda e acesso a bens de consumo. Contudo, na medida em que trouxe maiores aspirações, sobretudo no que se refere ao bem-estar, esse cenário também estabeleceu como desafio uma integração social que fosse além do consumo. Nas palavras de Sicsú (2013, p. 58),

este é o desafio do decênio que vai até 2022: manter o emprego, o crescimento da renda e socializar a oferta de bem-estar. Esta é a nova utopia de grande parte da sociedade. Se o PT e os seus aliados desejam continuar mudando e transformando o Brasil terão que abraçar essa utopia. O modelo de crescimento com geração de emprego e distribuição de renda, desenvolvido nos últimos dez anos, precisa incorporar no seu âmago a multiplicação de bem-estar social – que significa a socialização da oferta de benefícios, serviços e equipamentos públicos de qualidade.

Em outro trecho, Sicsú faz uma análise que chama a atenção. Em sua leitura, a desesperança dos anos 1990 foi transformada em otimismo e em uma nova pauta de desejos e exigências. Os governos do PT e de seus aliados geraram também uma aglutinação oposicionista composta de forças neoliberais, de seitas conservadoras, de grupos rentistas, de famílias que controlam grandes meios de comunicação, de altos funcionários de carreiras de Estado e, por último e com menos importância, três ou quatro partidos políticos (Sicsú, 2013, p. 57).

Por fim, Sicsú afirma que

não há qualquer projeto alternativo às políticas econômicas e sociais aplicadas pelo PT e seus aliados nesses últimos anos. A aglutinação oposicionista não tem projeto consistente. Como não tem projeto e tem que sobreviver, ela busca tão somente (o que não é pouco) aumentar a rejeição ao PT, a Lula, à presidente Dilma e aos aliados (Sicsú, 2013, pp. 58-59).

A análise de Sicsú, portanto, é emblemática do espírito que vigorava no PT à época. Hoje, mais de uma década após esses acontecimentos, temos a comodidade

de analisar os fatos e apontar os limites dessa leitura. A autoconfiança projetada no futuro, de certa forma, desprezou que amplos setores poderiam ser mobilizados através da rejeição a esse projeto. Na juventude, que não acompanhava tal otimismo, materializou-se o que Mark Fisher, em diálogo com Franco 'bifo' Berardi, nomeou de "lento cancelamento do futuro", entendido como uma completa falta de expectativas (Fisher, 2022). Essa noção, aliada com o realismo capitalista, como Fisher (2020) denomina a visão de que o capitalismo é o único sistema viável e que a ele não há alternativas, criou um terreno fértil no qual a Brasil Paralelo conseguiu fincar raízes. A resposta dada pela Brasil Paralelo não oferecia uma alternativa ao realismo capitalista, mas o reafirmava e oferecia uma saída reacionária para a crise enfrentada. Nessa perspectiva, para rejeitar o presente revolucionário constituído pelo governo petista, a solução estava em revisitar (e idealizar) o passado.

Outro fator a considerar é a leitura de Sicsú (2013) sobre a oposição da época, onde a ausência de um projeto claro e bem definido era um elemento de fragilidade. No entanto, a investigação de Theodor Adorno sobre o radicalismo de direita surgido na Alemanha do pós-guerra oferece uma chave de interpretação diferente e, apesar da larga distância histórica, demonstra ser um instrumental teórico poderoso para compreender certas dinâmicas dos novos movimentos de direita surgidos na era digital. Adorno (2020, p. 54) afirma que "não se deve subestimar esses movimentos devido a seu baixo nível intelectual e devido a sua ausência de teoria".

A ausência de teoria, desse modo, é compensada com um sofisticado uso nas técnicas de comunicação e propaganda. Segundo Adorno,

O que é característico desses movimentos é muito mais uma extraordinária perfeição dos meios, a saber, uma perfeição em primeiro lugar dos meios propagandísticos no sentido mais amplo, combinada com uma cegueira, com uma abstrusidade dos fins que aí são perseguidos. [...] A propaganda é genial, sobretudo pelo fato de que, nesses partidos e movimentos, ela nivela a diferença, a diferença inquestionável entre os interesses reais e os falsos objetivos simulados. Assim como outrora com os nazistas, a propaganda é realmente a substância mesma da coisa (Adorno, 2020, p. 54).

A observação de Adorno sobre a perfeição dos meios propagandísticos encontra um bom exemplo no caso da Brasil Paralelo. Não por acaso, "dos 5 sócios fundadores, três foram ex-alunos da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM): Henrique Viana, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem. Eles permanecem à frente da empresa até hoje" (Brasil Paralelo, 2022a). Os três planejavam investir em um

empreendimento que se dedicasse a produção de conteúdo audiovisual focado em educação e entretenimento.

O sucesso do projeto, contudo, não se deu apenas pela habilidade das técnicas de publicidade e marketing e ao bom manejo das redes sociais digitais, compreendendo a lógica dos algoritmos e as dinâmicas de engajamento. Essas competências, somadas a um ambiente político favorável, de ofensiva das novas direitas no cenário nacional, garantiram um resultado positivo no plano de negócios da empresa. Esse retorno foi potencializado por um expressivo aporte financeiro, que garantiu uma produção diversa e uma qualidade profissional necessária para que o empreendimento alcançasse o impacto desejado.

Uma reportagem publicada no portal AzMina (Granjeia, 2024) demonstra que parte dos aportes financeiros se deve ao financiamento de Jorge Gerdau Johannpeter, que até o ano de 2021 repassou pelo menos R\$ 1,5 milhão à produtora, ocupando, com isso, o cargo de conselheiro, tempos depois se tornando um dos sócios. Se esse é um movimento comum no mercado financeiro, rejeitar dinheiro não é. E na prática, isso ocorreu quando Gerdau, um acionista preferencial, não entrou na lista de distribuição de dividendos em 2022, demonstrando não estar interessado no lucro, uma vez que emprestou dinheiro sem retorno. Se não há interesse no dinheiro, há confiança no projeto político e ideológico que o empreendimento representa. A contribuição, nesse caso, se assemelha a uma contribuição militante, revelando que a cosmovisão veiculada pela produtora tem apoio de setores da classe dominante brasileira.

Parte significativa do dinheiro movimentado pela empresa é destinado a impulsionar conteúdos por meio de anúncio nas redes digitais, principalmente nas redes da Meta. O levantamento realizado pelo portal Intercept (Motoryn, 2024) aponta que, desde agosto de 2020, a Brasil Paralelo gastou, no mínimo, R\$ 560,5 mil em mais de 5 mil anúncios destinados a campanhas antiaborto. Esse montante, no entanto, faz parte de uma estratégia maior, onde a empresa despendeu, entre os anos de 2020 e 2024, cerca de R\$24.745.039. Os anúncios não se restringem ao aborto, mas refletem a agenda conservadora da produtora, demonstrando haver uma simbiose entre os aspectos financeiros e ideológicos.

Essa realidade comercial, no entanto, busca ressignificar a posição da empresa, apresentando-a mais do que um negócio, mas sim um projeto político para

o país. A opção pelo Paralelo no nome trata-se de uma busca por autonomia, definido nos seguintes termos:

precisamente para dar a ideia de que a marca é a conexão com outra realidade, paralela, independente do Estado. Paralela, inclusive, ao que as pessoas estavam acostumadas a ver na mídia convencional. O nome é uma referência a uma forma de agir, totalmente independente de dinheiro público, políticos e leis de incentivo audiovisual, afinal, duas retas paralelas nunca se encontram (Brasil Paralelo, 2022b).

A construção desse *Brasil paralelo* está intimamente relacionada à Missão, Visão e Valores da empresa (Brasil Paralelo, 2022c). Estes componentes revelam a articulação entre o empreendimento midiático e a militância política. Desse modo, a Missão da empresa é “Resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”, a partir da Visão, que reflete a ambição da empresa de “ser o ecossistema de maior influência cultural do Brasil”. Se, na Missão, já há alusões ao ideário conservador, os Valores explicitam esta relação. São eles: verdade; liberdade; arte; ambição; meritocracia; união e diplomacia. Posteriormente, na análise, será possível observar como estes valores são mobilizados discursivamente na estratégia metapolítica do programa *Red Pill*.

A metapolítica, conforme apontado por Benjamin Teitelbaum (2020, p. 62), é uma estratégia que

envolve fazer campanha não por meio da política, mas por meio da cultura – das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação. É nessas esferas que os nossos valores são formados, não na cabine de votação. Quem conseguir alterar a cultura de uma sociedade terá criado uma oportunidade política para si mesmo. Se não conseguir, não terá chance. [...] As campanhas metapolíticas em geral assumem uma destas duas formas: ativistas buscam injetar suas mensagens em canais culturais já existentes ou procuram criar canais alternativos próprios para competir com os da ideologia dominante. É a diferença entre editar artigos da Wikipédia e criar uma enciclopédia on-line alternativa; entre infiltrar-se em uma subcultura jovem e começar um novo movimento seu; entre alterar o currículo da educação pública e fundar uma escola privada totalmente dedicada à sua causa. A primeira abordagem tenta cultivar solidariedade política entre a população em geral, com ênfase no alcance da mensagem. A segunda propõe-se a formar uma sociedade paralela dentro de uma dada sociedade, grande e radical o suficiente para lutar pelo poder.

Em síntese, a atuação da Brasil Paralelo revela uma articulação entre o aspecto empresarial e a militância política. O ápice dessa estratégia é a *BP Select*, sua plataforma própria de *streaming*. Com isso, a produtora tenta criar um ecossistema de comunicação onde ela controla o que será exibido e como as obras devem ser interpretadas. Nesse modelo, programas como o *Red Pill* atuam como uma porta de entrada gratuita, convertendo o amplo alcance proporcionado pelo *YouTube* em

assinaturas aos canais alternativos próprios e acesso a versões mais aprofundadas da cosmovisão conservadora.

3.3 Entretenimento que educa: A *BP Select* como exemplo de propaganda metapolítica

Entendemos que, seguindo a estratégia metapolítica (Teitelbaum, 2020), o programa *Red Pill* seria a porta de entrada, a injeção de mensagens em canais tradicionais (como o *YouTube*), enquanto a *BP Select* seria um canal alternativo próprio para competir com os da ideologia dominante, entendido como qualquer um que não compartilhe da mesma cosmovisão. A estreia do serviço, em meados de 2021, foi conduzida por Guilherme Freire, principal apresentador do *cinecast Red Pill*. Assim, a figura que revelava o verdadeiro significado dos filmes para o público era, também, um dos responsáveis por definir o repertório disponível ao assinante, consolidando, assim, a condução do espectador através do percurso de influência ideológica planejado pela produtora.

Desse modo, o Programa *Red Pill*, embora não possua ligações explícitas com o grupo masculinista que, à época, estava em alta no *YouTube*, encontrou nesse segmento uma oportunidade de ressignificar o termo e atrair um público já atingido pela ideia de conhecer verdades ocultas. Conforme definido por Amato e Fuschs (2022, p. 80),

Os chamados masculinistas ou *mascus* – para usar uma expressão de Lola Aronovich - se constituem como um grupo de homens que se articulam e compartilham de uma identificação a partir de narrativas misóginas, ancoradas na ideia de uma supremacia masculina, expressa em seus discursos como uma posição ameaçada pelas mulheres.

O Programa, no entanto, integra uma elaborada estratégia de divulgação da *BP Select*, atuando inicialmente como uma vitrine para o lançamento de filmes ao catálogo da plataforma, onde cada nova estreia ganharia um episódio temático correspondente. Aproveitando-se também de datas festivas, a empresa lançava programas comemorativos e, com isso, capitalizava atenção em torno de temas populares para captar a audiência e canalizar esse interesse em assinaturas do serviço *BP Select*.

Transmitido semanalmente entre os meses de setembro e dezembro de 2021, houve ainda uma falha tentativa de retomar a periodicidade do programa em 2022.

Nessa fase, realizou-se um teste de substituir Guilherme Freire como apresentador, pois, apesar de não haver um pronunciamento oficial da empresa sobre os motivos do afastamento, uma reportagem publicada pelo portal Pública (Audi, 2024) afirmou que colegas de Freire o denunciaram por assédio. A apuração identificou ao menos três mulheres que foram “diminuídas por Freire em público e assediadas de forma reservada”. Ainda segundo a matéria, Freire foi demitido da produtora em agosto de 2022, período em que o *Red Pill* entrou em hiato. Embora Guilherme Freire tenha sido publicamente uma figura central na construção da *BP Select*, atuando como a principal referência intelectual e articulador do serviço através do *Red Pill*, seu afastamento não interrompeu a operação da plataforma, que seguiu funcionando independentemente da sua presença.

Com planos cuja mensalidade variam entre R\$ 7,90 e R\$ 99,50, o *BP Select* (Brasil Paralelo) oferece produções próprias e de terceiros, com conteúdo nacional e estrangeiro, além de um núcleo de formação, com uma variedade de temas. Para não soar como uma divulgação grátis, uma primeira problematização é possível de ser feita a partir do *slogan*: aperte o *play* sem medo. E, não obstante, essa ideia se faz presente na apresentação de todos os serviços presentes na plataforma.

A justificativa para o *slogan* é a de que a empresa garante que todos os filmes disponibilizados são bons (Brasil Paralelo, 2021). No entanto, a produtora destaca que “os filmes foram selecionados a dedo pela curadoria da Brasil Paralelo. São obras que saltam da tela e tocam o coração, com mensagens boas e valores seguros”, reafirmando ainda que “filmes ruins, com mensagens ideológicas ou sem sentido profundo atrapalham essa experiência do cinema enquanto arte e entretenimento”. Nesse sentido, aqui se faz presente a noção do conservadorismo enquanto uma não-ideologia, retomando a ideia de naturalização do mundo social (Eagleton, 2019; Mészáros, 2004).

Apesar do foco estar nas obras cinematográficas, não se pode subestimar o papel do espaço educacional do *BP Select*, organizado como “cursos” e “certificações”. Apesar de haver mais de 90 cursos (Brasil Paralelo, 2025), alguns poucos são destacados na tela inicial do serviço. Os cursos, cujas principais temáticas são política, religião e filosofia, não são abordados como áreas separadas, mas são entrelaçados para compor uma mesma visão de mundo. A noção de guerra e insegurança é recorrente, correlacionando principalmente política e religião. Os cursos

intitulados “Front Interno: O Crime Organizado e Suas Frentes de Avanço²⁵”, “Segurança Pública: O Controle do Crime ao Longo da História²⁶”, “Perseguição e Liberdade Religiosa²⁷” e “Entre Anjos e Demônios²⁸” demonstram essa articulação. A partir da apresentação de cada um desses conteúdos, é possível perceber a construção de uma narrativa que confere aspectos religiosos a questões políticas. Nestes conteúdos há a ideia de que existem forças ocultas, poderes sombrios que travam uma guerra invisível. Esses poderes são anunciados a partir de uma dimensão humana, expressada através de ideologias que “combatem os alicerces da civilização” e “corrompem a moral e os bons valores”, e uma dimensão espiritual, como uma batalha entre anjos e demônios sobre a influência na vida e nas escolhas das pessoas.

As “certificações” são jornadas de estudo guiadas e, por outro lado, se concentram principalmente em questões financeiras, políticas e de “repertório cultural”. Dentre elas, há a formação denominada de “Travessia”, divulgada como “uma jornada de estudos autêntica, com início, meio e fim bem definidos. Reunimos uma curadoria de professores e temas relevantes numa experiência de ensino desenhada nos mínimos detalhes pela Brasil Paralelo²⁹. Dividido em três blocos “O Despertar”, “Entendendo o Problema” e “Enfrentando o Problema”, o programa passeia por diversos assuntos, envolvendo aspectos de cultura, educação, oratória e política.

Evidenciar essa seção se faz necessário, pois, segundo Benjamin Teitelbaum (2020, p. 157), estrategistas como Olavo de Carvalho, “estavam jogando com vistas ao futuro (longo prazo) e a transformações maiores do que o mandato de um líder; organizando ferramentas políticas e metapolíticas em busca de seus objetivos”. Desse modo, influenciados pela perspectiva olavista, a *BP Select* deixa de ser a diversificação de seus negócios, e é, além de tudo, um aspecto da materialização dessa estratégia de longo prazo, a construção de um sistema de formação ideológica autônomo e completo, abarcando diversos aspectos da vida humana, como a educação, a cultura e o entretenimento.

²⁵ <https://www.brasilparalelo.com.br/streaming/front-interno-o-crime-organizado-e-suas-frentes-de-avanco>

²⁶ <https://www.brasilparalelo.com.br/streaming/seguranca-publica-o-controle-do-crime-ao-longo-da-historia>

²⁷ <https://www.brasilparalelo.com.br/streaming/perseguiacao-e-liberdade-religiosa>

²⁸ <https://www.brasilparalelo.com.br/streaming/entre-anjos-e-demonios>

²⁹ <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/travessia>

4 “QUAL A RED PILL DA NOITE?”: DISSECANDO OS EIXOS TEMÁTICOS DA ESTRATÉGIA DISCURSIVA DO *PODCAST*

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa. A exposição inicia com uma síntese do que foi encontrado durante a investigação, com uma sistematização do que foi coletado. Depois, o trabalho avança para uma análise mais aprofundada, interpretando conteúdos específicos à luz do arcabouço teórico discutido anteriormente. O objetivo é demonstrar como o *entretenimento que educa* transmite uma cosmovisão conservadora, contrariando a neutralidade alegada por seus criadores.

4.1 Apresentação e sistematização do conteúdo coletado

A trajetória do *Red Pill* pode ser dividida em três momentos distintos: a criação de um formato; a consolidação do Programa e a intensificação da produção; a tentativa de sobrevida e a retomada após um hiato. O segundo momento foi o ápice da popularidade do *podcast*, concentrando os episódios de maior engajamento e mais polêmicos, conforme visível no Quadro 1 (p. 26). O conteúdo polêmico, nesse caso, aparece principalmente sob a forma de material com conteúdo político mais explícito. Sobre essa mudança, há uma declaração emblemática emitida por Luiz Philippe no episódio 02. Respondendo a uma pergunta sobre batalhas no Brasil cujas histórias poderiam se tornar filmes, ele responde que há várias, e que ele “[aconselhou a Brasil Paralelo] explorar isso, vocês escolheram não explorar isso há 1, 2 anos atrás, vocês entraram para uma seara política” (ep. 02, 1:48:51-1:48:53). Curiosamente, o mesmo aconteceu com o *Red Pill*, onde temas políticos dominam já o episódio seguinte ao qual a declaração foi emitida.

A Tabela 1, que segue abaixo, foi confeccionada com o auxílio do *software* MaxQDA, e apresenta a frequência da ocorrência de cada categoria analítica nos episódios investigados. A partir dela se pode verificar que os episódios 03 a 09 se destacam como o núcleo mais intenso e representativo do *corpus* investigado.

Tabela 1 – Frequência de menções aos temas

Nome do episódio	Ideologia, política e guerra cultural	Gênero e sexualidade	Ciência e produção do conhecimento

01. Literatura x Cinema	13	0	3
02. Os melhores filmes de guerra	16	0	0
03. Feminismo e princesas da Disney	35	27	3
04. Duna é conservador?	16	1	0
05. Globalismo e distopia	15	4	11
06. O cinema é uma arma política	27	2	0
07. Sentimentalismo tóxico no cinema	7	17	1
08. Melhores filmes de Natal	3	1	1
09. O que os seus filhos estão assistindo	21	19	0
10. Live Frank Capra	6	1	0
11. A história e importância de Rocky Balboa	2	0	1

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Os dois primeiros episódios são de estabelecimento do Programa, enquanto os dois últimos foram uma tentativa de retomá-lo, de tal modo que aspectos característicos do formato criado por Guilherme Freire não recebem a ênfase dos outros. Em especial, o momento “Qual a *Red Pill* da noite?”, que funciona de modo semelhante à moral da história presente nas fábulas. Apresentado por Freire como “o que as pessoas acham que é de um jeito e é de outro, uma quebra de paradigma” (ep. 03, 1:12:35-1:12:38), é o ponto alto do episódio, onde cada participante condensa as ideias defendidas ao longo do *podcast*, geralmente dando um significado político ao assunto em questão, não raro a partir da ideia de guerra cultural.

A Tabela 1 (pp. 60-61) revela também que o eixo “Ideologia, política e guerra cultural” é o mais comum, sendo o único presente em todos os vídeos e, dessa forma, é o fio condutor que interliga os episódios e articula o Programa *Red Pill* com a estratégia metapolítica utilizada pela Brasil Paralelo, cumprindo a função de disseminação do conservadorismo através do entretenimento.

O segundo tópico mais recorrente é o de “Gênero e sexualidade”, ganhando episódios temáticos específicos e, conforme será detalhado na seção 4.3, bastante ligado ao tema anterior, pois este aparece principalmente sob duas formas: combate ao feminismo e afirmação de papéis de gênero, principalmente no âmbito familiar.

Por fim, o menos constante entre eles é o de “ciência e produção de conhecimento”. Abordado principalmente no episódio sobre globalismo e distopia, está muito relacionado à negação da ciência. Alguns fatores colocaram-no como dispositivo de análise, como a discussão realizada sobre a instrumentalização da ciência enquanto mecanismo da colonialidade e a ideia de *entretenimento que educa*, que faz com que haja interesse no entendimento da maneira que o Programa constrói sua autoridade epistêmica, na medida em que cria uma narrativa de descredibilização do que denominam de ciência oficial.

Portanto, segue a interpretação do *corpus*, conforme cada uma das três categorias analíticas.

4.2 Ideologia, política e guerra cultural

À primeira vista pode parecer estranho que, mesmo havendo relativa proximidade entre os diferentes conceitos, um único tópico possa agrupar assuntos tão amplos quanto os analisados aqui. Porém, no processo de identificação dos padrões discursivos do Programa, essas três noções demonstraram forte correlação, possibilitando uma leitura mais ampla das interpretações presentes no *podcast*. Em resumo, a guerra cultural, enquanto estratégia discursiva, fundamenta a crítica às produções audiovisuais atuais, difundindo a narrativa de que tudo o que foge da cosmovisão conservadora é ideológico e, conseqüentemente, não natural.

4.2.1 Novos inimigos: o globalismo

Se historicamente, na retórica da guerra cultural, o anticomunismo desempenhou um papel de destaque, com o enfraquecimento do campo socialista esse apelo perdeu força e foi substituído pelo globalismo, sendo esta uma ideologia que agrupa sob si diversas outras, tais como o próprio comunismo (e o progressismo como a sua faceta atual), o feminismo, o ambientalismo e o fascismo. Desse modo, sob a ótica da *Red Pill*, essa tese ocupa posição central.

Presente de forma direta ou indireta na maioria dos episódios, o globalismo é abordado com maior profundidade no episódio 05, dedicado especialmente ao tema. Uma das definições trazidas nesse episódio afirma que:

Flávio Morgenstern: o globalismo faz parte de um arcabouço intelectual que [...] tem seus primeiros focos ali provavelmente na Roma Antiga, o primeiro recenseamento de Cesar era [baseado na ideia de] ter o conhecimento do mundo inteiro, pegar cada uma das pessoas e ter um controle ali sobre o mundo inteiro conhecido desde então. Tem um grande florescimento ali um pouquinho antes do renascimento italiano, ou seja, duas vezes na Itália, e acaba sendo muito grandioso a partir da Alemanha do séc. XVIII, na verdade a passagem do XVIII para o XIX, com Kant, que é o primeiro cara a determinar o globalismo moderno, que é dizer assim: olha, nós precisamos de um governo mundial, as diferenças de governo em cada país e cada cultura precisam ser dissolvidas em um grande poder unificado (ep. 05, 02:38-03:35).

O globalismo, nesse sentido, refere-se a um poder unificado, global e exercido de maneira quase etérea. Flávio Morgenstern ainda critica a direita por não escrever livros e diz que gostaria que escrevessem a ideia do globalismo como cultura. Em suas palavras:

Flávio Morgenstern: você tem uma unificação cultural, ou seja, você vai deixar de ter discordâncias, e isso justamente através de palavras que indicam discordâncias, como supostamente democracia, porque democracia não indica discordância de fato, liberdade de pensamento, assim por diante (ep. 05, 04:10-04:25).

No mesmo episódio, Marcos Ruppelt cita Alexandre Costa, que faz menção ao “ambiente globalista”. Para Ruppelt, “o globalismo seria a criação de um ambiente de governança global, que as pessoas estivessem sujeitas a esse tipo de poder, e sentissem, de certa forma, agraciada com essas diretrizes” (ep. 05, 04:50-05:00). Costa (2013) explicita a diferenciação entre globalização e globalismo, sendo aquele um fenômeno econômico estabelecido de maneira “natural e espontânea”, e este precisando de uma estrutura organizacional centralizadora. O globalismo, em essência, é entendido como “uma espécie de ‘metaideologia’, uma ideologia que se coloca ‘além’ das demais porque julga ter assimilado o essencial de todas as outras” (Costa, 2023, p.13).

A formulação de Costa influencia outra afirmação emitida no *podcast*, a de que:

Marcos Ruppelt: o globalismo é uma cultura. Sendo o globalismo um governo, todo governo moderno depende de propaganda constante. Sendo um governo unificado e uma propaganda constante, você presume a ideia de que você vai transformar todo o bem cultural da humanidade, seja a religião, sejam os laços, como no filme *Equilibrium*³⁰ (ep. 05, 40:15-40:37).

A partir desse ponto de vista, na medida em que o globalismo é uma unificação cultural, ele é responsável também por difundir a ideia de padronização dessa cultura, tida como dominante. Ao contrário do que se possa imaginar, a cultura dominante denunciada pelo *Red Pill* não é aquela imposta pelos processos de colonização. Curiosamente, o que é visto como imposição são as diversidades dentro da cultura hegemônica. Essa perspectiva pode ser vista quando abordam o desenho *Carmen Sandiego*³¹, sobre o qual afirmam que há uma versão clássica e outra corrompida:

Flávio Morgenstern: [O anterior era feito para] literalmente apresentar o mundo para os filhos, era um mega de um desenho. Agora você vai me falar que tem uma versão corrompida da Carmen Sandiego!? O que, a Carmen Sandiego é trans?

Guilherme Freire: A ideia é que, o que era vilão no anterior, agora é herói. E a ideia é que o mundo vai se unir, então, ao invés de ressaltar as diferenças nacionais, agora nós temos que ter uma versão global (ep. 09, 40:01-40:27).

No entanto, no episódio 04, dedicado à obra *Duna*³², há uma declaração contraditória, que, apesar de não fazer menção direta ao globalismo, pode ser interpretado como se referindo a ele. Ao reclamar sobre do multiculturalismo dentro dos planetas fictícios criados por Frank Herbert:

Antônia Levy: então você vai pegar, por exemplo, dentro de *Arrakhis*, tem pessoas muito diferentes, então você tem pessoas que são muito clarinhas e muito escuras dentro daquele planeta, dentro dos *Fremen*, que são uma sociedade que o mérito ou a grande questão dele é se esconder. Então eles obviamente são *inbred*, né, eles se relacionam entre eles, então teoricamente eles não teriam características genóticas tão diferentes (ep. 04, 1:03:00-01:03:42).

A conclusão a que chegam é a de que fazer um planeta multicultural foi um “pedágio ideológico”, uma concessão que precisou ser paga para haver um filme

³⁰ Filme de ficção científica lançado em 2001 e dirigido por Kurt Wimmer. A trama se passa em um futuro distópico, onde a sociedade é controlada por um regime totalitário e droga os seres humanos com a finalidade de controlá-los através da supressão das emoções.

³¹ É uma personagem fictícia protagonista de séries de videogames e animações. Sua primeira aparição ocorreu no jogo *Where in the World Is Carmen Sandiego?* (1985). Décadas mais tarde, a Netflix produziu *Carmen Sandiego* (2019-2021), repaginando a protagonista com o objetivo de apresentar a icônica personagem às novas gerações.

³² Uma série de romances de ficção científica escrita por Frank Herbert, publicada originalmente em 1965. Ganhou uma recente adaptação cinematográfica, dirigida por Denis Villeneuve (2021 e 2024).

baseado em uma história reacionária ou, na linguagem utilizada, *reaça*. Há, aqui, a ideia de que é exigido, por parte dos grandes conglomerados de mídia subordinados ao globalismo, a inclusão de uma falsa diversidade nas obras, seja ela de gênero, sexualidade, etnia, dentre outras. Assim sendo, o multiculturalismo funcionaria como um sistema de homogeneização globalista que destrói diferenças culturais autênticas que poderiam ser retratadas na ficção.

Pode-se perceber que a questão da unificação cultural e do multiculturalismo aparece, por vezes, de maneira confusa e até mesmo contraditória. Contudo, o teor adotado é o de que o globalismo, com esse caráter conspiracionista, difunde um falso multiculturalismo. O que parece diverso é, na verdade, padronizador, conforme denunciado no trecho:

Flávio Morgenstern: Cara, você tá unificando tanto culturalmente, matando as culturas no meio do caminho [...], que antes dos Estados modernos, que já são uma coisa horrenda, antes dos Estados modernos você tinha cultura que você tinha a Igreja como unificadora, mas você tem a cultura hispânica é uma coisa, a dos eslavos é outra, a dos nórdicos é outra, assim por diante, com um grande mediador. Agora não, você esquece o mediador, você mata o mediador e fala 'não, agora vai ser tudo uma única cultura em nome do multiculturalismo' (ep. 05, 51:44-52:19).

Essa falsa diversidade, na visão desses setores conservadores, seria responsável por uma decadência civilizatória. Uma menção sobre isso é encontrada quando Guilherme Freire diz que:

Guilherme Freire: Na verdade, o Herbert está fazendo um comentário civilizatório também. Ele está meio que falando do nosso Ocidente, pois o nosso Ocidente ele está meio estéril agora. Ele é meio sem ideias, ele é meio morto, sabe? Tem o desenvolvimento tecnológico, mas a gente é meio morto de civilização, nossa civilização não parece estar florescendo, parece estar morrendo (ep. 04, 1:04:44-1:05:00).

Sob essa perspectiva, tal decadência foi conduzida pela modernidade, uma vez que a Brasil Paralelo é apologista de uma ordem social baseada em um catolicismo antimoderno, diretamente relacionado às inspirações tradicionalistas de Olavo de Carvalho (Teitelbaum, 2019). Também se aproxima da tese do choque de civilizações, entendida como a disputa entre dois blocos de poder, representados pelo islã e o Ocidente (Di Cesare, 2019). Apropriada por grupos de direita e extrema direita, isso gerou a fantasia conspiratória da grande substituição, entendido como “a lenda sobre a substituição dos povos brancos por outros de origem africana e do Oriente Médio” (Demuru, 2024, p. 9).

Nesse sentido, se o globalismo é visto como uma conspiração totalizante, ele opera não apenas no nível abstrato e cultural, pois não é somente propaganda. Está intimamente relacionado ao exercício do poder no mundo real, trabalhando em diferentes escalas. Seguindo o mote do Programa de usar filmes para discutir questões da realidade, a interpretação dada ao vilão do filme *O Exterminador do Futuro*³³ é a de que:

Flávio Morgenstern: Quando chegar a *skynet*, com quem ela vai se fundir? Quando chegam os globalistas, com quem que eles se fundem? Eles vão lá e falam assim: olha, esse sistema de poder que vocês têm, esse sistema constituído de método acusatório, de polícia, de não sei mais o que. Vamos substituir ele por outra coisa? Não, ele se funde. [...] Ele está fundido, poder e globalismo é uma única e mesma coisa. Me fala algum sistema jurídico no mundo, pelo menos ocidental, hoje, que não seja globalista. Não tem por que é tudo ONU (ep. 05, 1:02:55-1:03:33).

Nessa leitura, no âmbito efetivamente político, o globalismo é também responsável por moldar governos e manipular eleições. Na tentativa de desvincular a imagem da produtora da imagem de Jair Bolsonaro, à época Presidente da República, Ruppelt questiona para Paulo Kogos, um dos convidados do Programa, se:

Marcos Ruppelt: Considerando que o Brasil é uma distopia [...] e que a gente tem um ministro da economia chamado Paulo Guedes, qual a função desse homem no governo brasileiro? (ep. 05, 1:15:00-1:15:06).

Kogos, um autodenominado anarcocapitalista e uma personalidade relativamente popular na *internet*, fortemente vinculada aos *incels*³⁴ e defensor do governo Bolsonaro, afirma que Paulo Guedes seria:

Paulo Kogos: um infiltrado feito para o Bolsonaro perder a eleição. Essa é a função de Paulo Guedes, ele confessou isso. Ele disse que quando Bolsonaro tava para ser eleito, ele se reuniu com os amiguinhos *banksters* dele, que são todos globalistas da Nova Ordem Mundial, o consenso de Washington, a desgraça toda, e ele disse “olha, não dá para evitar que o Bolsonaro seja eleito”. Então ele estava torcendo para continuar o *establishment*, “ele [Bolsonaro] é um *outsider*, os bárbaros estão aos portões, então vou tentar apaziguá-lo e não bater de frente. Então ele confessa que o objetivo dele não é perpetuar o bolsonarismo através de uma política econômica sustentável, mas o contrário, e é o que está acontecendo hoje no Brasil (ep. 05, 1:15:06-1:15:53).

Assim, o globalismo é atrelado ao *establishment*, e a interpretação dada às distopias é a de que os heróis são cidadãos comuns lutando contra esse sistema. A

³³ The Terminator (1984), dirigido por James Cameron e estrelado por Arnold Schwarzenegger é um filme de ação e ficção científica. O grande êxito comercial do filme gerou sequências, além de outros produtos como histórias em quadrinhos e jogos de videogame.

³⁴ Acrônimo em inglês para *involuntary celibate*, ou celibatários involuntários. É uma subcultura *online* composta por homens predominantemente jovens que, frustrados por não conseguir relações afetivas e sexuais com mulheres, direcionam a culpa a estas, não raro através de discurso de ódio.

relação entre realidade e ficção é a de que as distopias são, no melhor dos cenários, planos para o futuro e, no pior, políticas implementadas no cotidiano e que passam despercebidas pelas pessoas que não tomaram a *red pill*. Desse modo, conforme a *Brasil Paralelo*, os filmes servem como um espaço de propaganda da agenda globalista. A partir dessa visão, o entretenimento deixa de ser uma expressão artística autônoma e vira arma política nas mãos da elite globalista:

Rafael Nogueira: isso que a gente chamaria de globalismo, digamos assim, essas forças econômicas, inclusive essas ideias que querem promover outros poderes que não os Estado-Nação, eles usam sim o cinema, o mais forte do mundo é o de Hollywood e infiltram pessoas ali. [...] Agora não sejamos ingênuos, é uma arma política usada por quem está prevalecendo ali, naquele momento (ep. 06, 34:44-35:07).

Sob esse prisma, quem estaria prevalecendo seriam as forças globalistas e, com isso, impondo agendas nocivas através do entretenimento, pois, nesse sistema, o controle econômico traz consigo o controle da narrativa. Se autores como Morozov (2018) apontam que as *big techs* operam pela lógica do capitalismo, construindo uma conjuntura onde todos os setores da economia são altamente dependentes dos dados extraídos e comercializados por tais empresas, sob as lentes da *red pill*, as *big techs* compõem o sistema globalista. E enquanto parte do sistema, uma das metas é impor a chamada *agenda progressista*.

Flávio Morgenstern: a gente tá vendo *Facebook*, a gente tá vendo *Google*, a gente tá vendo todas essas coisas. Ou seja, tudo isso é vendido por quem tem dinheiro. Seja dinheiro através do Banco Central, seja dinheiro através de *big techs*, seja dinheiro através de qualquer uma dessas coisas, porque quando você é muito rico, você tem um grande poder novo na sua mão. Aquilo que é a sua opinião, de repente vira lei. E a gente tá vendo que todo mundo, no Brasil e no mundo, todo mundo que é extremamente poderoso, ele trata a opinião própria dele, que é justamente o globalismo, como a lei que deve ser obedecida (ep. 05, 1:09:34-1:10:00).

A narrativa sobre o globalismo, em essência, é uma caótica tentativa de conferir uma formulação pretensamente filosófica a um desconexo amálgama de fantasias conspiratórias. Fantasias, pois, seguindo o argumento de Paolo Demuru (2024, p. 23), “mais que teorias, essas histórias são verdadeiras fantasias, contos maravilhosos, magias, feitiços que encantam de maneiras múltiplas e diversas, mobilizando diferentes aspectos da experiência humana e da vida em sociedade”. Este é, portanto, o paradoxo do conspiracionismo, pois, na medida em que diz revelar segredos, precisa também manter certo mistério.

Assim, a pesquisa identificou uma grande ironia na ideia de globalismo, pois o que denuncia uma conspiração é, ele mesmo, uma teoria (ou fantasia) conspiratória.

De modo que, por se tratar de um poder absolutamente corruptível e manipulador, poderoso, mas etéreo, o globalismo se assemelha a Cthulhu³⁵, o monstro fictício criado por H. P. Lovecraft. Na medida que, para despertar e se fortalecer, Cthulhu precisa de adoração através de seitas obscuras, o globalismo igualmente necessita de ideologias que efetivem o seu plano de dominação, sendo o progressismo (como uma nova versão do comunismo) a principal delas.

4.2.2 Antigos inimigos, novas roupagens: o progressismo como atualização do comunismo

Enquanto a noção de globalismo pode soar desconhecida e abstrata para o público geral, o comunismo é um antagonista mais reconhecível e historicamente consolidado. Na narrativa do *Red Pill*, esse adversário é representado de forma ambígua, sendo sutil e simultaneamente retratado como: 1) um conceito superado; 2) uma ameaça ainda presente e; 3) uma força política que se se atualizou, gerando, com isso, o progressismo.

Progressismo, nesse caso, é a linguagem adotada pelo Programa. No entanto, ele é uma forma diferente de denominar o que setores mais conservadores da direita chamam de marxismo cultural. Iná Camargo Costa (2020) aponta que o marxismo cultural é uma teoria conspiratória que afirma que os pensadores da Escola de Frankfurt, aliado a autores como Antonio Gramsci e György Lucáks, alteraram a teoria marxista, buscando instituir o socialismo através da infiltração da teoria marxista nos meios culturais ocidentais e não por meio da batalha pelo poder político.

A ideia base dessa modificação foi resumida por Pablo Stefanoni (2021, p. 51, tradução nossa³⁶):

o argumento dos que sustentam esta posição é simples: o marxismo perdeu a batalha da economia e o socialismo real desmoronou – tal como haviam

³⁵ Personagem retratado no conto *The Call of Cthulhu* (1928), escrito por Howard Phillip Lovecraft e publicado na revista *Weird Tales*. Cthulhu é descrito como uma entidade ancestral e adormecida, que aguarda o momento de acordar e submeter a humanidade à loucura e à destruição. A narrativa é construída a partir de elementos racistas, apresentando personagens não-brancos como inferiores, degenerados e selvagens, sendo associados ao culto à criatura. Apesar disso, o conto é profundamente influente na cultura pop, inaugurando um subgênero conhecido como horror cósmico e inspirando obras que subvertem o racismo presente na narrativa, como *The Ballad of Black Tom* (2016) e *Lovecraft Country* (2016).

³⁶ Do original: el argumento de quienes sostienen esta posición es sencillo: el marxismo perdió la batalla de la economía y el socialismo real se desmoronó – tal como lo habían anticipado economistas austríacos como Ludwig von Mises y Friedrich Hayek -, pero ganó la batalla de la cultura.

antecipado economistas austríacos como Ludwig von Mises e Friedrich Hayek -, mas ganhou a batalha da cultura.

No programa, o uso desse argumento é ilustrado na seguinte fala:

Rafael Nogueira: essa questão de luta de classes, que hoje [...] o progressismo não está, digamos assim, tão voltado a criar problemas de luta de classes. Estão preocupados, evidentemente, em questionar o que eles chamam de heteronormatividade (agenda identitária); questionar questões racistas desde o ponto de vista que falseia a história e cria possibilidades políticas para eles na atualidade, enfim, há uma grande diferença. (ep. 06, 12:18-12:42)

O trecho desta fala está inserido no episódio 06, em uma discussão sobre o uso político do cinema. Nesse vídeo há uma tentativa de traçar uma linha do tempo da politização do cinema, afirmando que o cinema é uma linguagem que pode ser apropriada com diferentes finalidades.

Marcos Ruppelt: Me parece que o cinema na verdade na sua essência não é necessariamente uma ferramenta política. É uma forma de expressão, uma linguagem, digamos assim, e ela não tem uma moral preestabelecida. Só que desde o começo do uso dessa linguagem me parece que houve um despertar muito natural dos cineastas de que mensagens poderiam ser transmitidas, isso desde o governo Woodrow Wilson, que teve o caso emblemático de *O Nascimento De Uma Nação*³⁷. É um caso muito emblemático porque esse filme foi exibido dentro da casa branca (03:10-03:40).

Compartilhada entre os participantes do episódio, essa narrativa ganha o sentido de que, de certa forma, o cinema (e a cultura em geral) é um reflexo das disputas políticas: há momentos em que as forças conservadoras estão se sobressaindo, e isso é bom. Porém, quando o contrário ocorre, o cinema experimenta uma decadência. Um indicativo disso é observável no seguinte diálogo:

Guilherme Freire: Woodrow Wilson que era democrata, né? E esse filme, *O Nascimento De Uma Nação*, é um filme explicitamente racista. É engraçado essa situação, as pessoas não associam isso de imediato (04:43-04:50).

Ana Paula: É, porque existe uma narrativa muito forte hoje de que os racistas são os republicanos, porque... Por quê? Porque nazista, fascista, taxista, é só (sic). Não voltam na história, na própria guerra civil, como os republicanos radicais saíram do grupo dos federalistas. Eles eram radicais no sentido abolicionista, porque muitos conservadores no Norte queriam libertar os escravos mandando os escravos de volta para outros lugares, que achavam que eles não iam se acostumar e se entrelaçar ali nas culturas norte-americanas e os abolicionistas radicais, como Abraham Lincoln disseram 'não, eles vão ficar aqui'. [...] Dentro desse contexto, as pessoas não visitam isso e jogam a falácia de que os nortistas, os republicanos, são os racistas (ep. 06, 04:50-06:05).

³⁷ Lançado em 1915 e dirigido por David Wark Griffith, o filme é uma adaptação do romance e peça teatral *The Clansman: a historical romance of the Ku Klux Klan* (1905). Profundamente racista, a obra apresenta os negros como predadores sexuais, ao mesmo tempo em que exalta a *Ku Klux Klan*. Seu impacto foi tamanho que reavivou a *Klan*, que havia sido extinta, e inspirou décadas de violência racial nos Estados Unidos.

Seguindo essa visão, a disputa política atualmente ocorre entre setores do *establishment* estadunidense, opondo nacionalistas e progressistas. Apesar de admitir que o cinema é usado por diferentes espectros políticos, argumentam que os usos não são iguais. Os termos utilizados para se referir a suposta influência progressista no cinema carregam diversos sentidos negativos, conforme observável nesta fala:

Rafael Nogueira: Tem esse lado da infiltração, e alguns filmes mostram isso. Porque o *establishment* americano ele não é só um establishment nacionalista, existe um establishment, aliás, cada vez mais, e eu acho que um substituiu o outro muito claramente, que é progressista (ep. 06, 28:10-28:30).

Nesse e em outros momentos, o Programa reforça a ideia de um comunismo que opera nas sombras, exercendo uma influência corrosiva sobre a cultura. O exemplo mais citado, nesse sentido, é a suposta infiltração comunista na indústria cinematográfica estadunidense.

Guilherme Freire: Acho que sobre esse período foram criando duas... você tinha um grupo de comunistas em Hollywood real. Isso não é 'ah, delírio, conspiração', não. É uma coisa que Stálin participou ativamente. É uma coisa que era, por vezes, querida por alguns americanos que eram envolvidos com comunismo. O Charlie Chaplin, por exemplo, conheceu Eisenstein, que era o cineasta de Moscou, o principal, e eles trocaram papo. E a galera dos círculos socialistas felicíssimas com o encontro, era uma coisa até chique de certo modo. Com todo esse grupo surgiu, é claro, uma reação. [...] Foi criado um comitê na Câmara dos Deputados americanos, a famosa HUAC, para investigar tudo isso. Walt Disney foi um dos que depuseram contra a infiltração comunista. Ele falou 'olha, gente, aqui na minha empresa teve briga sindical e os caras estão mesmo infiltrados, tem comunista mesmo' (ep. 06, 16:06-16:50).

No breve relato realizado no Programa sobre o combate à suposta influência comunista em *Hollywood*, alguns aspectos são supervalorizados, enquanto outros são omitidos. A descrição do *Red Pill* pode dar a entender que foram denúncias sem efeito prático, simples exposições. Todavia, foi uma época de intensa perseguição e repressão, com denúncias fundamentadas em critérios altamente subjetivos, que produziram graves consequências. Conforme demonstra Iná Camargo Costa (2020, p. 33-34)

Em 1947 é declarada a Guerra Fria e imediatamente temos a fundação da *Motion Picture Alliance for the Preservation of American Ideals* (por Walt Disney, entre outros). Do primeiro panfleto para o perigo da propaganda comunista subliminar, destacamos alguns dos seus *mandamentos*: 1) não caluniar o sistema de livre iniciativa; 2) não caluniar empresários; 3) não caluniar a riqueza; 4) não caluniar a busca do lucro; 5) não divinizar os pobres; 6) não glorificar o coletivo. [...] Nessa nova conjuntura, a HUAC volta à ativa,

agora ávida do sangue dos aliados da véspera. Seu momento de maior visibilidade foi o capítulo conhecido como ‘Os dez de Hollywood’, uma lista de roteiristas convocados para depor perante a comissão e, principalmente, responder à pergunta ‘o senhor é ou foi filiado ao Partido Comunista?’. Dentre os convocados, atualmente um dos mais conhecidos no Brasil é Dalton Trumbo, que recentemente teve livro e filme dedicados a esta amarga experiência de denunciado e condenado a um ano de prisão, mais a proibição de trabalhar na indústria cinematográfica (que foi devidamente contornada pelo recurso aos ‘testas de ferro’ – pessoas que se dispunham a emprestar seus nomes para os roteiros que continuaram a ser escritos). Produziu-se neste contexto uma *lista negra* com cerca de três centenas de ‘suspeitos’.

Nesse sentido, o Programa estabelece uma linha argumentativa que pode ser resumida da seguinte forma: antes, o combate aos valores Ocidentais era influenciado e patrocinado pela União Soviética e, com a derrota desta, o lugar de oposição foi ocupado pela China. Assim, enquanto o comunismo soviético se apresentava como um inimigo declarado, a China atua através do fomento da agenda progressista, que intensifica a politização do cinema:

Ana Paula Henkel: [antes era sutil, mas] hoje tudo é muito óbvio, né? A gente vê pelos discursos de agradecimento quando os atores recebem um prêmio, você vê que existe um PCC ali por trás, você vê que tem um Partido Comunista [da China], que está hoje fazendo o mesmo papel dos soviéticos nos anos 40, nos anos 50 (20:40-20:57).

A narrativa construída ao longo dessa discussão gira em comprovar como o cinema é um dos campos de batalha da guerra cultural, apesar de não utilizarem especificamente esse termo. A partir dessa leitura da realidade, os conservadores se veem num grupo de resistência, pois esta é uma época de hegemonia progressista. Ou ao menos era no período em que o Programa foi ao ar³⁸.

Ana Paula Henkel: a partir do momento que você está ciente do que realmente está acontecendo, [...] você tem filtros que te protegem de um certo ou possível envenenamento ali, que vem do entretenimento. [...] Eu acho que, de uma certa forma, o cinema, ele está ligado ao que eles querem entregar diariamente. Quem nós vamos eleger? Quem nós vamos derrubar? Que agenda nós vamos empurrar? Que agenda nós vamos esconder? E hoje a agenda está muito óbvia. É uma agenda de gênero identitário, uma agenda de nós contra eles, negros contra brancos, homens contra mulheres, cancelamento de filmes históricos... (1:02:20-1:03:12)

É possível, aqui, observar o paradoxo da fantasia conspiracionista (Demuru, 2024) aliado à retórica da guerra cultural. Na medida em que denuncia toda uma agenda secreta de manipulação que opera através da guerra cultural, é mantido também o mistério sobre a quem o “eles” se refere.

³⁸ Relembrando que o Programa foi ao ar no ano de 2021, e com o atual governo de Donald Trump talvez a leitura do momento histórico seja diferente.

Desse modo, em dois momentos distintos Ana Paula Henkel demonstra como, através da política, esse *establishment* foi atacado por uma contraofensiva conservadora. Em um primeiro momento, ela se refere ao governo de Ronald Reagan:

Ana Paula Henkel: eu acho que os anos 80, eles foram exatamente o resgate à família, às tradições. “Eu sou o Rocky Balboa³⁹, mas olha quem me faz”, a família e tal. [...] Eu vejo muito que a Era Reagan, principalmente, você vê os comerciais da casa branca nos anos 80 não fala em política, não fala em economia. Fala em tradição, fala em família, fala em faculdade. É sempre o resgate ao que é importante na vida (39:13-40:30).

Outro período de reação conservadora foi simbolizado pelo triunfo eleitoral de Donald Trump. Segundo Enzo Traverso (2021, p. 34), “a vitória de Donald Trump nas eleições norte-americanas de 2016 levou o eixo político mundial à direita, e suas consequências são sentidas em nível global, mesmo na Europa”. Traverso (2021, p. 35) ainda aponta como o fator decisivo para a vitória, “a profunda rejeição ao *establishment* político e econômico, com abstenção em massa e o voto de protesto capturado por um político demagogo e populista”, e, por fim, que

ele foi capaz de incorporar a indignação popular contra as elites de *Wall Street* e *Washington*, das quais a família Clinton havia se tornado símbolo. Isso apesar de ser ele um representante da elite econômica do país. A luta pessoal de Trump contra o *establishment* é ainda mais paradoxal devido ao fato de ele ser o candidato do Partido Republicano, o chamado *Grand Old Party* (GOP), que é tido como um dos pilares desse mesmo *establishment* (Traverso, 2021, p. 37).

Ana Paula Henkel, enquanto apoiadora de Donald Trump, ilustra a visão que seus partidários constroem de sua atuação política, focada no combate ao *establishment*, principalmente o denominado antiamericano:

Ana Paula Henkel: Eu acho que, dentro do conceito da eleição de Trump, não estou falando de *tweets* malcriados, retórica inflamada. Estou falando do contexto, muito do que o cinema foi usado ao longo dos anos como arma política, muito contra os Estados Unidos, era muito sutil. Era uma coisa que você saía do cinema e falava “é, que feio, né? Vou tirar a bandeira da porta da minha casa”. E aí vem um maluco, um Donald Trump, que resolve colocar todos os pingos nos is. “Você, imprensa *fake news*, é inimiga do povo. Você, Hollywood, você não está...”. E por mais que, no início, e eu falo isso como uma experiência própria, no primeiro ano da administração, ele ia para a televisão e a gente falava “meu deus, lá vem bomba...”. No final, você falava *that's it!*, é isso. A imprensa é *fake news* atrás de *fake news* e não tem *fact checkers* para essa imprensa, não tem *fact checkers* para *Hollywood*. Um ator *hollywoodiano* recebe um prêmio e faz um discurso totalmente falso sobre o que está acontecendo. Então, eu acho que dentro desse contexto do cinema como arma política, chegou uma pedra no meio do caminho de *Hollywood* que foi Donald Trump, na minha opinião (31:42-32:59).

³⁹ Criado e interpretado por Sylvester Stallone, é o protagonista da franquia *Rocky* (1976-2003). A narrativa gira em torno de um boxeador, tido como azarão, que recebe a chance de lutar contra o campeão da categoria, tornando-o ícone da cultura pop, associado à superação e persistência.

Nessa visão, a *Brasil Paralelo* compõe essa contraofensiva atual do conservadorismo:

Rafael Nogueira: a gente está passando por um momento no qual quase todos os meios foram tirados dos conservadores, e mesmo assim eles estão se levantando. É um momento que tem a sua beleza, tem o seu heroísmo, tem o seu caráter especial. [...] Olhar o presente como o pior momento do Universo é só se for uma análise muito objetiva, eu não estou convencido. Eu acho que tem não só muito filme bom sendo produzidos agora, mas também a gente tem que perceber que, se está faltando gente no cinema brasileiro, norte-americano ou em Hollywood, para fazer um cinema que, digamos assim, seja conservador, seja pró-família, tenha uma visão de guerra diferente... ué, por que que não vai? Cadê!? Cadê essas pessoas? Cadê os artistas conservadores? Cadê os roteiristas conservadores? Acho que está faltando gente (45:44-47:09).

Entretanto, mesmo em filmes voltados para homens conservadores, como na franquia *007*⁴⁰, há o perigo da infiltração ideológica, conforme visível em:

Guilherme Freire: O cinema foi uma das maiores ferramentas de disseminação da revolução sexual no mundo. O James Bond [...] foi uma disseminação da revolução sexual e, aliás, para homens conservadores. James Bond foi o cara, e eu tive esse *insight* quando eu estava na Europa. [...] O James Bond é um cara conservador, da guerra fria, é um cara macho que resolve as coisas, então ele é um cara bom. Só que ele é um cara sedutor, é um cara da revolução sexual. Então, nunca tira para mim, na minha cabeça, que James Bond ensinou para o homem conservador ocidental que era pró guerra fria, a viver as coisas da revolução sexual, que é seduzir as mulheres. E é uma coisa até meio óbvia, quando se coloca assim, mas está lá (46:20-47:40).

No entanto, para eles, as obras mais atacadas pelo progressismo e, conseqüentemente, que precisam de uma maior atenção dos conservadores, são os desenhos infantis. Parte fundamental dessa retórica conservadora consiste em uma suposta defesa das crianças. Nesse ponto, esta pesquisa encontrou maior correlação com a chave de análise de gênero e sexualidade.

Guilherme Freire: Eu acho que o que acontece é que piorou muito. A carga ideológica dos desenhos animados aumentou brutalmente. Outro dia, na casa de uns amigos, estava passando um desenho que era um drama do *Superman*⁴¹ e a *Supergirl*. E o *Superman* roubava o holofote da *supergirl*, e aí eu ri. Porque o *Superman* cresceu roubando o holofote da *supergirl*. [...] Então o que acontece é que, agora, tudo tem uma carga dessa. Então, uma coisa das mais perigosas que o pai faz hoje é pegar o controle e dar na mão do filho e falar: assista (37:05-37:55).

⁴⁰ Uma série de romances e filmes, criado pelo escritor britânico Ian Fleming em 1952, apresentando James Bond, um agente do serviço secreto, como o personagem principal.

⁴¹ *Superman* é um super-herói criado por Jerry Siegel e Joe Shuster, cuja primeira aparição foi na revista *Action Comics* n° 1 (1938). Sendo o primeiro super-herói das histórias em quadrinhos modernas, estabeleceu os elementos fundamentais do gênero e se tornou um ícone global, com diversas adaptações para o cinema, animação e videogames.

Antes de adentrar na análise específica das discussões de gênero e sexualidade, é pertinente abordar outras temáticas que, embora em menor número, são relevantes para a compreensão do *corpus*.

4.2.3 Outras questões: nacionalismo pró-ocidente e críticas à democracia

As falas do Programa operam através de dicotomias simplistas que propagam uma moral reducionista. Segundo Guilherme Freire, “o *Red Pill* é isso, quem quer saber o que é, *Red Pill* é deixar as pessoas reaça” (ep. 04, 35:38-35:40). Quem não segue essa visão, quem não vê o mundo através das lentes da pílula vermelha, é cúmplice do progressismo globalista. Nesse sentido, o Programa deixa muito claro que há um antagonismo entre o nacionalismo e o globalismo.

Contudo, ao contrário do que se possa imaginar, o nacionalismo, aqui, não se trata de uma defesa do Brasil real. É, antes de tudo, uma idealização do país. Conforme expresso por Guilherme Freire ao se referir ao “nosso Ocidente”, o Brasil é parte de uma civilização investida da missão de servir de farol e progresso para a humanidade. Essa perspectiva é vista no seguinte trecho “[...] os povos europeus, raiz⁴², guiando os povos em desenvolvimento para o desenvolvimento” (ep. 04, 1:19:13-1:19:16).

Essa noção de hierarquia cultural aparece novamente quando, ao abordar o desenho *As Aventuras de Tintim*⁴³, os participantes afirmam que

Flávio: quando ele vai para o Congo, por exemplo, teceram muitas críticas, porque ele simplesmente fala assim: olha, aqui os costumes, né, meio bárbaros. E aí [os críticos reagiram com] “meu Deus, falou a palavra bárbaro, que absurdo” (ep. 09, 13:14-13:23).

Nesse sentido, a cosmovisão conservadora exemplifica claramente o que Aníbal Quijano (1992) nomeou de sedução colonial. Quijano sugere que, no processo em que a cultura europeia passou a ser um modelo cultural universal, os colonizadores europeus conseguiram envolver seu padrão cultural em uma aura mística. E, na medida em que o acesso a determinados elementos dessa cultura era permitido aos

⁴² Raiz, neste caso, se refere a uma gíria bastante popular na *internet*, onde o raiz seria o tradicional, rústico, em oposição ao *Nutella*, o moderno, fácil.

⁴³ Uma série de histórias em quadrinhos criados por Georges Remi, que acompanha o repórter belga Tintim e seu cachorro Milu em investigações globais, combinando aventura, mistério e humor. Carrega controvérsias por apresentar estereótipos racistas e visões coloniais.

colonizados, a europeização se transformava em uma aspiração, pois dava acesso ao poder. É nesse sentido que o conservadorismo do *Red Pill* opera.

Relembrando a discussão sobre uma nova etapa da ofensiva da direita mundial a partir da vitória de Donald Trump nos Estados Unidos, a Brasil Paralelo reproduz esse padrão colonial quando faz apologia à *civilização Ocidental* que precisa ser defendida ou restaurada, ignorando o fato de que, nessa relação, o Brasil desempenha um papel de subalterno, colonizado. Um momento emblemático que ilustra a defesa dessa ordem é observado em:

Guilherme Freire: A batalha de Turim salvou o Ocidente. É uma das maiores conquistas e deveria ser celebrada como parte da nossa cultura. Se a gente fosse mais civilizado a gente estaria celebrando a batalha de Turim (ep. 02, 50:20-50:31).

Esta visão do Ocidente portador da missão civilizatória do progresso não é apenas celebratória. Na verdade, ela também carrega uma justificativa para ações agressivas, uma apologia da força. Aqui, há diversos exemplos de confusão semântica. No Brasil Paralelo, o nacionalismo é dirigido aos Estados Unidos (ou ao Ocidente como um bloco monolítico); a agressão neocolonial é justificada como defesa civilizatória; e os subalternos são vistos como parte da ordem dominante.

Luiz Philippe de Orleans e Bragança: Eu acho que têm algumas guerras que são desvinculadas do território, como a gente mencionou do Vietnã, Coréia, Afeganistão, que, na minha opinião, são legítimas. São guerras que têm que deixar claro o objetivo, que é uma questão geopolítica, de defesa de civilização, se a gente não conquistar essa área, uma outra força vai conquistar, e se ela conquistar vai gerar toda sorte de problemas para a sobrevivência do seu país, mesmo você estando distante (ep. 02, 1:01:32-1:01:57).

Esta visão beligerante, expressa na fala de Luiz Philippe de Orleans e Bragança, atualmente Deputado Federal e membro da Família Imperial Brasileira, longe de ser uma opinião isolada, faz parte de um projeto de restauração de uma ordem considerada natural e, aparentemente, incompatível com a democracia.

Guilherme Freire: [...] aliás, resolveria a democracia do Brasil, a solução para a democracia do Brasil: só vota quem paga boleto. Vários caras não se elegeriam.

Mariana Brito: Eu não diria nem boleto, eu restringia um pouco mais, é quem paga um DARF. Boleto qualquer pessoa paga, uma conta de R\$70. Pagou um DARF, vota (ep. 03, 41:51-42:08).

Em suma, a visão política e social do Programa pode se resumir a uma frase que passa quase despercebida. Freire diz que a evolução tecnológica em Duna é “[...]Cybermedieval⁴⁴ total, que é a única solução para o mundo de hoje” (36:39).

4.3 Gênero e sexualidade

A premissa conservadora de naturalizar posições sociais fundamenta toda a visão de gênero no Programa *Red Pill*. No que se refere ao gênero, entretanto, há ainda a defesa de uma suposta hierarquia natural entre eles. Nessa ótica, as relações entre homens e mulheres, as estruturas familiares e os comportamentos sexuais não são construções históricas e sociais, mas sim, expressões de uma ordem natural imutável. Qualquer comportamento minimamente variante ou discordância desta visão é interpretada como um sintoma de decadência civilizacional ou um ataque coordenado do globalismo.

4.3.1 O feminismo como ideologia a ser combatida

O globalismo é apresentado, no conservadorismo, como uma “metaideologia” (Costa, 2023), ou seja, ele carrega consigo diversas outras ideologias. E, se assim o é, a proposta oferecida pela Brasil Paralelo é a de denunciar e combater as correntes ideológicas que o compõem. Dentre essas, o feminismo ocupa um lugar de destaque no *Red Pill*, sendo identificado como uma das principais frentes de batalha da guerra cultural, para o que se estabelece um antifeminismo.

Acerca do papel desempenhado pelo antifeminismo na estratégia discursiva do Programa, há algo a se considerar em relação a própria noção de *Red Pill*. Na medida em que, no início desta década, o *YouTube* abrigava um consolidado ecossistema de produtores de conteúdo misógino (Santini *et al*, 2024), dentre os quais grande parte se identificava sob o rótulo de *red pill*, o *cinecast* pode ter funcionado como um *clickbait*⁴⁵ para atrair e potencialmente fidelizar esse público, uma vez que tanto o conservadorismo quanto o masculinismo têm o feminismo como um inimigo em comum.

⁴⁴ Não fica muito claro o que ele quis dizer com isso. Buscas na *internet* apresentam imagens de personagens de *RPG* que misturam a estética *cyberpunk* com armaduras medievais.

⁴⁵ Ver nota 8, seção 1.

Desse modo, o Programa tenta algumas definições de feminismo, principalmente no episódio 03. Ele tem como convidadas Pietra Bertolazzi e Mariana Brito, duas influenciadoras digitais fortemente vinculadas ao catolicismo em uma vertente mais tradicionalista⁴⁶. Nessa narrativa, diferentemente do comunismo, que se transmutou em progressismo, o feminismo não gerou novas nomenclaturas, mas ganhou novas pautas através de novas correntes.

Mariana Brito: A coisa desandou, né? E eu acho que tem muita influência dessa coisa do feminismo interseccional. Assim, o feminismo é uma coisa só, no final das contas, inclusive, grandes teóricas do movimento feminista são contrárias a essa coisa de vertentes no feminismo, elas dizem que isso é uma forma de desconcentrar o foco. Têm essas vertentes, que hoje são mais de 20 vertentes, mas uma que tem sido muito forte de um tempo para cá é essa interseccional, que nada mais é do que você atrelar outras pautas, que não são só pautas relacionadas às mulheres, ao feminismo (ep. 03, 08:00-08:46).

Essas outras pautas são expostas por Pietra Bertollazzi como “ideologia de gênero, a questão do racismo, na verdade ele abarca todas as minorias dentro do feminismo” (ep. 03, 08:47-08:55). Um diálogo travado entre Pietra e Mariana, conclui que, a partir do feminismo interseccional, o cinema passou a ser usado para introduzir estas pautas, com o *establishment* atuando, na popularização do feminismo, de modo semelhante à politização do cinema.

Mariana Brito: Agora queriam colocar uma Pequena Sereia⁴⁷ negra. Vocês lembram dessa polêmica?

Marcos Ruppelt: Acho que já está confirmado.

Mariana Brito: É, então eu acho que isso vem muito dessa coisa de [as feministas dizerem] ‘caramba, a gente fez uma narrativa toda bonitinha, né, feminista, e talvez não tenha dado muito certo aqui, porque o mundo continua do mesmo jeito. Não exatamente, mas as bases continuam muito sólidas. Então vamos agora pegar, a partir desse feminismo interseccional, vamos trazer outra pauta aqui para o filme. Vamos agora colocar a pequena sereia negra’. O que é uma contradição, né, se você for parar para observar. Por que a pequena sereia é o que, dinamarquesa?

Pietra Bertolazzi: No conto original ela é ruiva. A Disney foi super fidedigna à história clássica.

Mariana Brito: Então, assim, existem princesas negras na Disney, então não necessariamente você precisa colocar A Pequena Sereia, que originalmente é ruiva, transformá-la em uma pessoa negra simplesmente porque isso é lacração, né. É você ceder à narrativa (ep. 03, 08:56-09:52).

Lacração, aqui, faz referência a um jargão bastante utilizado pelos críticos de obras vistas como inclusivas. Utilizando esse caso como exemplo, a mudança na

⁴⁶ Conforme descrição no Instagram, a rede social digital na qual elas são mais ativas. Disponível em: <https://www.instagram.com/pietrabertolazzi/> e <https://www.instagram.com/marianabrito/>.

⁴⁷ Um conto de fadas dinamarquês, adaptado como animação pela Disney em 1989. Enquanto o original tem um final trágico, a animação altera o final para um desfecho feliz. Em 2023 foi lançada uma adaptação em *live-action*, cuja escolha de Halle Bailey, uma atriz negra, gerou a reação de setores de extrema direita.

representação de uma personagem fictícia é denunciada como parte de uma estratégia de manipulação e ataque aos valores, arquitetado por uma elite obscura. Um plano, inclusive, que vem sendo implementado há séculos, conforme denunciado:

Mariana Brito: [...] Porque o objetivo [do feminismo] é, de fato, a subversão dos valores, daquilo que a gente tem de mais sólido. É falar “não, não é bem assim”. Há um trabalho intenso, incansável, que vem sendo feito ao longo de séculos, não é de ontem para hoje isso. Eu sempre falo que essa coisa do feminismo, apesar de estar muito na moda hoje, e assim, ter tomado as proporções que foram tomadas, é um trabalho que vem sendo feito há séculos. O feminismo e as sementes do feminismo já são perceptíveis desde o século 14, por ali. Então é muito tempo trabalhando para colocar isso no imaginário da população, e chega em um ponto que uma mulher que não tem absolutamente nada a ver com o feminismo, ela endossa comportamentos feministas, porque ela não sabe de onde aquilo vem (ep. 03, 14:04-14:54).

No sentido conservador, o feminismo, o comunismo/progressismo e o globalismo têm objetivos semelhantes: a subversão dos valores Ocidentais. Marcos Ruppelt demonstra que o entendimento nesta questão se baseia na leitura de Jonathan Pageau, um artista e *Youtuber* canadense.

Marcos Ruppelt: O movimento progressista contemporâneo, que é muito mais explícito e muito mais direto em suas intenções, eles não estão criando novos personagens, estão subvertendo os já existentes. E existe toda uma lógica por detrás disso. A gente conseguiu entrevistar o Jonathan Pageau para o nosso próximo documentário [A Sétima Arte] e ele é um cara que tem uma tese muito boa, que é “o parasitismo nas grandes histórias”. E o que é que acontece? Ao invés do movimento revolucionário progressista criar um novo personagem, ele reestabelece a ordem, reencena a mesma ordem tradicional e clássica para que exista algo a ser combatido. Então, a margem vai substituir o centro mas ao mesmo tempo vai continuar sendo margem. Então é a lógica do parasita, ele precisa de um hospedeiro para viver. E se o parasita move de hospedeiro em hospedeiro e não sobra mais nenhum, ele acaba morrendo também. Então, ao invés de criar novos personagens, eles ressignificam (09:54-10:45).

É com base nessa perspectiva que o *Red Pill* fundamenta sua visão de guerra cultural. O fato de que novas obras culturais apresentem visões de mundo que destoem da considerada tradicional é visto como uma afronta, uma perversão. Protagonistas femininas ou que representem qualquer tipo de diversidade étnica, de gênero ou sexual é denunciado como um ataque aos valores da *cultura ocidental*. Nessa perspectiva, o feminismo busca combater o patriarcado através da subversão simbólica. A narrativa construída concentra-se em denunciar o feminismo como um combate frontal ao cristianismo, caracterizado como uma *religião patriarcal*.

Mariana Brito: [...] no final das contas, o feminismo não é sobre equidade, não é sobre direitos iguais, é sobre superioridade feminina. O objetivo é acabar com o patriarcado e o negócio funcionar como um matriarcado, é isso, a mulher sendo o centro de tudo, e não o homem.

Pietra Bertolazzi: [...] não se leva em consideração o fato de que nunca existiu uma sociedade matriarcal que deu certo. Você pode ir lá no interior, na África, naquelas tribos... (ep. 03, 42:46-42:53)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, elas apontam que:

Mariana Brito: [Destrói] toda a sustentação masculina que existe. Você começa com Deus, porque Deus, né, falando como cristã, Cristo é Deus encarnado, e ele vem como homem, então ele sustenta essa ideia, que o feminismo bate, de um patriarcado. Antes disso, vale lembrar, que Deus fez um pacto com Abraão, para que toda a descendência do mundo viesse dele, então Abraão também representa uma figura patriarcal. Então, assim, isso só foi se estendendo. Então quando o feminismo luta contra o patriarcado, obviamente também luta contra Deus, também tenta, de certa forma, destruir a imagem de Deus como é, porque é uma representação masculina. Não é à toa que o feminismo simpatiza, cada vez mais, e isso é um negócio que vem de muito tempo mas se tornou muito forte ali nos anos 60, não só ao ateísmo, mas quando há um sinal de espiritualidade no feminismo é místico, né?

Pietra Bertolazzi: Ligado a bruxa, esoterismo...

Mariana Brito: [...] Ele é sempre exotérico, um envolvimento com religiões neopagãs, então obviamente há um interesse [...] em destruir a imagem divina (34:53-36:06).

Há, ainda uma denúncia sobre a infiltração de feministas nos estúdios de animação, sendo este um *projeto de engenharia social*⁴⁸ orquestrado com o aval das elites econômicas. Tal complô é denunciado por Flávio Morgenstern:

Flávio Morgenstern: Você vê que coisa curiosa. A Disney é uma empresa de entretenimento, ao mesmo tempo em que ela compra as outras. A Marvel agora é dela, a Fox agora é dela, ela compra tudo. Ela é uma empresa que se focou no público infantil, tinha um dono que era mais ou menos ligado, de forma indireta, ao conservadorismo, e ela tirou o estúdio de, agora não lembro qual estado [nos Estados Unidos], porque o estado criticou algumas leis contra o aborto. [...] Então, quer dizer, ela é a favor de dar desenhos de engenharia social para crianças que sobrevivem à sua política de controle social (ep. 09, 42:58-43:37).

Desse modo, a suposta infiltração feminista é retratada como um projeto deliberado de corrupção do imaginário infantil, que naturalmente simpatiza com os aspectos clássicos das princesas. Citado em tom de denúncia, essa construção narrativa opera através da naturalização ideológica do conservadorismo e da caricatura das produtoras culturais como indivíduos movidos por ressentimento e fracasso. Essa construção fica evidente no seguinte diálogo:

Flávio Morgenstern: [...] a criança adora a Cinderela⁴⁹. A criança gosta do símbolo tradicional da Cinderela. A criança quer a Cinderela bela, frágil,

⁴⁸ No paradigma positivista, engenharia social estava relacionado ao conceito de sociatria, ou a aplicação da sociologia na resolução de problemas sociais (Vila Nova, 2000). No Red Pill, o termo foi ressignificado e compõe a narrativa conspiratória de um projeto deliberado das elites para corromper o imaginário e os valores da civilização ocidental.

⁴⁹ Um conto de fadas de tradição oral registrado em diversas culturas. Assim como A Pequena Sereia, ganhou uma versão animada pela Disney, suavizando o final e consolidando a personagem um dos ícones mais duradouros no imaginário infantil.

virtuosa, que enfrenta tudo de uma maneira completamente feminina, que mostra virtudes essencialmente femininas, um comportamento feminino. Então todo desenho, todo filme infantil, todas essas coisas que são feitas para crianças hoje, são engenharia social feito por velhas gordas, recalçadas, que não conseguiram marido e falam assim “veja bem, eu peso 200kg, tenho o cabelo roxo e trabalho aqui, no setor de animação da Disney, por escolha minha. Então todas as crianças precisam ser como eu, que tenho carreira, eu não casei, não preciso de macho (ep. 09, 50:45-51:48).

Os direitos conquistados através da luta feminista são citados de maneira negativa. Retomando a rejeição à democracia, a luta sufragista é sistematicamente atacada:

Mariana Brito: E você vê que, assim, lá atrás, a Mary Wollstonecraft quando ela escreveu sobre isso, ela já deu essa flertada com ideias um pouco mais feministas. E a principal dela, a maior pauta, era que as mulheres viviam uma situação muito confortável e não dá, não pode.

Pietra Bertolazzi: ela era uma conservadora, na verdade.

Mariana Brito: Então [Wollstonecraft propôs] ‘então, gente, vamos aqui fazer uma treta porque a vida da mulher é muito fácil’. [E o resultado disso foi] dificultar a vida da mulher. Quem foi essa louca? Quero saber quem foi a filha da mãe que lutou pelo sufrágio feminino. Eu não queria ter votado, gente. Para que? (ep. 03, 43:53-44:38)

Mary Wollstonecraft é apontada pela Brasil Paralelo como a primeira mulher feminista. Longe de apresentá-la sob um olhar de reconhecimento histórico, a citação compõe a narrativa distorcida de que o feminismo foi arquitetado por homens como William Godwin, esposo de Wollstonecraft, com o objetivo de perverter os fundamentos da sociedade. Essa perspectiva fica evidente em texto publicado no portal Brasil Paralelo à época do lançamento do *podcast*,

A pauta do movimento era lutar contra a monogamia, o casamento, e defender a liberdade sexual das mulheres. O profeminismo já continha os principais pontos que o feminismo moderno defende. Elas falavam explicitamente sobre incesto, sexo grupal e outras práticas afins (Brasil Paralelo, 2021b).

Outro trecho do episódio afirma que o sufragismo era um movimento minoritário entre as mulheres, elencando, inclusive, uma suposta contradição com o fato de ser composto, em sua maioria, por mulheres da elite.

Pietra Bertolazzi: Falando de Disney, mas saindo da princesa um pouco, tem [o filme] Mary Poppins. Que [a personagem] foi trabalhar na casa de uma mulher que era sufragista, ela é representada por uma mulher de elite, então ela é casada com um cara superpoderoso...

Guilherme Freire: E o sufragismo era um movimento de rico, né?

Pietra Bertolazzi: Exato, de mulher que não tinha mais o que pensar na vida. [...] Mas no final da Mary Poppins ela desiste. Ela fala “realmente, isso aí eu não quero mesmo, não quero ficar lutando pelo direito a voto” e ela volta a cuidar da casa.

Mariana Brito: E é curioso porque o movimento das sufragistas gerou uma reação tão grande na época que existiam movimentos antisufragistas com

mais mulheres do que o movimento sufragista. As mulheres falavam ‘caramba, mas eu não quero isso. Você está aí lutando em meu nome, mas eu não dei uma procuração para você dizer que eu quero. Não quero sufrágio nenhum’ (ep. 03, 44:42-45:26).

Essa discussão levanta uma contradição irônica, pois “a primeira onda do feminismo emergiu entre os anos 1840 e 1950. As preocupações principais das feministas de primeira onda referem-se a questões ligadas à educação, ao emprego e às leis relativas ao casamento” (Brym, *et al.*, 2010, p. 278). Dessa forma, a luta feminista garantiu, dentre outros, o direito à educação, cujo acesso possibilita a atuação dessas mulheres como referências intelectuais no *podcast* da Brasil Paralelo.

Outro trecho ilustra o motivo da criação do *Red Pill*: apresentar ao público do *YouTube* o catálogo disponível na *BP Select*, interpretando os filmes sob um viés conservador:

Guilherme Freire: Aliás, tem um filme na BP Select. *Cadete Winslow*⁵⁰. A protagonista da história é uma sufragista. Na história, aparece esse homem que é um deputado conservador, e daí tem um drama entre o deputado conservador... só no BP Select você tem um treco desses, ninguém passa esse filme. [...] É um filme de 1999 que desapareceu. E trata exatamente do movimento sufragista, que era muito mais radical do que as pessoas imaginam.

Pietra Bertolazzi: Explodiam patrimônio público, né? Na Inglaterra são quarenta e pouco o patrimônio que elas bombardearam, sei lá, jogaram bomba.

Mariana Brito: Explodiam, eram terroristas (ep. 03, 45:25-46:15).

Desse modo, se constrói um relato de deslegitimação história do feminismo, que resulta em visões antidemocráticas especialmente direcionadas contra os direitos femininos. Parte da retórica é dirigida para denunciar supostas contradições do feminismo, que existem devido às relações com o comunismo:

Guilherme Brito: Eu tava lendo a Shulamite Firestone, e eu comecei a rir, né? Eu achei que era cômico. E ela fala “e aí nós vamos lutar a ponto em que a mulher para de trabalhar”. E aí eu falei “chegou no nível do círculo que ela parou de trabalhar” e eu pensei “mas, calma, esse não era o ponto de partida?” Mas [o argumento de Firestone é] “não, porque a mulher está tão emancipada, e o socialismo funciona tanto, que ela não trabalha porque o socialismo paga tudo”. Quer dizer, é uma bisonha inversão que você voltou para o ponto de partida do negócio, como que funciona isso? (ep. 03, 43:20-43:51)

Assim como ocorreu com Mary Wollstonecraft, a referência à Shulamite Firestone, aqui, não é sem propósito. A Brasil Paralelo correlaciona-a com o comunismo e a chamada *ideologia de gênero*, uma das principais fantasias

⁵⁰ Adaptação para o cinema da peça *The Winslow Boy* (1946) do dramaturgo britânico Terence Rattigan.

conspiratórias presentes no léxico combativo dos movimentos conservadores. Utilizando-se de uma linguagem altamente sensacionalista e alarmista, um artigo (Brasil Paralelo, 2021c) presente no portal da produtora afirma que:

A ideologia de gênero se propõe a: anular a divisão natural e bipolar entre homem e mulher; opor-se à natureza do indivíduo; destruir a noção de família tradicional; incentivar a educação sexual nas escolas, mesmo contra o consentimento dos pais; permitir que até mesmo crianças sejam submetidas à cirurgia de mudança de sexo; legitimar perversões sexuais previamente consentidas; impor leis que forcem os outros a aceitar os diversos gêneros; criar uma linguagem própria; punir quem não seguir as imposições.

Em síntese, a exclusão da mulher da política, do modo que é defendido no Programa, encontra sua justificativa em uma concepção fundamentalista dos papéis tradicionais de gênero, entendidos não como convenções sociais, mas como determinações naturais e imutáveis. Desse modo, a representação de personagens femininas fortes é vista como uma distorção:

Pietra Bertolazzi: Elas [as feministas], já se confrontam entre si, nas vertentes. Eu nem me aprofundo nas vertentes, porque pra mim é tudo a mesma porcaria.

Marcos Ruppelt: É que no cinema eles ainda convergem, eles ainda estão construindo mulheres fortes. Mas em um dado momento, talvez até no ramo artístico, isso vai ter conflito.

Mariana Brito: [...] A corda estica tanto, que chega no ponto em que as próprias feministas falam “não, espera aí, calma, não é assim”. E isso é muito doido, a *treta* do coletivismo é essa, porque todo mundo tem que pensar igual. E aí, quando não pensa, há um rompimento ali, fica um negócio meio bagunçado, e aí surge um outro movimento muito doido (ep. 03, 46:30-46:56).

Nessa leitura de mundo, as mulheres são vistas como mais frágeis e, em casos mais extremos, como inferiores. Assim, o comunismo, descrito como uma força inerentemente maligna e corruptora, é apresentado como um agente que consegue se aproveitar dessa fragilidade feminina:

Pietra Bertolazzi: Mas aí é que entra a questão do feminismo ser uma pauta da esquerda. Porque ela quer tirar a figura do homem como provedor para depender do Estado. Na verdade, é uma troca de dependência, por isso se torna uma questão comunista. Aí elas querem absorvente de graça, né, esse tipo de coisa (ep. 03, 46:56-47:14).

Com isso é possível perceber que o feminismo é um dos principais inimigos ideológicos da cosmovisão conservadora. Nesse caso, a narrativa do Programa caminha no sentido de desmascarar as raízes ocultas e as intenções malignas por trás do feminismo, descrevendo-o como intrinsecamente ligado ao globalismo, ao comunismo e sendo, em última instância, um projeto de subversão dos valores tradicionais. Chama a atenção o fato de que, no episódio 03, o mais diretamente

vinculado a este tema, as duas convidadas são mulheres, o que, paradoxalmente, soa como uma legitimação através da figura feminina.

4.3.2 Papéis tradicionais de gênero como algo a ser preservado

A proximidade entre a *red pill* sob a perspectiva masculinista e a *red pill* conservadora, nesse caso, reside na interpretação de que o feminismo, ao buscar construir uma narrativa de mulheres fortes precisa, necessariamente, enfraquecer a autoridade natural da figura masculina. E, para os participantes do Programa, esse é o teor dos filmes populares entre adolescentes:

Guilherme Freire: Quando eu via as meninas de 14 anos [...] com maquiagem preta em volta do olho, sabe? Eu não sei definir isso, cara. E aí elas iam em hordas e multidões para ver o vampiro romântico [do filme *Crepúsculo*⁵¹]. E o cara, parece que você poderia bater para roubar o lanche dele, porque o cara está toda hora frágil, meio caindo, não sei se vocês repararam. No *Jogos Vorazes*⁵² a mulher é forte e o cara [é] meio frágil, ele é meio muito pálido. Então, cara, meio que pega esse paradigma. E o problema disso, cara, é o seguinte, para mim: não tem o herói que você tenha o mínimo de confiança nele. O cara não aguenta o tranco.

Victor Sales: O herói é quem supera os sentimentos, resiste aos sentimentos.

Danilo Cavalcante: É porque eles criam três protótipos, digamos assim, de parceiros possíveis: o primeiro é o cara que ele é o cara perfeito, que não existe no mundo real e ela se frustra; o segundo é o cara que é frouxo, e corrompe o sentido de masculinidade; e o terceiro é o cara que é cafajeste, e ela olha aquilo como algo bom (ep. 07, 12:35-13:32).

O mesmo ocorre com as produções recentes da Disney:

Guilherme Freire: Quando foi que mudou? Quando foi que ficou mais feminista?

Pietra Bertolazzi: Fala-se muito da *Mulan*⁵³. Acho que foi a primeira que não tinha um príncipe, era guerreira e empoderada. E foi só ladeira abaixo depois dela. Aí tem *Frozen*⁵⁴, que acaba sem um príncipe, lá no gelo, sem ninguém, que não precisa de nada. Mas, mesmo assim, tem a Ana, que é a irmã da Elza. [...] A Ana, na verdade, é conservadora, e a Frozen faz o papel de progressista, independentona, empoderadona (sic). Mas, assim, você pega a última, você tem a *Moana*⁵⁵, que não tem príncipe. Elas começaram tirando os príncipes, né, para empoderar a figura feminina, e hoje praticamente nenhuma tem príncipe (ep. 03, 03:12-04:13).

⁵¹ *Twilight* é uma série de romances escrita por Stephenie Meyer e publicada em 2005. Adaptada para o cinema entre 2008 e 2012, a franquia tornou-se um fenômeno cultural entre os jovens nos anos 2000.

⁵² *The Hunger Games* é uma trilogia de romances escrita por Suzanne Collins, publicada entre 2008 e 2010, abordando temas como desigualdade social, manipulação midiática, traumas de guerra e revolução. Gerou adaptações cinematográficas que foram um sucesso de bilheteria.

⁵³ Uma história tradicional chinesa sobre uma mulher que se disfarçou de homem para tomar o lugar de seu pai idoso no exército. A versão animada da Disney (1998) popularizou a história no Ocidente.

⁵⁴ Uma animação musical da Disney lançada em 2013. A narrativa enfatiza a relação entre duas irmãs, abordando temas como o amor fraternal e a autoaceitação.

⁵⁵ Animação musical da Disney lançada em 2016. O filme traz uma diversidade cultural, fruto de parcerias com especialistas das ilhas do Oceano Pacífico, abordando temas como autodescoberta e ancestralidade.

Em outras palavras, há uma infiltração feminista nos estúdios cinematográficos, cuja atuação reflete no enredo das obras e, nesse caso, tentam desconstruir a imagem da princesa como referência simbólica. Na medida em que o conservadorismo defende que o papel reservado à mulher é o de submissão ao homem, a princesa representaria o ideal da mulher como cuidadora do lar e da família. A importância desse simbolismo é ilustrada aqui:

Pietra Bertolazzi: A princesa representa feminilidade, que vai atrás de um príncipe, que é a figura patriarcal e dá a noção de hierarquia dentro da instituição da família, né? E a gente não pode esquecer que a hierarquia é importante dentro de qualquer instituição para que ela dê certo, né, tanto da família, tanto do mundo dos negócios, enfim. Então, se você não tem a princesa você perde a feminilidade e a submissão, e hoje a gente tem as feministas convencendo todo mundo de que submissão é algo ruim, e não é. Porque você ser submissa significa que você sabe o teu papel na hierarquia dentro do teu casamento. Então você tem o papel igualmente de outra forma dentro da tua casa. O homem tem como chefe da família e a mulher é a dona da casa, então são papéis complementares (ep. 03, 1:04:37-1:05:23).

De acordo com essa visão, há papéis inerentemente designados a cada gênero (e, nesse caso, são aceitos apenas dois), sendo uma versão mais radical e religiosamente embasada do essencialismo de gênero (Brym, *et al.*, 2010, p. 251), entendido como “[...] a percepção de gênero como parte da natureza ou da ‘essência’ de nossa constituição biológica”. Atualmente essa é uma compreensão tida como superada, pois tem limitações como ignorar as variações históricas e culturais de gênero e sexualidade; generalizar e ignorar as variações dos indivíduos dentro dos gêneros; não construir seus argumentos com base em evidências; desconsiderar o papel do poder na explicação das diferenças de gênero (Brym, *et al.*, 2010).

Reforçando o argumento de que tudo o que foge à cosmovisão conservadora é uma desconstrução simbólica dos valores tradicionais, Guilherme Freire, em tom de denúncia, constrói um raciocínio que articula aspectos religiosos, políticos e morais que supostamente são atacados pelo progressismo:

Guilherme Freire: Parece que tem uma tríade [a ser destruída pelo progressismo nos desenhos infantis], quero ver se vocês concordam, que é Deus, o rei e o pai de família. E o rei eu invoco também porque a gente está falando de princesa. Quer dizer, Deus é um problema, o rei é um problema. Primeiro eu mato Deus, é o primeiro, esse é o pior de todos e tem que morrer rápido. Depois eu mato o rei. E depois eu mato o pai. E aí não tem mais rei, nem pai, nem nada (ep. 03, 34:21-34:50).

Essa linha argumentativa percorre o Programa, por vezes justificando a monarquia como o sistema de governo que se legitima através da defesa da família tradicional, uma vez que:

Flávio Morgenstern: Toda monarquia é privada, meu amigo. Toda monarquia é um empreendimento de uma família que foi lá e trouxe paz àquela sociedade, e a sociedade foi lá e falou assim “olha, então você vai ser nosso rei, porque você nos defende melhor do que qualquer outra pessoa”. As pessoas precisam entender [...] que toda monarquia começa com a defesa territorial a partir de uma família (ep. 05, 41:10-41:28).

Ou seja, defender a família é, necessariamente, defender a monarquia. Por esse motivo, o progressismo atua subvertendo as histórias infantis que envolvem princesas, pois essas histórias estão intimamente relacionadas com os aspectos religiosos que validam os papéis de gênero. Um indicativo desse ataque se encontra em animações mais recentes, principalmente em novas versões de desenhos mais clássicos, como *Cinderela*, onde são retratadas princesas que não são mais dependentes da figura do príncipe:

Guilherme Freire: Por que vocês acham que elas querem colocar isso nas princesas? Por que podia ser outro símbolo, certo? Podiam ser criadas novas histórias.

Pietra Bertolazzi: Porque é uma desconstrução da figura mais feminina e mais divina, a maioria delas são góticas então vêm daquela Era Medieval, onde era tudo muito religioso.

Mariana Brito: E quando você pensa no ápice da feminilidade, você pensa em uma princesa. Então o vestido, a roupa, o cabelo, a maquiagem, a forma como tudo é cuidado. O jeito feminino mesmo de se portar. Então é uma desconstrução dessa figura, dessa coisa feminina, para tentar dizer assim “não, princesa não, isso tá errado”.

Pietra Bertolazzi: [...] A monarquia, na verdade, está ligada com questões religiosas, principalmente com a Igreja Católica. Segundo a Igreja Católica, a mulher nasceu para casar com o homem, né, o cristianismo fala isso. Então, teoricamente, segundo a Bíblia, ou você vai cumprir um papel de devoção à Deus, para um sacerdócio, ou você vai cumprir o teu papel como mulher no lar (ep. 03, 29:50-30:52).

Essa desconstrução, nessa perspectiva, começou de maneira sutil na virada dos séculos XX e XXI e, com o passar das décadas, foi se intensificando:

Marcos Ruppelt: Do *Mulan* é muito interessante o caso, porque é bem na virada do século, 1998, depois do auge com o Walt Disney presente no estúdio. E o que que eles fizeram? Pegaram uma personagem guerreira que, na verdade, queria defender de certa forma a sua família, evitar que o pai, uma pessoa velha, uma figura anciã, participasse da guerra. Ela se envolveu não tanto por um aspecto masculino, no sentido de guerra e violência, mas por um aspecto mais feminino de compaixão. Mesmo uma figura feminina dos anos 90 forte e empoderada, ela na verdade tinha um aspecto muito feminino em torno dela. Ela não precisou deixar de ser mulher para ser princesa, ela se manteve princesa e se manteve mulher, e é uma coisa que a gente perdeu um pouquinho nos dias atuais (ep. 03, 04:23-05:06).

A cosmovisão conservadora propagada pelo *podcast* parte da existência de que há elementos inerentemente masculinos e femininos. Esses papéis são transmitidos de forma natural, de acordo com a função incumbida aos membros de uma família.

Guilherme Freire: A família não é nem um costume. A família é uma decorrência natural do fato de ter dois sexos e eles gerarem um bebê. E alguém tem que cuidar do bebê depois. [...] Olha o nível que nós estamos. Virou um *red pill* para as pessoas [o fato] que biologicamente um homem e uma mulher gera um bebê e que alguém tem que cuidar dele.

Pietra Bertolazzi: Sim, alguém tem que prover o alimento e outra... são complementares. Em relação a própria divindade da natureza humana. E biologicamente também. Vamos supor que você seja um super ateu. Biologicamente existe um homem e uma mulher porque eles se complementam, né, para prover e perpetuar a espécie (ep. 03, 52:30-53:07).

Essa discussão retoma a subversão dos valores pelo feminismo, que na medida em que questiona a legitimidade da dominação masculina sobre as mulheres, corrompe o tecido social tradicional. Dessa forma, ancorados no essencialismo de gênero, o Programa defende que o homem deve reunir atributos tidos como essencialmente masculinos, assim ele pode desempenhar seu papel de sustentar a família:

Danilo Cavalcante: Dois personagens de uma cultura extremamente pop, pelo menos aqui no Brasil. Eu vejo sacrifício, vejo amor, vejo renúncia, vejo doação, vejo força, coragem, vejo disciplina, tudo isso. É Michael Kyle, de *Eu, a Patroa e as Crianças*⁵⁶, que, se você olhar o seriado, é bobo, a premissa é boba, mas todo episódio sempre tem uma lição e muitas vezes de pai para filho; e Julius, de *Todo Mundo Odeia o Chris*⁵⁷. [...] Eu acho que ele é uma baita de uma coluna para sustentar aquela [família]. Tanto é que na história real da série, [...] ela chega na quinta temporada e termina, porque o Julius, o pai do Chris, ele morreu. Você vê a força que tinha aquele personagem na série, porque sem ele não existe história.

Maria Bordini: Interessante isso, ele é a coluna daquela família. Sem ele aquela família perde a estrutura.

Guilherme Freire: Então é uma história patriarcal (ep. 07, 1:05:13-1:06:19).

Para o *Red Pill*, não há apenas papéis inerentemente masculinos e femininos, mas também sentimentos. O romantismo, nessa visão, seria um sentimento feminino, e o cinema é capaz de distorcer a compreensão natural desses sentimentos:

Maria Bordini: Acho que muita gente já teve essa experiência, de você assistir um filme que é extremamente sentimental, um filme romântico, mas que não tem profundidade nenhuma no que seria o amor, você terminar aquilo e aquilo não te saciou. Você entrou naquele filme buscando uma coisa, porque eu falo no papel da mulher, a gente às vezes procura um filme romântico buscando

⁵⁶ *My Wife and Kids* (2001-2005) é uma série de comédia criada por Damon Wayans e Don Reo. Exibida pelo SBT durante as décadas de 2000 e 2010, foi um grande sucesso no Brasil.

⁵⁷ *Everybody Hates Chris* (2005-2009) é uma série de comédia criada por Chris Rock e Ali LeRoi. Assim como *My Wife and Kids*, também foi exibida no Brasil pelo SBT e pela Record e foi um sucesso de audiência.

uma coisa, porque a gente quer ver o amor, nós somos muito românticas por natureza. A mulher, qualquer ser humano, mas a mulher, mais ainda, precisa do amor, esse impulso de amar é muito forte (ep. 07, 11:17-11:50).

Mas, dentre os papéis pertinentes ao homem e a mulher dentro do casamento, o principal está ligado à submissão. Para isso, são combinados aspectos morais e religiosos para justificar a dominação masculina que preconiza a obediência da mulher:

Guilherme Freire: Tem um negócio sobre isso que é o seguinte, e eu acho que as pessoas entendem muito errado. A mulher é submissa ao homem? Sim. Qual é o papel do homem? Morrer pela família.

Mariana Brito: É, o homem tem que amar sua esposa como Cristo amou a Igreja, né?

Guilherme Freire: Que é morrendo. É o primeiro na linha de frente, é o mesmo papel do rei. É o primeiro que tem que morrer. Por isso a mulher se subordina a isso.

Pietra Bertolazzi: Ele só quer respeito em casa, sabe? Ele só quer um pouco de obediência (ep. 03, 1:05:25-1:06:04).

No entanto, há um alerta no que se refere à submissão, no sentido de que ela não deve colocar a vida da mulher em risco. A submissão e a obediência feminina ocorrem por preceitos naturais, não devem ser impostos através da violência física:

Danilo Cavalcante: Mais uma vez é aquela velha história. Termina criando um ideal corrompido do que seria o homem e do que seria a mulher. Então a mulher olha para a Bela, né, a personagem [de Crepúsculo], e diz “então eu vou ficar aqui, aquele cara que é o galã da escola, que é o popular, e vou fazer o que for preciso para ser aceita por ele”. Então, naquela condição ali, a mulher estava diante de um cara que é vampiro [...] e ele diz a ela que queria sugar o sangue dela e ela diz “não, eu vou encarar assim mesmo”. Então assim, que amor é esse que o camarada quer o teu mal naquele momento, que ele pode, a qualquer momento, fazer o mal a você e você vai se submeter? Aí você olha [para] a mocinha que assistiu isso e ela acha “poxa, mas tem um contexto”. Vai para a vida real, imagina que tem um homem com o qual você é casada e ele diz “vou te espancar. Eu tenho o desejo de te espancar, mas estou aqui me segurando”. Que relacionamento é esse? Então, a percepção do que seria o amor, naquele caso, é um culto aberto à degradação. É um culto aberto a você olhar para o outro, se inferiorizar diante dele e aceitar ser subjugada. Aceitar que ele ordene o que pode e não pode acontecer na tua vida. A tua vida literalmente, não literalmente, mas figurativamente, está na mão dele. Ele vai, no momento em que ele quiser, fazer o que ele quiser com você (ep. 07, 51:05-52:25).

Desse modo, a distinção entre as posições revela-se tênue. Enquanto a submissão é justificada enquanto um ato voluntário da mulher, a subjugação, por outro lado, é denunciado como uma imposição. Entretanto, ao defender que o papel da mulher se restringe ao cuidado do lar enquanto ao homem compete o sustento material, o conservadorismo atua na reprodução da condição de dependência da mulher. Se a subsistência financeira da mulher é garantida pela figura masculina, o

que é exaltado como complementariedade entre gêneros, na prática, mascara uma relação de poder que coloca a vida da mulher material e *figurativamente nas mãos do homem*.

Em suma, ainda que o ataque a monarquia seja visto como um ataque à família tradicional, essa não é a única afronta do progressismo. De acordo com essa narrativa as famílias devem ser compostas por pessoas cisgêneros, heterossexuais e, de preferência, com muitos filhos:

Maria Bordini: Quando que a gente vê uma família de quatro filhos no cinema hoje em dia? Não existe isso
 Danilo Cavalcante: E quando você vê é para ridicularizar, para mostrar como algo negativo (ep. 07, 49:17-49:21).

Essa fala revela não apenas nostalgia por um modelo de família específico, mas também fortalece a narrativa conservadora de que há uma representação midiática que visa deslegitimar esse modelo. Desse modo, exemplos diversos de famílias, ou mesmo a ausência delas, é visto como uma ofensiva progressista na guerra cultural.

4.3.3 A agenda LGBT

Percebemos, assim, a existência de um padrão: a implementação de uma agenda que começa de forma sutil e vai se intensificando, buscando a subversão do imaginário, principalmente das crianças. Esse seria, portanto, o *modus operandi* do globalismo progressista. Foi assim na promoção dos ideais de esquerda e assim o é no estímulo feito por mais uma fantasia conspiratória: a agenda LGBT. Conforme observado no episódio 09:

Guilherme Freire: Na época dos anos 90 tinha muito isso. Por exemplo, tinha aquela série *Will and Grace*⁵⁸, que tinha a questão do cara que era homossexual, e houve um trabalho para aumentar a recepção do homossexualismo (sic) nos Estados Unidos a partir da série *Will and Grace*. Pessoas conhecidas já comentaram sobre isso, se eu não me engano foi Barack Obama, já comentou da importância da série. E é uma coisa que tinha muito efeito porque era muito sutil, sabe? Porque era leve, era descontraído, era jocoso (ep. 09, 07:53-08:17).

⁵⁸ *Will and Grace (1998-2006)* é uma série de comédia criada por Max Mutchnick e David Kohan. A série acompanha a amizade de Will Truman (Erick McCormack), um advogado homossexual, e Grace Adler (Debra Messing), uma designer de interiores heterossexual. Foi uma das primeiras séries de TV a ter um protagonista declaradamente homossexual, e contribuiu para a normalização de personagens LGBT+ na mídia hegemônica.

Quando os desenhos animados começaram a incluir pautas de diversidade nas histórias, isso foi reinterpretado pelo conservadorismo como a confirmação da leitura feita sobre o progressismo como uma evolução do comunismo. As novas pautas da esquerda incluíam agora o questionamento da heteronormatividade. Essa reconfiguração alimenta a fantasia conspiratória de que o objetivo do progressismo, através da militância LGBTQ+, é a sexualização precoce das crianças. Em desenhos não tão recentes, datados do início do século XXI, esse estímulo era feito através de mensagens subliminares:

Guilherme Freire: O *Meninas Superpoderosas*⁵⁹ era campeão de mensagem sexual subliminar metralhada. Se alguém digitar, é só digitar, digita “mensagens sexuais nas meninas superpoderosas”, vai ter assim, muitos exemplos.

Marcos Ruppelt: [...] Só uma curiosidade: *As Meninas Superpoderosas*, apesar de ser da Era de Ouro, digamos, da Cartoon Network, se estendeu até dias recentes. Eu tava vendo, em 2016 eles tiveram episódios dedicados à causa LGBTQ, então isso começou a aparecer forte nos últimos 5 anos (ep. 09, 08:30-09:20).

Um desenho apontado como o início dessa politização mais explícita seria o *Bob Esponja*:

Marcos Ruppelt: Um desenho que talvez seja a origem dos nossos problemas é o *Bob Esponja*⁶⁰. [...] Uma *red pill* é que talvez o Bob Esponja e o Patrick sejam um casal.

Guilherme Freire: [...] não tem um personagem no *Bob Esponja* que, primeiro, dos homens, seja masculino, eles não são. O Bob Esponja não é masculino, o Patrick não é masculino, e o Lula Molusco não é masculino. O único cara que é um pouco mais masculino é o Sirigueijo, que é o capitalismo opressor na história. E aquilo é totalmente desvirilizante, em vários aspectos. [...] Mal sabia eu que isso iria piorar muito (ep. 09, 10:15-10:50).

Às vezes, a narrativa ganha ares mais sérios e conspiracionistas, chegando, em determinados momentos, a ser relatado em tom de revolta. Em outros, é dito em tom de piada. Geralmente, desenhos que tratam abertamente da diversidade são ridicularizados:

Marcos Ruppelt: Vou fazer descrição, não vou fazer juízo de valor. *Força Queer*⁶¹ é uma animação, uma produção original da *Netflix* que estreou esse ano, 2021, uma série que [tem] acho que 10 episódios. Basicamente, o

⁵⁹ *The Powerpuff Girls* (1998-2005) é uma série de animação criada por Craig McCracken. No Brasil, a animação foi exibida pelo canal de TV fechada *Cartoon Network* e na TV aberta pelo SBT.

⁶⁰ *SpongeBob SquarePants* (1999-) é uma série animada criada pelo biólogo marinho e animador Stephen Hillenburg. A série é conhecida pelo humor *nonsense*, referências à cultura pop e piadas com apelo tanto infantil quanto adulto. No Brasil foi transmitida pela TV Globo, sendo um sucesso de audiência, consolidando-se como um marco na cultura pop infanto-juvenil nas décadas de 2000 e 2010.

⁶¹ *Q-Force* (2021) é uma série de animação adulta de comédia e ação criada por Gabe Liedman e exibida pela *Netflix*. Subvertendo o arquétipo criado pelo personagem James Bond, a animação apresenta agentes secretos LGBTQ+. Apesar do foco ser no público LGBTQ+, a série foi criticada por seu humor depender de estereótipos, o que gerou um humor considerado ultrapassado.

personagem principal é o Steve Maryweather, e ele foi punido no trabalho porque revelou à equipe dele, aos superiores, que ele é homossexual. E ele sai do trabalho, então, para fazer parte de um grupo de espiões LGBT. E a jornada dele é esse reencontro com o trabalho, os amigos, uma missão vocacional, digamos assim.

Thais Schmitt: Que lindo.

Guilherme Freire: Thais, você passaria para os seus filhos esse desenho?

Thais Schmitt: Jamais. Você é louco?

Flávio Morgenstern: Você passaria para a sua avó, você passaria para algum ser humano, você passaria para alguma forma de vida, o *Força LGBT* (sic)?

Acho que nem uma parede merece isso (ep. 09, 32:40-33:27).

O diálogo acima, realizado em meio a muitas risadas, revela uma das estratégias de *marketing* da *BP Select*. Na medida em que uma produtora concorrente, a Netflix, disponibiliza em seu catálogo obras nocivas à educação e à construção dos valores das crianças, a *BP Select*, por outro lado, se assume como partilhante da cosmovisão conservadora dos pais, de modo que se posiciona não apenas como uma fonte de entretenimento, mas também como um espaço seguro e ideologicamente alinhado.

Em outro diálogo, Guilherme Freire, que é professor de crianças e adolescentes, dá a entender que se mantém atualizado com o que é assistido por seus alunos:

Guilherme Freire: Eis que eu estou, outro dia, dando aula no colégio, e aí eu estou lá, passando, e os meninos falam sobre o que estão assistindo e eles me falam de um tal de *Steven Universo*⁶². Aí eu ligo lá para ver o tal do *Steven Universo*, certo? [...] É um dos desenhos mais assistidos do mundo. E qual é a história do *Steven Universo*? Ele tem três mães. Ninguém fala isso, é tudo meio [implícito]... ele tem um pai, mas o pai dele é o cara da Van, ele tá meio *off*. E aquelas três mães, na prática ele tem três mães, e uma dela é a fusão de duas mulheres que se amam, então são meio que quatro, na verdade. E o Steven tem um escudo rosa, e a namorada dele tem uma espada (ep. 09, 15:29-16:21).

Essas discussões vão criando o terreno para apresentar a verdadeira intenção, que é alimentar um pânico moral direcionado à comunidade LGBT, relacionando-a com a sexualização infantil. Alternando o tom jocoso com denúncia em tons alarmantes, o *Red Pill* sugere que a meta do progressismo seria não apenas a sexualização das crianças, mas, em última instância, normalizar o abuso infantil:

Guilherme Freire: Outro dia eu liguei também, [nesse] *Hora de Aventura*⁶³, que é famoso. Tinha a princesa cientista... E o episódio é assim: todos os

⁶² *Steven Universe* (2013-2019) é uma série de animação criada por Rebecca Sugar. A série, criada por uma pessoa LGBT+ tem grande representação LGBT+ entre seus personagens e temáticas. Aborda ainda temas como saúde mental, amor-próprio e autoaceitação.

⁶³ *Adventure Time* (2010-2018) é uma série de animação criada por Pendleton Ward. Sucesso de público, a série é conhecida por sua estética colorida e aparentemente infantil, mas que vai

personagens mudavam de sexo. Os meninos viravam menina, e as meninas viravam menino. E aí tinha um unicórnio que falava grosso, e era a namorada...

Marcos Ruppelt: O personagem principal não é um animal?

Guilherme Freire: Não, o personagem principal é um guerreiro chamado Fin, mas que é um cara meio panaca. E ele tem um amigo que é um cachorro, e o cachorro acompanha ele. [...] Aí tem a princesa *Bubblegum*, que é uma cientista, e tem uns casais. Tem casal LGBT, não sei o que, e tem essa inversão de papel. E aí o unicórnio que fala grosso, ele tem um relacionamento com o cachorro. E eu lembro que eu estava vendo aquilo e falei para alguns pais, e eles falaram assim 'nada, isso foi porque o [personagem] Rei do Gelo mandou um plano para poder confundir as pessoas'.

Flávio Morgenstern: O Rei do Gelo, na escola do seu filho, ele vai confundir a cabeça do seu filho...

Guilherme Freire: O Rei do Gelo se chama professor, né?

Flávio Morgenstern: Exatamente. E aí a sua filhinha vai entrar no banheiro, e vai ter uma *trozoba* (sic) de trinta centímetros e 'foi o Rei do Gelo que confundiu as pessoas', entendeu, pai? Aí a sua filha vai lá manipular a espada de gelo, entendeu? É isso (ep. 09, 23:02-24:24).

Toda essa discussão se baseia no que os setores conservadores denominam de ideologia de gênero, cujo combate a esta foi uma das principais plataformas políticas da direita conservadora, sobretudo nas eleições federais de 2018 e 2022 no Brasil. No âmbito político-institucional, Marina Lacerda (2019, p. 73) condensa que:

[...] os elementos em questão no combate à ideologia de gênero: defesa da família tradicional; defesa da vida (contra o aborto); defesa dos papéis tradicionais de homens e mulheres; combate às identidades de gênero e às orientações sexuais que não seja cis ou hetero; defesa dos valores religiosos cristãos.

A ideologia de gênero é uma proposital distorção dos estudos de gênero, reduzindo-os a simples ideologia, possibilitando, assim, esvaziar seu conteúdo teórico e deslegitimar suas formulações. Conforme apontado por Lucas Bulgarelli (2018, p. 102),

A meu ver, a expressão ideologia de gênero merece ser entendida a partir do deslocamento do próprio significado de gênero. Trata-se de um mecanismo simples, embora bastante engenhoso, que consiste em reduzir esta categoria a uma ideologia, parcializando sua legitimidade e neutralizando seus efeitos. É característica desse tipo de disputa a multiplicação de políticos e candidatos que adotam a 'ideologia de gênero' como um mal a ser combatido. Desde então, professores passaram a enfrentar reações hostis quando abordam gênero e/ou sexualidade em sala de aula, temas considerados controversos, quando não proibidos, por pais e diretores. Essa postura persecutória facilita o trabalho de desconstrução e transformação de gênero em uma categoria diabólica, a chamada ideologia de gênero, tornando-se facilmente desqualificável.

paulatinamente revelando camadas narrativas mais maduras, abordando saúde mental, relacionamentos complexos, lutos e traumas.

Por fim, há, nessa associação, uma clara tentativa de legitimar a perseguição a um grupo historicamente estigmatizado. Correlacionar a representação da diversidade nas animações com abuso infantil, baseando-se exclusivamente em caricaturas preconceituosas, constitui, em si, um ato de profunda violência simbólica e discursiva contra a população LGBT+.

4.4 Ciência e produção do conhecimento

Neste ponto, o Programa opera principalmente na crítica à ciência institucionalizada, à educação formal e ao jornalismo especializado. Há uma negação sistemática de tudo o que vá além da cosmovisão conservadora. Há, ainda, uma confusa articulação que combina um ideal pré-moderno, que carrega os elementos da tradição, com o padrão colonial de produção do conhecimento e uma narrativa que faz apologia à superioridade da civilização ocidental.

4.4.1 Negacionismo científico

O ápice da produção e da popularidade do *podcast* ocorreu em paralelo com a pandemia da Covid-19. Nesse contexto, ainda que a Brasil Paralelo tentasse se distanciar do bolsonarismo para manter a narrativa de independência, a narrativa do Programa era alinhado com o que foi defendido pelo Governo Federal, à época encabeçado por Jair Bolsonaro. Minimizando a crise e descredibilizando as medidas de restrição sanitária, o *Red Pill* compara tais medidas a um cenário distópico:

Flávio Morgenstern: [*Utopia*⁶⁴] é uma série em que existe uma pandemia que está se espalhando rapidamente, e tem o dono de uma empresa, super benéfico, um cara super do bem e que fala o tempo todo “nossa, como eu sou do bem”, e ele desenvolve uma cura, um remédio, para aquela pandemia que está matando cada vez mais pessoas. E depois, e eu vou dar um *spoiler*, porque se eu não der um *spoiler* você não vai querer ver. O *spoiler*, basicamente, a vacina ela foi feita para controle populacional.

Guilherme Freire: Na série a vacina é uma ferramenta de controle populacional? Ela é de dois mil e...?

Flávio Morgenstern: 2019, mas foi lançada no início de 2020. E aí essa vacina, ele fala “espera aí, não vem me chamar de assassino, não, meu amigo. Porque eu não sou vilão de história em quadrinhos, não. O que eu

⁶⁴ *Utopia* é uma série de suspense e ficção científica que existe em duas versões. A original britânica, criada por Dennis Kelly e exibida entre 2013 e 2014, e uma adaptação estadunidense feita por Gillian Flin, estreada em 2020. A série ficou conhecida pela violência gráfica e por abordar uma conspiração sobre saúde e vacinas, o que, devido a coincidência entre a estreia da versão estadunidense e a pandemia da COVID-19, foi um dos fatores para o seu encerramento.

estou fazendo é simplesmente tirando a fertilidade das pessoas” (ep. 05, 18:50-19:52).

A justificativa oficial para o cancelamento de novas temporadas foi a baixa audiência. No entanto, conforme a lógica conspiracionista adotada pelo Programa, o fim da produção teria sido, na verdade, uma retaliação da elite globalista, pois a série estaria revelando seus planos, principalmente os relacionados aos perigos da vacina contra a Covid-19. Mas, por qual motivo os estúdios, comandados pelos globalistas, financiariam a produção da série que supostamente revelaria seus planos ocultos apenas para silenciá-la posteriormente? Essa falta de coerência ilustra o que, para Paolo Demuru (2024, p. 28) é “[...]o paradoxo do discurso conspiracionista: a verdade que ele diz revelar há de se manter sempre, em algum grau, um mistério. Seus segredos não podem ser desvendados por inteiro”.

Outro inimigo do bolsonarismo é apresentado, de forma conspiratória, no Programa: o Supremo Tribunal Federal (STF).

Paulo Kogos: Ao mesmo tempo, você vê o que aconteceu aí nos últimos anos, nos últimos meses, aconteceu um negócio aí em 2020, que a gente não pode falar sobre...

Flávio Morgenstern: Porque a gente vive em uma sociedade livre, né?

Paulo Kogos: Totalmente livre. O STF é um grande respeitador da liberdade de expressão, são doutos senhores libertários, né?

Marcos Ruppelt: Iluministas, né?

Guilherme Freire: Iluministas, são. Iluminista é um adjetivo que eu acho que cabe (ep. 05, 22:35-23:01).

Nesse caso, a crítica é dirigida à suposta censura direcionada às opiniões diversas, normalmente a dos conservadores. Sempre que há algum tipo de responsabilização pelo conteúdo publicado, essa queixa surge, alegando censura e perseguição. Curiosamente, juristas, como Rubens Casara (2018), alegam que os sistemas de justiça geralmente têm uma tendência conservadora, pois além das formas jurídicas servirem à manutenção das estruturas de poder, os textos legais que fundamentam a atuação dos atores jurídicos são documentos culturais produzidos de acordo com os valores dominantes de sua época. Por esse motivo, os ataques direcionados ao sistema judiciário realizados pela coalização conservadora ao qual a Brasil Paralelo faz parte não visa apenas preservar as estruturas de poder, mas objetiva, principalmente, controlá-las.

Na guerra cultural, o uso das fantasias conspiratórias é uma das principais armas dos conservadores. Nesse sentido, para o *Red Pill*, as medidas de restrição sanitária contra a Covid-19 foram interpretadas como um processo de perda da

liberdade individual. Sob o prisma conservador, tudo não passou de um experimento social para cercear a privacidade:

Flávio Morgenstern: Cara, eu entro no *shopping* desse jeito. O cara do [filme] *Gattaca*⁶⁵ tá lá, [medindo a minha temperatura pela] minha testa. Aí eu falo “nossa, agora eu posso entrar no *shopping*”. Cara, por que que eu posso entrar no shopping com um cara verificando a minha temperatura? Isso é parte da minha privacidade, se eu estou com febre ou não, dane-se. Velho, não encha a porcaria da minha temperatura, é igual você mexer nas minhas nozes. A temperatura faz parte disso, ela tá inclusa no fator privacidade.
Paulo: E o simbolismo? [faz um sinal de arma com as mãos] É um condicionamento. Não se choque com alguém apontando isso [uma arma] na sua cabeça, vai ficar mais normal daqui para frente (26:55-27:33).

Embora a declaração não nomeie explicitamente quem está por detrás dessa conspiração, o contexto discursivo do Programa sugere que seria uma manipulação da elite globalista. Ao não a nomear diretamente, o *podcast* preserva a aura de mistério que ronda tal fantasia conspiratória. Com base na premissa original do *Red Pill* de fornecer interpretações que vão além do superficial e revelem supostas *verdades ocultas*, um diálogo sobre o desenho *Carmen Sandiego* reforça a ideia de que o pensamento conservador, por ser divergente, enfrenta censura e cerceamento da liberdade:

Flávio Morgenstern: Eu agora estou indo para um país que tem restrições às pessoas saírem nas ruas e postarem coisas em redes sociais. Adivinha que país é esse?
Thais Schmitt: Qualquer um. Não dá para adivinhar (ep. 09, 40:47-41:00).

Nesse caso, além de liberdade de circulação, há uma referência à censura às redes sociais. Interpretado à luz da tese do colonialismo digital (Silveira, 2021), há aqui uma apologia à liberdade das *big techs* operarem livremente, sem nenhum tipo de responsabilização, nem para as empresas nem para seus usuários, do conteúdo nelas produzido. Por mais que, em determinado momento, as *big techs* sejam definidas como partícipes do sistema globalista, é em seu bojo que os conservadores julgam poder exercer a liberdade de expressão. A defesa dessa liberdade irrestrita, portanto, ignora que os algoritmos já funcionam como uma espécie de censor, na medida em que determinam o conteúdo que será exibido, agindo como se as *big techs* fossem imparciais e neutras. Essa narrativa mascara o fato de que agentes como a Brasil Paralelo, que possuem dinheiro e *expertise* para ampliar o alcance de suas mensagens, são favorecidos pelo modelo de negócio das redes digitais.

⁶⁵ *Gattaca* (1997) é um filme de ficção científica e distopia escrito e dirigido por Andrew Niccol. Apesar de ter tido um desempenho mediano nas bilheterias, sua relevância cresceu ao longo do tempo, tornando-se um clássico *cult*, elogiado por sua abordagem sobre determinismo genético e livre-arbítrio.

Outra analogia correlaciona as medidas restritivas com uma distopia, mais uma vez se colocando no papel de perseguidos pelo sistema e censurados por ter uma opinião discordante:

Guilherme Freire: Tinha esse *Sonic*⁶⁶, que era o *Sonic* distopia. E eu fiquei chocado, porque o *Robotinic* ganha, a premissa é: o *Robotinic* ganhou. Então o *Sonic* virou uma distopia totalitária, no qual toda a natureza foi destruída, e o *Robotinic* agora manda na cidade urbana e manda esses *androids* fiscalizarem para ver as pessoas que transgridem a lei do *Robotinic*.

Flávio Morgenstern: nossa, o *Robotinic* tem *fact-checkers*.

Guilherme Freire: eles têm *scanners*. E eles escaneiam as pessoas que estão passando para garantir que elas estão de acordo com a mecanização que ele está impondo.

Flávio Morgenstern: nossa, o *Robotinic* criou uma CPI.

Marcos Ruppelt: só falta ter que apresentar o PCR negativo (ep. 05, 53:30-54:12).

Essa fala está inserida no contexto de quando o Senado Federal instaurou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da pandemia da Covid-19. O Relatório Final da CPI aponta a Brasil Paralelo como um agente de desinformação, compondo o que foi identificado como o “núcleo de produção e disseminação de *fake news*” (Senado Federal, 2021, p. 670), um grupo em que seus participantes se apresentam como empresas jornalísticas, mas falta-lhes o compromisso com os princípios éticos do jornalismo. Nesse sentido, o ataque à CPI serve para descredibilizá-la perante o público do *Red Pill*.

Não obstante, essa não é a única fantasia conspiratória que aparece no Programa. Há ainda uma referência a uma antiga teoria da conspiração de negação das mudanças climáticas:

Paulo Kogos: [O globalismo] vai sendo transposto para outras esferas da dimensão humana, por exemplo, a esfera ambiental. “Ah, o homem não consegue preservar o meio ambiente”. E isso até indo para assuntos completamente anticientíficos não provados como o aquecimento global.

Flávio Morgenstern: Agora o Google, inclusive, vai parar de monetizar qualquer canal que negue o aquecimento global. Então, está quente para caramba, não é? Eu acho que está quente (ep. 05, 06:19-06:40).

Joe Mulhall (2022) sugere que há redes transnacionais que articulam governos, partidos e movimentos de extrema direita, permitindo que as pautas desses setores políticos sejam compartilhadas entre si e adaptados às realidades locais de seus respectivos países. Desse modo, o ambientalismo é visto como uma frente de batalha

⁶⁶ *Sonic the Hedgehog* é uma franquia de videogames criada pela Sega, com o primeiro jogo sendo lançado em 1991. A franquia expandiu-se para outras mídias, como histórias em quadrinhos, séries de animação e adaptações cinematográficas. É um grande ícone da cultura pop.

da guerra cultural, uma vez que é uma pauta criada pelas elites globalistas. Nas palavras de Mulhall, (2022, pp. 249-250):

O interesse da extrema direita na política climática pode, em parte, ser explicado por sua rejeição descarada de qualquer discussão política esquerdista e por suas críticas às 'elites globalistas' que estão supostamente suprimindo e controlando as visões do senso comum e as liberdades das pessoas.

Outro tipo de negacionismo científico observado no *corpus* é a descredibilização de disciplinas científicas. A História enquanto disciplina científica é particularmente menosprezada:

Lucas Ferrugem: Eu li um livro de história, e história era uma disciplina que eu gostava quando era moleque, eu li um livro de história ou alguma coisa assim, e eu me entusiasmava com aquela história. Mesmo o texto sendo seco. Até hoje eu procuro livro, quando eu abro uma biografia, um livro de história e eu vejo que o cara é muito chato, eu já fico desmotivado, porque eu gosto do tom narrativo. Tanto que o História da Igreja [de Cristo] [de Daniel-Rops], aquele, é um que eu liguei para o João Malheiro antes de comprar e fiz assim 'João, me diz uma coisa, esse livro aqui é narrativo ou vai ficar enchendo de documento?'

Clístenes Hafner: A grande crítica dos historiadores é que ele põe poucas referências.

Guilherme Freire: Os historiadores falam muita besteira (ep. 01, 48:42-49:10).

Esse diálogo expõe uma postura deliberadamente anti-intelectual, ilustrando o que a historiadora Sônia Meneses (2019) chama de “história ensinada para Homer Simpson⁶⁷”. Para a autora, esse comportamento gera um consumo de conteúdo historiográfico que ela qualifica como a apropriação conservadora sobre o passado, e é um conhecimento histórico que serve para a manutenção do *status quo*. Em síntese: “Uma história para ensinar Homer Simpson é uma história adversa à reflexão crítica, que ignora dados e registros do passado apresentados num jogo de conformação que prioriza tão somente seus efeitos políticos” (Meneses, 2018, p. 85).

A apropriação conservadora sobre o passado torna-se bastante proveitosa para compreender a estratégia da Brasil Paralelo, especialmente no que se refere ao slogan *entretenimento que educa*. Na medida em que as obras priorizam a narrativa em detrimento da rigidez documental, as produções abrem espaço para distorções, omissões e reinterpretações dos fatos históricos, subordinando-os à agenda político-ideológica da empresa. Dessa forma, mais do que educação e entretenimento, o material produzido é um instrumento de propaganda metapolítica, onde a educação é um projeto de construção de valores à longo prazo (Teitelbaum, 2020).

⁶⁷ O popular personagem da série animada Os Simpsons (1989-), conhecido pela falta de inteligência.

Em outra passagem, os participantes do programa, com a verborragia característica, chegam a rejeitar consensos científicos, apontando a história antiga como algo ficcional:

Clístenes Hafner: O pessoal que vier falar dos Vedás, de Gilgamesh, desliga isso aqui e vá ver outra coisa [...] É legal, é demais, só que eu não consigo acreditar em filólogos que realmente leram aquilo e traduzem... Eu realmente não acredito.

Lucas Ferrugem: É tipo a história do Egito. Pessoal, vou dar um *red pill* a vocês fora desse negócio: a história do Egito é tudo mentira.

Rafael Nogueira: Não, não. Esquece o que ele falou agora, é tudo bobagem. Tem muita coisa que a egiptologia já desenvolveu... (ep. 02, 1:19:25-1:20:35).

Por fim, o Programa sugere que a historiografia brasileira enfraqueceu o conhecimento de país, não conta a história dos heróis do Brasil, reduzindo o imaginário da nação:

Rafael Nogueira: A nossa história está repleta de modelos mais altos. Aí é que está, a nossa imaginação está fraca.

Guilherme Freire: É que não se remete à história do Brasil sem entrar nessa discussão.

Lucas Ferrugem: Mas então, remete ao Brasil Paralelo, remete [ao documentário] A Última Cruzada, que é o seguinte: se a gente pegar essa literatura bombada, de vestibular, ela é final do Império, Primeira República, ali.

Rafael Nogueira: Tem [a Era] Vargas. Tem muita coisa de Vargas, o ENEM era todo ano Vargas. [...] O Segundo Reinado é um avanço rápido, é uma coisa esquecida, muito corrido.

Lucas Ferrugem: Mas então, a gente matou essa história monárquica, independente de o cara ser monarquista, não interessa. Mas matou essa parte da história brasileira e a gente tá preso numa história de ruptura de Monarquia e República. Uma Primeira República ditatorial, depois vem Vargas, depois vem isso e aquilo, e golpe institucional e golpe, golpe, golpe.

Guilherme Freire: A gente tá em uma eterna ruptura. Parece uma decadência que não acaba nunca. (ep. 01, 1:39:26-1:40:50).

Esse diálogo exemplifica, mais uma vez, o viés revisionista que fundamenta o projeto ideológico da Brasil Paralelo. Como ele está presente no primeiro episódio do *podcast*, essas falas introduzem temas que serão abordados em outras ocasiões, como a apologia (por vezes velada, por vezes aberta) à monarquia, e a associação entre conservadorismo e estabilidade política. E a noção de decadência, ainda que anunciada de forma breve, se vincula a uma visão mais ampla de decadência do Ocidente, vista como uma civilização superior que se encontra em crise.

4.4.2 Padrão colonial de cultura

O Programa aponta para a existência de valores universais, que devem ser resguardados porque formaram a Civilização Ocidental. Em contraposição à

padronização cultural implementada pelo globalismo, esses valores são encarados como inatos ao ser humano.

Mariana Brito: Essa desconstrução que foi feita ao longo dos anos [...] é simplesmente uma fuga da nossa natureza. É uma fuga da nossa realidade, é uma fuga daquilo que é bom, daquilo que é verdadeiro, daquilo que é belo, que é legítimo. E quando você faz isso, você desconstrói absolutamente tudo aquilo, todo aquele alicerce que mantém a civilização, porque tudo está ancorado nisso de alguma forma.

Marcos Ruppelt: [...] Provavelmente a Disney educou muito mais a nossa geração do que a escola. Pelos filmes que a gente assistiu, pelos produtos que a gente comprou, pelas experiências até turísticas que a gente viveu, que alguns já viveram e outros pretendem viver em breve. E se a Disney pretende educar as pessoas por mais 20, 30 ou 40 anos, é bom que elas façam isso da forma certa. Transmitindo verdades universais, como eu falei. Não necessariamente valores de esquerda ou de direita, mas transmitindo verdades que são importantes para a formação de um ser humano, que inclusive são valores que formaram a nossa civilização, como bem, mal, perigo, segurança, beleza, feio. Essas coisas precisam estar bem definidas, bem ordenadas, porque senão as pessoas se desorientam na vida de alguma forma (ep. 03, 1:07:58-1:10:10).

Esse trecho revela uma operação ideológica que naturaliza a dominação colonial na medida em que o apresenta como uma base civilizatória universal. Esses comentários ilustram a afirmação de Fanon (2022, p. 34) quando este afirmou que “para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal. A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores”. A amarga ironia no diálogo do Programa é o fato de que seus participantes estão tão profundamente imersos na cultura e nos valores do colonizador que não se entendem como colonizados, que não veem que, aos olhos dos formuladores da noção de decadência do Ocidente, eles são parte do problema. Essa situação explicita o que Mézaros (2004) entende como o poder da ideologia, que é capaz de naturalizar relações de dominação.

Nesse sentido, é reforçado que há uma verdade universal que está ancorada no padrão ocidental cristão, e tudo o que está para além disso é encarado como ideologia.

Mariana Brito: A verdade, ela se sobrepõe a qualquer ideologia. A verdade existe como ela é, é um fim em si mesmo e a gente precisa entender isso. Ponto (ep. 03, 1:11:14).

Esse trecho revela a base ideológica sob o qual a cosmovisão conservadora é construída. Para o *Red Pill* a verdade é objetiva, *existe como ela é*, e, dessa forma, o conservadorismo se compreende como a simples constatação da ordem natural das coisas, não como uma posição ideológica. Nessa lógica, operando a estratégia de

guerra cultural, qualquer perspectiva divergente é encarada (e combatida) como uma ideologia, um desvio dessa verdade. Parte dessa formulação se baseia no filósofo Roger Scruton, um dos poucos escritores citados diretamente ao longo do *corpus*:

Pietra Bertolazzi: [Roger] Scruton que fala, não é? Que não se pode relativizar a verdade, a beleza e uma terceira coisa. O que é mesmo?

Mariana Brito: Não sei, só sei que não pode.

Guilherme Freire: A bondade.

Mariana Brito: E a beleza é objetiva, né?

Pietra Bertolazzi: Sim. O gosto não é objetivo, mas a beleza é objetiva (ep. 03, 59:49-1:00:00).

Aqui reside o tópico mais polêmico encontrado ao longo do *corpus*. É apontado que o que alicerça a civilização ocidental é verdadeiro, e que tudo o que foge a esse padrão cultural é ideológico. E que um dos atributos naturais e universais é a beleza, entendido como objetiva. Então, o Programa defende que a personagem principal do desenho *Moana*, que destoa do padrão ocidental, é feia, e contrastam com Aurora, do desenho *A Bela Adormecida*, cuja representação segue o padrão estético europeu:

Guilherme Freire: Aliás, a *Moana* é feia. Desculpa, eu não sei se convém falar.

Pietra Bertolazzi: Ela é gorda e feia.

Guilherme Freire: A *Moana* é feia para caramba, cara. A Aurora é bonita e a Moana é feia.

Pietra Bertolazzi: As antigas são as mais lindas, né?

Marcos Ruppelt: Olha a diferença da *Cinderela* de 1950 para a Camila Cabello de 2021.

Guilherme Freire: É Camilla Cabello [a nova *Cinderela*?] Eu não sabia que era a Camila Cabello.

Marcos Ruppelt: Ela agora é uma mulher cubana. Latina e cubana.

Guilherme Freire: Mas que... um monte de gente é mulher, latina e cubana. Outro dia apareceu um evento lá 'dia da mulher latino-americana e caribenha'. O que significa isso, cara? Que grupo social grande.

Marcos Ruppelt: A *Cinderela* é uma mulher loira de olho azul. É outro padrão.

Guilherme Freire: A mulher não tem que ser loira de olho azul para ser bonita. Mas o ponto é que a *Moana* é feia.

Pietra Bertolazzi: Ela não é uma taitiana bonita. Só que ela não é bonita, é a desconstrução do belo, está vendo? (ep. 03, 58:13-59:10)

Além de toda violência simbólica representada nesse diálogo, uma das interpretações possíveis é a de que o Programa estabelece uma hierarquia de valor com base em traços culturais e étnico-raciais, reproduzindo um discurso que marginaliza representações não-ocidentais. Conforme demonstrado por Quijano (2005), com a colonização das Américas, a ideia de raça foi estabelecida como um instrumento de classificação para resgatar a noção de beleza como instrumento de classificação, ou, atualizando o debate, marcador social da discriminação racial. A ideia de raça também serviria para legitimar e naturalizar a dominação colonial dos europeus sobre os não-europeus. E, nesse sentido, o conservadorismo enquanto

ideologia que defende que as relações humanas são naturalmente estabelecidas, atua na persistência de um olhar colonial, excludente e que reproduz, em última instância, estruturas racistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a Brasil Paralelo como *corpus* de estudo despertou curiosidades e impôs desafios significativos. Por um lado, a investigação permitiu um melhor entendimento sobre os novos movimentos de direita no Brasil, especialmente sobre os que compartilham de uma cosmovisão conservadora. Por outro, decifrar um empreendimento tão profundamente político e, ao mesmo tempo, parte de uma estrutura empresarial tão bem articulada foi, por vezes, bastante confuso.

Assim, esta dissertação teve como questão central investigar como, por meio do Programa *Red Pill*, a produtora Brasil Paralelo utiliza o entretenimento como estratégia de difusão de conteúdo ideológico. Ao longo do trabalho, o material observado corroborou com a hipótese inicial de que os participantes do Programa eram personalidades influentes da direita brasileira; que os temas debatidos estavam alinhados com as pautas políticas mobilizadas pela direita brasileira no período de produção do Programa e; que o *Red Pill* era uma das principais estratégias da Brasil Paralelo para difundir a cosmovisão conservadora no *YouTube*.

Os resultados indicam que os sujeitos sob a cosmovisão conservadora alegam que as políticas que defendem são estabelecidas de forma natural, enquanto outras, geralmente as que eles discordam, são impostas artificialmente. Tal ideia remete à ideologia como a naturalização de aspectos sociais (Eagleton, 2019), e fica evidente em todos os eixos de interpretação do *corpus*, principalmente nas discussões sobre o globalismo, sobre os papéis de gênero e sobre a defesa da superioridade do padrão cultural ocidental.

Além disso, os resultados também apontam que o *Red Pill* atua sob a estratégia metapolítica, sendo uma forma de disseminação da cosmovisão conservadora para um público amplo, o do *YouTube*. Nesse sentido, a difusão ocorre quando o Programa faz propaganda da BP Select, a plataforma de *streaming* inteiramente gerenciada pela Brasil Paralelo e que contém, além das produções próprias, um catálogo de filmes de terceiros que corroboram a visão de mundo propagada pela empresa. Essa estratégia é fortalecida quando o Programa faz menções diretas e indiretas à obra de pensadores conservadores.

Não obstante, as categorias teóricas que guiaram a confecção do trabalho apareceram ao longo do material coletado. As questões digitais, como a do modelo de negócios baseados na extração e venda de dados (Morozov, 2018) e que geraram,

sobretudo no Sul Global, a forma de dependência tecnológica denominada como colonialismo de dados (Cassino, 2021; Silveira, 2021), surgem quando se observa, a partir do Quadro 1 (pp. 26), que os episódios mais assistidos, portanto, os que geraram os maiores lucros, foram os com conteúdo mais polêmico. Esse êxito comercial também se deve à maestria no manejo das técnicas de propaganda, característica marcante dos movimentos de direita radical (Adorno, 2020).

Os métodos escolhidos também se demonstraram satisfatórios. Adaptar a observação para o campo digital forneceu bons *insights*, contudo, no processo de coleta, ficou evidente que o foco no estudo na narrativa e sua produção deixa lacunas acerca da recepção e impacto junto à audiência, o que enseja novos estudos complementares. Também não foi possível verificar se o *Red Pill* cumpriu, além do papel de agente de conversão ideológica, a função mercadológica de transformar espectadores do *YouTube* em assinantes da *BP Select*.

O emprego da hermenêutica também apresentou um desafio significativo. Interpretar com rigor e seriedade falas baseadas em uma cosmovisão tão singulares e opostas às minhas demandou grande esforço. Além disso, entender algumas das fantasias conspiratórias exibidas foi bastante difícil, enquanto outras, devo confessar, foram divertidas.

Assim, outras pesquisas podem suprir as lacunas deixadas por esta, sobretudo no que se refere ao perfil e percepções dos espectadores, ou mesmo realizar análises comparativas desse empreendimento com outros veículos de comunicação de natureza semelhante, seja no Brasil, seja no exterior.

Por fim, espero que esta pesquisa tenha contribuído com o campo das Ciências Sociais, especialmente na compreensão acerca do fenômeno dos novos veículos de mídia que emergem nas plataformas digitais. E que, na medida em que se conhece mais profundamente o que fundamenta a cosmovisão conservadora, que não se construa um Brasil paralelo que continue a reproduzir violência simbólica e um discurso excludente.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O conceito de iluminismo. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ALBUQUERQUE, Bianca. **A produtora Brasil Paralelo na guerra cultural da extrema direita**: “1964: o Brasil entre armas e livros”. Monografia (Bacharelado em Ciência Política e Sociologia) – Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Universidade Federal da Integração Latino-Americana. p. 82. 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/271bdf15-774e-4a36-8d72-79388321e469>. Acesso em: 08 fev. 2026.

AMATO, Bruna. FUCHS, Jéssica Janine Bernhardt. Discurso de ódio de gênero e subjetivação: articulações entre o masculinismo e extrema direita. *In*: Almeida, Flávio Aparecido de (Org.). **Violência de gênero**: análises, perspectivas e desafios. Guarujá: Científica Digital, 2022. p. 77-92.

AMORIM, Lucas. Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha ser “a Disney brasileira”. **Exame**, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/>. Acesso em: 27 jan. 2026.

AUDI, Amanda. Ex-funcionária da Brasil Paralelo denuncia assédio por ex-diretor da produtora. **Pública**, 18 out. 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/10/brasil-paralelo-ex-funcionaria-denuncia-ex-diretor-por-assedio/>. Acesso em: 27 jan. 2026.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do império americano**: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque. 1. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. *E-book*.

BARGAVA, Aditya Y. **Entendendo algoritmos**: um guia ilustrado para programadores e outros curiosos. São Paulo: Novatec Editora, 2017.

BRASIL. Ministério do desenvolvimento e assistência social, família e combate à fome. Secretaria de Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único. **Manual do pesquisador – métodos e técnicas de pesquisa qualitativa**. Brasília: MDS, 2023. Disponível em: https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/pesquisas/documentos/relatorio/relatorio_276.pdf. Acesso em: 28 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Estudante de Minas desenvolve programa para pesquisadores**. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/14609-estudante-de-minas-desenvolve-programa-para-pesquisadores>. Acesso em: 08 fev. 2026.

BRASIL PARALELO. **O que é a BP Select? Conheça os detalhes do streaming de filmes da Brasil Paralelo**. 14 dez. 2021a. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-a-bp-select>. Acesso em: 28 jan. 26.

BRASIL PARALELO. **O que é feminismo? Conheça a história e influência de um dos principais movimentos da idade moderna.** 18 nov. 2021b. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-feminismo>. Acesso em: 02 fev. 26.

BRASIL PARALELO. **O que é Ideologia de Gênero? Ser homem ou ser mulher, eis a questão.** 24 ago. 2021c. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/ideologia-de-genero>. Acesso em: 02 fev. 26.

BRASIL PARALELO. **O que é a Brasil Paralelo? Conheça a história completa da empresa.** 30 out. 2022a. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/o-que-e-a-brasil-paralelo>> Acesso em: 27 jan. 2026.

BRASIL PARALELO. **O que significa o símbolo da Brasil Paralelo?** 24 mar. 2022b. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/significado-logomarca-brasil-paralelo>. Acesso em: 28 jan. 26.

BRASIL PARALELO. **Código de conduta ética e compliance.** 19 ago. 2022c. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/legal/codigo-de-conduta-etica-e-compliance>. Acesso em: 28 jan. 26.

BRASIL PARALELO. **Conheça todos os cursos da Brasil Paralelo. Catálogo completo do Núcleo de Formação.** 14 mar. 2025. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/conheca-todos-os-cursos-da-brasil-paralelo-catalogo-completo-do-nucleo-de-formacao>. Acesso em: 28 jan. 26.

BRASIL PARALELO. **Sobre nós. O que é a Brasil Paralelo?** Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo>. Acesso em: 27 jan. 2026.

BRASIL PARALELO. **Produções originais BP.** Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/originais-bp#>. Acesso em: 28 jan. 26.

BRYM, Robert; LIE, John; HAMLIN, Cynthia Lins; MUTZENBERG, Remo; SOARES, Eliane Veras; MAIOR, Heraldo Pessoa Souto. **Sociologia: sua bússola para um novo mundo.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota.** Organização: Felipe Moura Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2013.

CASSINO, J. F. O Sul Global e os desafios pós-coloniais na era digital. In: SILVEIRA, S. A.; SOUZA, J.; CASINO J. F. (org.) **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal.** São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p. 13-31.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e terra, 2019.

COMSCORE. **Tendências digitais 2023.** 2023. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Apresentacoes-e-documentos/2023/Tendencias-Digitais-2023>. Acesso em: 19 jun. 25.

COSTA, Alexandre. **O mínimo sobre globalismo.** Campinas, SP: O Mínimo, 2023.

COUGO, Carolina. As violências e perigos do movimento red pill na internet: contrapontos a partir da teologia feminista. **Coisas do gênero: Revista de estudos feministas em teologia e religião [S. l.]**, v. 10, n. 2, p. 30–50, 2025. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/genero/article/view/3277>. Acesso em: 28 jan. 2026.

DEMURU, Paolo. **Políticas do encanto**: extrema direita e fantasias de conspiração. São Paulo: Elefante, 2024.

DI CESARE, Donatella. **Terror e modernidade**. Belo Horizonte, MG: Editora Âyiné, 2019. (Biblioteca Antagonista; 25).

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2019. *E-book*.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**: introdução à pesquisa semiológica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. (Coleção Estudos).

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A, 2022. *E-book*.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. (Biblioteca de ciências sociais).

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FISHER, Mark. **Fantasmas da minha vida**: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

GERÔNIMO, Mirela; SANTANA, Bruno. Do governo Bolsonaro ao pós-governo: a guerra cultural e sua continuidade na política brasileira (2018-2023). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DO PPGS/UFS, 5., 2024, São Cristóvão. Anais [...]. São Cristóvão: PPGS/UFS, 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 79-108.

GOOGLE. **Impacto econômico do Google no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://impactoeconomico.withgoogle.com/intl/pt-BR_br/> Acesso em: 19 jun. 25.

GRANJEIA, Julianna. Brasil Paralelo: quem financia a produtora que milita contra o direito ao aborto? **AzMina**, 17 jul. 2024. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/brasil-paralelo-quem-financia-a-produtora-contr-o-direito-ao-aborto/?ref=nucleo.jor.br>. Acesso em: 28 jan. 26.

KIRK, Russel. **Breve manual de conservadorismo**. São Paulo: Trinitas, 2021. *E-book*.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. *E-book*.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUROSE, James F.; ROSS, Keith W. **Redes de computadores e a Internet**: uma abordagem top-down. 6 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

KWET, Michael. Digital colonialism: The evolution of US empire. **Transnational Institute**. 2021. Disponível em: <<https://longreads.tni.org/digital-colonialism-the-evolution-of-us-empire>> Acesso em: 19 jun. 25.

KYNCL, Robert. **Streampunks**: o YouTube e os rebeldes que estão transformando as mídias. 1. Ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2019.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

LOWENSTEIN, Antony. **Laboratório Palestina**: como Israel exporta tecnologia de ocupação para o mundo. 1. Ed. São Paulo: Elefante, 2024.

MACHADO, D. F. A colonização dos dados como produto das operações das mídias sociais no sul global. SILVEIRA, S. A.; SOUZA, J.; CASINO J. F. (org.) **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2021. p. 51-66.

MENESES, S. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 66–88, 2019. DOI: 10.20949/rhhj.v8i15.522. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/522>. Acesso em: 3 fev. 2026.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOROTYN, Paulo. Brasil Paralelo já gastou meio milhão de reais em anúncios contra aborto. **Intercept Brasil**, 21 jun. 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/06/21/brasil-paralelo-ja-gastou-meio-milhao-de-reais-em-anuncios-contraborto/>. Acesso em: 28 jan. 26.

MULHALL, Joe. **Tambores à distância**: viagem ao centro da extrema direita mundial. São Paulo: LeYa Brasil, 2022.

PAPPE, Ilan. **Dez mitos sobre Israel**. Rio de Janeiro: Tabla, 2022. *E-book*.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/razionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur-Sur). *E-book*. Disponível em: <https://libreria.clacso.org/publicacion.php?p=164&c=13>. Acesso em: 03 fev. 2026.

RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como problema**. São Paulo: Global, 2016. *E-book*.

ROSA, Pablo Ornelas; ANGELO, Vitor; ALMEIDA, Victor; VIEIRA, Breno. **Tecnoconservadorismo e o Brasil Paralelo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

SANTINI, R. Marie; SALLES, Débora; BELIN, Luciane L; BELISÁRIO, Adriano; MATTOS, Bruno; MEDEIROS, Stéphanie G.; MELLO, Danielle; GRAEL, Felipe;

SEADE, Renata; BORGES, Amanda; MURAKAMI, Lucas; CARDOSO, Rafael; DAU, Erick; LOUREIRO, Felipe; YONESHIGUE, Bernardo; CARMO, Vitor do; MAIA, Felipe. “Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher”: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Publicado em Dezembro de 2024.

SANTOS, Frederico Rios C. dos. O que se entende por retórica da Guerra Cultural. **Domínios da lingu@gem**, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 180–227, 2020. DOI: [10.14393/DL45-v15n1a2021-6](https://doi.org/10.14393/DL45-v15n1a2021-6). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/52265>. Acesso em: 28 jan. 2026.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Série Pensamento Moderno). *E-book*.

SCRUTON, Roger. **Conservadorismo**: um convite à grande tradição. Rio de Janeiro: Record, 2019. *E-book*.

SENADO FEDERAL. CPI da Pandemia: relatório final. Brasília: Senado Federal, 26 out. 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2441/>. Acesso em: 03 fev. 2026.

SICSÚ, João. **Dez anos que abalaram o Brasil. E o futuro?** Os resultados, as dificuldades e os desafios dos governos de Lula e Dilma. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

SIDI, Pilar; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942–1954, 2017. DOI: 10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9270. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9270>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SILVA, Juremir Machado da. **Raízes do conservadorismo brasileiro**: a abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SILVEIRA, S. A. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. SILVEIRA, S. A.; SOUZA, J.; CASINO J. F. (org.) **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2021. p. 32-50.

SKOUSEN, W. Cleon. **O comunista exposto**: desvendando o comunismo e restaurando a liberdade. Campinas, SP: Vide Editorial, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do Segundo Império**. Rio de Janeiro: Graphia, 1998. (Memória Brasileira; 1).

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2018. (Futuros próximos; 19).

STEFANONI, Pablo. **¿La rebeldía se volvió de derecha?** Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2021. *E-book*.

TEITELBAUM, Benjamin. Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

TRINDADE, Liana S. **As raízes ideológicas das teorias sociais**. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaio; 40).

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAN DIJCK, José. **La cultura de la conectividad: una historia crítica de las redes sociales**. 1. Ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. *E-book*.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 2000.

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021. *E-book*.